

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

DAIANE DALA ZEN

**MULHERES SEM ROSTO: IMAGENS DO FEMININO NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL (2004-2012)**

CAXIAS DO SUL

2019

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

**MULHERES SEM ROSTO: IMAGENS DO FEMININO NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL (2004-2012)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, na Universidade de Caxias do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestra em História.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Cultura no Ensino da História.

Orientadoras: Professora Terciane Ângela Luchese e Professora Eliana Rela.

CAXIAS DO SUL

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

Z54m Zen, Daiane Dala

Mulheres sem rosto : imagens do feminino nos livros didáticos de história do ensino fundamental (2004-2012) / Daiane Dala Zen. – 2019.
166 f. f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

Orientação: Terciane Ângela Luchese, Eliana Rela.

1. Imagens - Mulheres. 2. Livros didáticos. 3. História (Ensino fundamental). I. Luchese, Terciane Ângela, orient. II. Rela, Eliana, orient. III. Título.

CDU 2. ed.: 621.397-055.2

Catálogo na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

Mulheres sem rosto: imagens do feminino nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental (2004-2012)

Daiane Dala Zen

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 10 de julho de 2019.

Banca Examinadora:

Dra. Terciane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Eliana Rela
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Katani Maria Monteiro Ruffato
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Natalia Pietra Méndez
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho a todas as mulheres da minha vida: trisavós, bisavós, avós e tias, muitas delas tiveram o nome apagado e a face omitida. São elas: Antônia Giacoma Bernardi, Therese Zandomenichi, Lúcia Gazzola, Antônia Reginatto, Adele Empinotti, Zélide Zanotto, Nilva Dala Zen de Almeida, Neusa Dalla Zen Deluchi, Nolvita Dalla Zen Susin, Joana Garbujo Poloni, Theresa Santolin, Ângela Basso, Cecília Poloni Ferrari, Lourdes Ferrari Crippa, Leocárdia Ferrari Meirelles, Teresinha Ferrari de Bona, Celina Ferrari, Ir. Níves Ferrari e minha adorada mãe, Carmen Dala Zen. Também quero dedicar às minhas orientadoras, professoras: Terciane Ângela Luchese e Eliana Rela por terem feito eu mesma acreditar em mim. Ao meu filho, Guilherme, um rapaz feminista.

“No teatro da memória as mulheres são sombras tênues”.

Michelle Perrot

RESUMO

O objetivo do presente estudo é analisar como são apresentadas as imagens do feminino, nos livros didáticos de História, do Ensino Fundamental, nas coleções *Nova História Crítica*, da Editora Nova Geração de 2004, *História Temática*, da Editora Scipione de 2010 e a coleção *Vontade de Saber História* da Editora FTD de 2012, livros de 8º e 9º anos de História, do Ensino Fundamental, no que se refere aos conteúdos da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais e os conteúdos referentes à história do Brasil, no recorte temporal das duas guerras. Essas coleções foram selecionadas pelos professores da rede pública municipal de Flores da Cunha e foram distribuídas nas escolas, sendo utilizadas nas aulas de História por três anos. O percurso metodológico tem como base a leitura de imagens de Barbosa (2006) e leitura de conteúdo, conforme Bardin (1977). A relevância do tema escolhido se dá pela necessidade de refletir sobre a imagem da mulher representada nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental, dos Anos Finais. Convém ressaltar, outrossim, como essas representações atuam na construção do universo feminino na sociedade em que os estudantes estão inseridos. Este estudo surgiu de um projeto maior intitulado “Leitura de imagens no ensino de História: um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições, livro didático e representações culturais”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Eliana Rela. A presente dissertação está inserida na perspectiva da História Cultural, considerando as contribuições de Scott (1989), Burke (2004, 2008) e Chartier (2011, 2014) e representando diferentes possibilidades de explorar imagens dos Livros Didáticos, para que os(as) docentes e, conseqüentemente, os(as) discentes reflitam sobre as representações da mulher e a sua história, nos livros didáticos. O texto tem como estrutura basilar os apontamentos teóricos sobre o livro didático e as políticas sobre sua produção, bem como gênero e História das Mulheres, além da leitura de 36 imagens e representações do feminino, coletadas nas respectivas coleções. Sobre a análise do Livro Didático, cabe ressaltar que o texto foi produzido tendo em vista as políticas públicas para o LD até dezembro de 2018. A conclusão deste estudo revela imagens e representações de feminino frágil, passivo, submisso, ao lado, ou atrás de um homem. São, em sua maioria, mulheres brancas, de classe social privilegiada, legitimadas pela bipolaridade de santa e pecadora.

Palavras-chave: Imagem do feminino. Livro Didático. Gênero. Ensino de História. Representação.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze how the feminine images are presented in basic education history textbooks, in the collections *Nova História Crítica*, from Nova Geração publishing company, year 2004, *História Temática*, from Scipione publisher, 2010, and the *Vontade de Saber História* collection, from FTD publishing company, year 2012. These are eighth and ninth year history books. One approaches World War I and II and the other one approached Brazil's history during these wars. These collections were selected by public school teachers from Flores da Cunha and were handed out to the schools. These history books are being used in history class for the past three years. The methodological path is based on the Barbosa's (2006) image reading, and Bardin's (1977) content reading. The relevance of the chosen subject is due to the need to reflect about how women's image is represented in the history books that are used in the final years of the basic education. It's worth emphasizing, nonetheless, how these representations act on building a feminine universe in the society where the students are inserted. This whole study was born from a greater project called "*Image Reading in History Teaching: A study on changes and continuities in prescriptions, textbook and cultural representations*", coordinated by Prof. Dr. Eliana Rela. This dissertation is inserted in the cultural history perspective, considering the contributions of Scott (1989), Burke (2004, 2008) and Chartier (2001, 2014), and representing different possibilities of exploring images from the textbooks, so that the teachers, and therefore the students, can reflect about the women's representation and their history. The text has a basilar structure that points out the theory's about the textbooks and the politics involved in its production, as well as gender and women history and the reading of 36 images and feminine representations that have been collected in the collections presented. Regarding the analysis of the textbooks, it's worth mentioning that the text was produced with a public policy point of view until December 2018. The study's conclusion reveals images and representations of fragile feminine, passive, submissive, standing beside or behind a man. They are, in majority, white women, of a privileged social class, legitimized by the bipolarity between saint and sinner.

Keywords: Feminine image. Textbook. Gender. History Teaching. Representation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Guias do PNLD de 2004 a 2012	18
Quadro 2 – <i>Corpus</i> documental – as coleções didáticas	22
Quadro 3 – Análise da Coleção Nova História Crítica segundo o PNLD	28
Quadro 4 – Análise da <i>Coleção História Temática</i> segundo o PNLD	31
Quadro 5 – Análise da <i>Coleção Vontade de Saber História</i> segundo o PNLD	35
Quadro 6 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da <i>Coleção Nova História Crítica</i>	36
Quadro 7 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da <i>Coleção História Temática</i> – “O Mundo dos Cidadãos”	37
Quadro 8 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da coleção <i>História Temática</i> – “Terra e Propriedade”	37
Quadro 9 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da <i>Coleção Vontade de Saber História</i>	38
Quadro 10 – As ondas do feminismo, contextos históricos e reivindicações dos movimentos	55
Quadro 11 – Números, títulos, categorias e origem das figuras (imagens) analisadas na dissertação	63
Quadro 12 – Experiências aplicadas do Produto Final	103

LISTA DE SIGLAS

ANPUH	Associação Nacional de História
Bireme	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Capes	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FTD	Frère Théophile Durand (Superior Geral da Congregação Marista de 1883 a 1907)
IBICT/BDTD	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LDs	Livros Didáticos
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNLEM	Programa Nacional do Livro Ensino Médio
PNLD Campo	Programa Nacional do Livro Didático no Campo
PNLD EJA	Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos
PPGH – Unisinos	Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Rio dos Sinos
SCiELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i> (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha)
SEB/MEC	Secretaria da Educação Básica
Secadi/MEC	Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
UCS/DEE	Universidade de Caxias do Sul/Delegacia Regional de Educação
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
USP	Universidade de São Paulo
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O LIVRO DIDÁTICO COMO PRODUTO CULTURAL E OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA	18
2.1 CONSIDERAÇÕES RELEVANTES SOBRE O MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA E A SISTEMÁTICA DA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO	18
2.2 O <i>CORPUS</i> DOCUMENTAL DESTE TRABALHO – AS COLEÇÕES	24
2.2.1 Coleção Nova História Crítica	27
2.2.2 Coleção História Temática	31
2.2.3 Coleção Vontade de Saber História	35
2.3 O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DA HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO.....	42
3 GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES	48
3.1 GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA	48
3.2 MACHISMO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	54
3.3 O(S) FEMINISMO(S)	56
4 LEITURA DE IMAGENS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS COLEÇÕES DA PESQUISA	65
4.1 FOTOGRAFIA DE MULHERES SOZINHAS, EM FOTOS DE FAMÍLIA, FOTOS OFICIAIS OU EM GRUPOS.....	67
4.2 MULHERES EM OUTRAS REPRESENTAÇÕES: CARTAZES, FÔLDERES, CAPAS DE REVISTAS, ILUSTRAÇÕES PARA FINS DIDÁTICOS E OBRAS DE ARTE	89
4.3 PRODUTO(S) FINAL(AIS): CONSTRUÇÃO E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS	105
4.3.1 Ações de formação e aplicação do Produto Final	106
5 CONCLUSÃO.....	113
REFERÊNCIAS	116
Apêndice A – Revisão de literatura a partir dos descritores: imagem, livro didático e formação de professores.....	124
Apêndice B – Imagens do feminino na coleção didática <i>Nova História Crítica</i>.....	129
Apêndice C – Planos/propostas de sequência didática aplicados como Produto Final..	157

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada “Mulheres sem rosto: imagens do feminino nos livros didáticos de História...” analisa as representações do feminino nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental e, assim, propõe para os(as) colegas professores(as) algumas sugestões de como problematizar e produzir sentidos para as imagens disponíveis em Livros Didáticos (LDs). O *corpus* documental envolve livros didáticos de História, do Ensino Fundamental, das coleções *Nova História Crítica*, da Editora Nova Geração de 2004, *História Temática*, da Editora Scipione de 2010 e a coleção *Vontade de Saber História* da Editora FTD de 2012, livros de 8º e 9º anos, no que se refere às representações do feminino disponíveis nos capítulos sobre a Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial e os objetos de conhecimento envolvidos nesse contexto, na história do Brasil.

No texto em primeira pessoa do singular,¹ trago a História Cultural na perspectiva de Burke (2004, 2008) e Chartier (1990, 2011), como aporte teórico para minha pesquisa, pois essa vertente historiográfica incorporou novas fontes e novas formas de investigação, como é o caso do estudo do Livro Didático, de gênero e da imagem do feminino. Assim, Chartier (1990, p. 17) esclarece que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Os objetos de estudo desta pesquisa, ancorados pela perspectiva da História Cultural segundo Burke (2008), permitem uma ampla visão de outros campos do conhecimento, sendo, assim, incorporados como objeto da quarta geração de *Annales*, conforme defende Burke (2008, p. 8): “A ênfase em ‘culturas’ inteiras oferece uma saída para a atual fragmentação da disciplina em especialistas de história de populações, diplomacia, mulheres, idéias, negócios, guerra e assim por diante.”

Tendo em vista o problema de pesquisa: como são representadas as imagens do feminino nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental? Em especial nas coleções didáticas Schmidt, Cabrini, Catelli Júnior e Montellato (2004), Montelatto (2010) e Pelegrini, Dias e Grinberg (2012), livros de 8º e 9º anos, no que se refere aos conteúdos das duas grandes guerras e as ressonâncias históricas desse período, na história do Brasil.

¹ A introdução escrita na primeira pessoa do singular, se constitui à medida que dialogo com diferentes estudiosos e estudiosas do livro didático, de gênero e imagens do feminino. Também ressalto que a escolha por usar denominadores, como professor, professora, o estudante, a estudante, é em virtude de não ser possível contemplar a diversidade de gêneros existentes.

O recorte temporal da pesquisa compreende o período de 2004, ano em que fui nomeada para a rede municipal de Flores da Cunha, como professora de História, até o ano de 2012, em que concluí o curso Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quanto ao recorte espacial, foi escolhido o Município de Flores da Cunha, por ser o local de minha docência.

Ao longo dos capítulos procurei responder a questões que me incomodam como professora de História: Como os livros didáticos (LDs) trazem, por meio de imagens, questões referentes a gênero e sexualidade, debatidas na sociedade após os anos 90, do século XX? Essas representações dão conta de qual realidade? Que mulheres são representadas e estão em evidência? Quais estão silenciadas ou ausentes? Como as mulheres são representadas na História narrada pelos LDs que circulam nas aulas da rede municipal de Flores da Cunha? E outras tantas questões que foram emergindo.

As leituras que me deram o suporte necessário e que foram selecionadas, por meio de um levantamento bibliográfico composto por teses, dissertações e artigos, investigaram a representação da mulher nos livros didáticos. Na etapa seguinte, foram escolhidas, para análise, as imagens das mulheres de cada conteúdo proposto no problema, cujos dados da análise realizada forneceram subsídios para a organização material e para o apoio didático no uso da imagem sobre mulheres. As conclusões do estudo proposto foram compartilhadas em: cursos de formação de professores, reunião pedagógica na escola em que leciono, oficinas com estudantes de História e estudantes do Ensino Fundamental, meus discentes.

Tal interação interdisciplinar também foi fundamental para a elaboração de projetos que envolveram gênero e educação patrimonial, que coordenei na escola em que trabalho na modalidade EJA. Assim, de forma integrada com outras professoras, propiciamos algumas reflexões sobre meios didáticos para trabalhar com essas imagens, a fim de que a comunidade escolar se dê conta de uma educação voltada para a tomada de consciência da ação da mulher na sociedade e sua participação ativa na História da Humanidade, muitas vezes ignorada, promovendo uma educação libertadora, como defende Freire:

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação [...] rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dele nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. (FREIRE, 1996, p. 35).

No percurso desta pesquisa, o conceito de representação tem fundamental destaque, pois, segundo Burke (2004), as representações podem ser imagens e textos que refletem ou

imitam a realidade social. Muitas vezes, essas representações, utilizadas como fontes históricas, são opacas; por isso, é preciso trazer a visão daqueles que quase não participaram do processo, assim:

O mesmo aconteceu com a ascensão da história dos colonizados na Ásia, África e América, que emergiu junto com os estudos pós-coloniais e que muitas vezes dirigiu seu foco para a visão dos derrotados, ou para pontos de vista das classes subalternas. De maneira semelhante, historiadoras feministas tentaram não apenas tornar as mulheres visíveis na história, mas também escrever acerca do passado sob um ponto de vista feminino. Dessa forma, os historiadores tornaram-se cada vez mais conscientes de que pessoas diferentes podem ver o mesmo evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas. (BURKE, 2004, p. 101).

As representações do feminino, disponíveis nos LDs que analisei para esta pesquisa apresentam-se como um complemento geralmente no final do capítulo, a título de curiosidade, muitas vezes reforçam o poder do patriarcado em nossa sociedade; e o(a) estudante que observa, ou é orientado a observar essas imagens femininas, ou mesmo a ausência delas nos LDs de História, constrói seu conhecimento podendo reproduzir a ideia de que a história das mulheres não é algo importante, ou mesmo, e o fato de que o papel feminino na sociedade em que está inserido não tem relevância. Na perspectiva vygotskiana, de Menegassi e Fuza (2006), o conhecimento é um processo que acontece de forma interativa; assim, ao se apropriar dessas imagens que reforçam o patriarcado, o(a) estudante tende a construir seu arcabouço de significações que podem reforçar o preconceito desde muito cedo.

Nessa perspectiva vygotskiana, no processo de internalização em situação de ensino ocorrem três momentos: a reconstrução do conhecimento acontece após o processo interativo, quando o aluno inicia a reelaboração de suas idéias; posteriormente, há a incorporação de informações, ou seja, o aluno transforma um processo interpessoal (relação externa) em intrapessoal (relação interna – discurso interno); o último fator é a transformação, quando incorpora, observando e alterando a sua opinião sobre algo, para manifestá-la a um interlocutor externo. (MENEGASSI; FUZA, 2006, p. 157).

É de suma importância lembrar que “os livros didáticos não são neutros e sua transmissão não é desinteressada, sendo assim, uma construção sócio-histórica da realidade projetada por determinada ideologia, com finalidades impostas”. (GONÇALVES; BORGES, 2013, p. 39). Também levantamos a questão mercadológica dos LDs que não pode ser esquecida, conforme nos orienta Chartier:

A má conduta do livreiro era um dos tópicos prediletos entre os escritores que estigmatizam a impressão, denunciando-a por corromper a integridade dos textos distorcidos por compositores ignorantes, adulterar o sentido das obras propostas aos leitores incapazes de entendê-las e aviltar a ética do comércio das letras degradadas pelo comércio dos livros. (CHARTIER, 2014, p. 109).

As obras literárias, os livros impressos e principalmente os livros didáticos passam pelo crivo do editor, contrariando muitas vezes a proposta do autor. O editor tem em vista seu interesse mercadológico, por isso, as edições sofrem alterações conforme a região, o que Munakata define como profissionalização da “indústria editorial”. (MUNAKATA, 2005, p. 274).

Ao elaborar a revisão de literatura sobre meu tema, conforme pensa Silva (2014), em suas análises de livros didáticos de Sociologia, a aparição da mulher é muito esporádica. Nessa perspectiva, também salienta Elisbon (2015) que, mesmo nos livros de História do Brasil colonial, objeto de suas pesquisas, a imagem feminina vem a partir do modelo patriarcal, bem como por imagens estereotipadas e discriminatórias.

Para a seleção de periódicos, dissertações e teses, busquei-os em bancos vinculados a universidades ou mesmo em artigos científicos que, de alguma forma, dessem conta de cruzar com nosso objeto de pesquisa, e elaborei um quadro; para isso, usei como referência as palavras-chave: imagem, livro didático, ensino de História e formação de professores. Nesse “sobrevoo”, escolhi portais do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/BDTD) sigla do, da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), sendo um órgão do Ministério da Educação, responsável pelo reconhecimento e a avaliação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* no âmbito nacional; bancos de dados das universidades, a Scientific Electronic Library Online (SciELO), um portal gratuito que é o resultado de um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e também o Google Acadêmico.

Dos artigos acadêmicos destaquei os Cadernos Pagu, da Associação Nacional de História (Anpuh) e de revistas científicas, como *Revista Brasileira de História*, a *Revista Territórios e Fronteiras*, *Revista Educação*, *Revista Catarse*, *Revista História Regional*, *Revista Tempo*, *ETD Revista Temática Digital*, *Acta Scientiarum – language and culture*, *Revista Latino-Americana de História*, *Cadernos de Educação*, da Universidade Federal de Pelotas e o material disponível nos Anais Eletrônicos do II Encontro de História, Imagem e Cultura Visual da PUCRS. Além de artigos disponíveis, encontrei também teses de Doutorado e Mestrado, das quais destaco as instituições: Unicamp, UFP, USP, PUCRS, UFRGS, UFSM e UCS. A partir do levantamento bibliográfico, foram elaborados dois quadros-síntese dos achados apresentados no Apêndice 1.

Ressalto que, apesar de todos os trabalhos selecionados frisaram a importância de vincular a leitura de imagem como metodologia do ensino de História, e destacando possibilidades de leitura utilizando o LD, ainda o ensino de História está muito “engessado” no texto escrito, conforme afirma Meneses:

O historiador não consegue moderar a força gravitacional da palavra, tende a transformar imagem em texto, e o pior disso é que se esvazia ou deforma a natureza visual da imagem visual, que passa a ser tratada como um recipiente neutro, inodoro, insípido, incolor, frágil embalagem à espera de inserção de um significado a priori integralmente elaborado e tendo em sua própria identidade. (MENESES, 2012, p. 251).

A História Cultural tem ampliado discussões que antes não eram tratadas pela História; no entanto, todos os avanços acadêmicos ainda estão bem distantes da formação de professores e também dos discentes; as mídias sociais vem trazendo questões atuais antes veladas, como a violência sofrida pelas mulheres dentro de casa e o feminicídio, convidando a sociedade a refletir sobre isso, mas estas pautas ainda não fazem parte do currículo escolar.

Os materiais didáticos ainda aparecem desconectados da realidade, deixando de abordar ou fazendo de forma preconceituosa e marginalizada a História da Mulher; o rosto dessas representações femininas ser branco, o corpo ser atlético e seu poder aquisitivo ser alto evidenciam claramente a violência simbólica. Uma nova proposta de escrita da história das mulheres pode significar a escrita de uma nova história, segundo Scott (1989).

No entendimento de Pedro (2005, p. 77), “pouco se tem refletido sobre gênero como categoria de análise”, apesar de todas as lutas que o movimento feminista tem conquistado, dentro do movimento, o gênero passou a ser usado como uma busca para a explicação da subordinação feminina em relação ao masculino. Essa categoria foi criada na segunda “onda” do movimento, como nos esclarece Pedro:

O feminismo como movimento social visível tem vivido algumas ondas. O feminismo da primeira onda teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado nas reivindicações dos direitos políticos [...] Foi justamente na segunda onda que a categoria gênero foi criada [...] Esses movimentos passaram a ganhar viabilidade nos anos 60. (PEDRO, 2005, p. 79).

A metodologia de leitura de imagens consistiu em identificar as imagens femininas, podendo ser fotografias, obras de arte e pôsteres disponíveis nos LDs do *corpus* documental. Mapeamento assim foi construído por Barbosa (2006), no livro *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da revolução mexicana (1900-1940)*, em que o autor

elaborou um vocabulário controlado por descritores, a partir das imagens e de sua problemática. (BARBOSA, 2006).

O método de análise de conteúdo faz a indicação dos textos e enunciados que acompanham as imagens e, assim, codifica os elementos de textos e delimita uma categorização. Segundo Moraes (1999), a unidade de registro e de contexto, utilizada para esta análise, é o “personagem”, assim como define Bardin: “[...] no caso de uma análise categorial, as classes em função da grelha escolhida. Tal grelha é geralmente estabelecida em função das características ou atributos do personagem (traços de caráter, papel, estatuto social, familiar, idade, etc.)”. (BARDIN, 1977, p. 106).

A construção dos quadros de análise consistiu em identificar o número de página do LD, seguida, a página que apresenta a imagem, depois o tipo, podendo ser fotografia, pôster, cartaz, obra de arte. Na sequência, a forma e o significante, ou seja, elementos que aparecem na imagem, número de pessoas, seção do LD, que pode ser box de texto complementar, no início ou no fim do capítulo, ou seção de exercícios e uma pequena descrição geral da imagem, as vestimentas e os acessórios. Na coluna seguinte, conteúdo e significado foram as possíveis interpretações que as imagens sugeriram, de acordo com a legenda, as vestimentas e os acessórios e também os conceitos com os quais se pode fazer relação a partir delas. Na coluna seguinte do quadro, dados sobre a produção da imagem, autor(a), acervo e *link* do domínio público da imagem. Finalmente, a descrição geral, com características do cenário e dos demais elementos que constituem a imagem, conforme Apêndice B, e que foram a base para a análise que é apresentada no capítulo 4.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro, é a *Introdução*. O segundo, intitulado *O livro didático como produto cultural e objeto de pesquisa* em história que uso a sigla LD(s) para referir Livro(s) Didático(s). Neste capítulo, defendo que o LD é uma importante ferramenta utilizada por professores(as) nas aulas e, assim, é um produto cultural distribuído pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para todas as escolas. Em seguida, analiso a materialidade do LD e a formação dos autores e demais profissionais envolvidos na produção e, finalmente, faço uma relação com o ensino de História e a utilização de imagens na representação do feminino.

No terceiro capítulo, *Gênero e história das mulheres*, apresento como o conceito de gênero e a história da mulheres têm sido discutidos pela historiografia, num campo de debate acalorado e controverso, bem como a história das mulheres e o feminismo. O capítulo 4, *Leitura de imagens de representação do feminino das coleções da pesquisa* analiso as 36

imagens de representação do feminino nos LDs; para isso, criei duas categorias de imagens e representações: a primeira, abrange todas as fotografias nas quais aparecem mulheres, que podem ser fotos familiares, fotos em que aparecem mulheres sozinhas e fotos oficiais ou em grupos com outras mulheres, homens e crianças; a segunda categoria engloba cartazes, pôsteres, capas de revistas, obras de arte, litografias e ilustrações para fins didáticos com representações do feminino. A última parte do texto é a *Conclusão*, seguida das *referências* e dos *anexos*.

2 O LIVRO DIDÁTICO COMO PRODUTO CULTURAL E OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA²

O livro didático é uma importante ferramenta utilizada por professores, também nas aulas de História, e distribuído pelo MEC, através do PNLD. Neste capítulo, a partir dos LDs, utilizados para fazer análise das imagens e representações do feminino, esclarece-se o recorte documental e temporal dos mesmos, e detalha-se como acontece a escolha dessa ferramenta, na rede municipal de Flores da Cunha, RS. Respondeu-se às seguintes questões: Como o LD chega nas escolas? Como é feito o processo de escolha? E quem o faz?

Em seguida, faz-se a apresentação das coleções didáticas de livros usados para analisar a sua materialidade: editora, número de páginas, peritexto³ editorial, capa, lombada, títulos e subtítulos, bem como a apresentação e disposição das imagens do feminino e a formação de seus autores. Este capítulo também faz uma sistemática de outros autores e profissionais de diversas áreas, que também trabalharam nessas coleções na pesquisa iconográfica. Por fim, faz-se a relação do uso do LD no ensino de História e a utilização das imagens na representação do feminino, bem como suas legendas, no período do recorte temporal eleito.

Assim, mapeou-se como o LD é avaliado pelo MEC, como é feita a escolha pelos professores e como essas coleções apresentam a imagem do feminino.

2.1 CONSIDERAÇÕES RELEVANTES SOBRE O MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA E A SISTEMÁTICA DA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO

Acredita-se que, em cada município, existem certas práticas culturais e tradições que refletem a maneira como a sua rede educacional planeja e executa seu Projeto Político-Pedagógico. Não é diferente no município em que se leciona. A cultura da cidade está intrinsecamente ligada à forma como a educação é praticada na Rede Municipal de Ensino. Essas práticas culturais perpassam a escolha do LD, que obedece a essa lógica, não abrindo muito espaço para visões fora das que prevalecem no inconsciente dos munícipes nascidos e criados na cidade. Por isso, eis algumas características do município em questão. Flores da Cunha⁴ é uma pequena e próspera cidade situada na Serra gaúcha, cuja economia se baseia na

² O presente texto foi produzido tendo em vista as Políticas Públicas para o LD até dezembro de 2018.

³ Segundo Chartier (2014), o peritexto é o material introdutório do livro.

⁴ Os dados históricos referentes ao Município de Flores da Cunha são encontrados na página da Prefeitura Municipal, disponível em: <<http://www.floresdacunha.rs.gov.br/secao.php?id=2>>. Acesso em: 18 maio 2018.

produção de vinhos e na indústria moveleira, e situa-se a dezessete quilômetros de Caxias do Sul, que é uma das maiores cidades do Estado do Rio Grande do Sul.

Cidade de imigração italiana e com valores tradicionais arraigados, parece manter certo conservadorismo nos seus costumes, havendo uma discreta resistência ao novo. Inevitavelmente, pode-se ver que esse conservadorismo transparece nas práticas educativas e, conseqüentemente, na escolha dos LDs. Dada a vivência profissional de catorze anos na rede municipal de ensino de Flores da Cunha, constata-se que esse conservadorismo tem o aval da liderança da rede que se ressent, informalmente, de qualquer trabalho fora da linha de pensamento que prevalece no município, e que privilegia a família tradicional e os valores capitalistas heterossexuais. Sendo assim, os LDs escolhidos obedecem a essa linha de pensamento, nem sempre de forma intencional.

O LD pode ser uma ferramenta muito útil no dia a dia da sala de aula. No entanto, convém que esse material seja o mais adequado possível, isto é, proporcione aproximação da pesquisa acadêmica com a realidade da escola e do aluno, de forma que este produza sentido aos conteúdos abordados. Sendo assim, é importante que a escolha siga critérios que possibilitem aos docentes a identificação e a compreensão da realidade, visto que muitas vezes o LD é o único objeto cultural de leitura do qual os estudantes dispõem, que informa e molda o sujeito e faz dele um agente da própria história.

O PNLD é um programa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) voltado à distribuição de materiais didáticos aos estudantes da rede pública de ensino no Brasil. O PNLD⁵ iniciou em 1985, e o governo federal, através do PNLD, provê escolas da Educação Básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias e também com materiais de apoio à prática educativa de forma sistemática, regular e gratuita. Os livros e os materiais destinam-se a alunos e professores de escolas da Educação Básica pública, incluindo estudantes de EJA.

O acesso se dá pelo cadastramento no Censo Escolar, que possibilita o benefício do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Para participar do PNLD, dirigentes das redes de ensino municipal, estadual, distrital e das escolas federais devem encaminhar o termo de adesão manifestando seu interesse em receber os materiais do programa, conforme a legislação.

⁵ Os dados inseridos no texto foram retirados do *site* do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e referem-se ao Programa Nacional do Livro Didático. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico/>. Acesso em: 10 mar. 2018 e em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/legislacao/item/9787-sobre-os-programas-do-livro>> Acesso em: 10 mar. 2018.

Os órgãos gestores e as áreas gestoras são: a Secretaria da Educação Básica (SEB/MEC), Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC) e o FNDE, responsável pela operacionalização dos Programas do Livro Didático. Na execução, cabe à autarquia:

I – organizar e apoiar a inscrição de obras e dos titulares de direito autoral ou de edição; II – analisar a documentação e proceder à habilitação dos titulares de direito autoral ou de edição; III – realizar a triagem das obras, diretamente ou por meio de instituição conveniada ou contratada para este fim; IV – apoiar o processo de escolha ou montagem dos acervos e compilar seus resultados, a fim de subsidiar as fases de negociação, aquisição, produção e distribuição. IV – realizar a negociação de preços e formalizar os contratos de aquisição – acompanhar e realizar o controle de qualidade da produção e distribuição das obras, de acordo com as especificações contratadas. (BRASIL, 1985, não paginado).

A legislação que garante essas ações do governo federal são a Resolução 42/2012, que dispõe sobre o PNLD para a Educação Básica; a Resolução 02/2011, que traz a sistematização e consolidação do modelo de verificação de qualidade e cálculo de multas, por não conformidades físicas de materiais didáticos, a serem aplicados nos contratos administrativos de execução dos programas e projetos educacionais, contratados pelo FNDE e dá outras providências. Há também a Resolução 40/2011, que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático no Campo (PNLD Campo) para as escolas no campo; o Decreto 7.084/2010, que dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências; a Resolução 07/2009, que dispõe sobre o PNBE; a Resolução 51/2009, que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). E a Portaria Normativa MEC 7/2007, que dispõe sobre as normas de conduta, no âmbito da execução dos Programas do Livro Didático. No conjunto, essas normativas regulam a política e ajudam a compreender as diretrizes para a seleção, avaliação, aquisição, distribuição e o uso dos livros didáticos nas escolas públicas brasileiras, na contemporaneidade.

A escolha do LD às escolas municipais, do Município de Flores de Cunha, acontece a cada três anos para o Ensino Fundamental, conforme organização do MEC, por meio do PNLD. No Portal do MEC, estão disponíveis os guias de avaliação dos LDs. Procurou-se organizar um quadro com o material do qual o portal dispõe, do período 2004 a 2012, com as coleções escolhidas como *corpus* documental para esta pesquisa. É importante ressaltar que os guias do PNLD estão disponíveis desde 1985.

Quadro 1 – Guias do PNLD de 2004 a 2012

Guias / Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
PNLD anos iniciais	X			X	X		X		
PNLD anos finais		X			X			X	
PNLD Educação de Jovens e Adultos					X		X	X	
PNLD Campo – anos iniciais					X				
PNLEM			X			X			X

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As escolas do Município de Flores da Cunha participam do programa recebendo do PNLD os livros didáticos de todas as disciplinas. No entanto, como professora, já se teve que solucionar o problema de falta de livros didáticos suficiente para cada estudante. Os LDs movimentam um mercado no Brasil, beneficiando as grandes editoras, que, muitas vezes, lançam várias coleções. Segundo Zambon e Terrazzan (2012), na atualidade o Brasil é o maior comprador de LDs; porém, pesquisas sobre o processo de escolha e de avaliação desse produto cultural ainda são muito raras.

Em 1985, por meio do Decreto N. 91.542, de 19/8/85, instituiu-se o PNLD e, assim, por conseguinte, houve algumas mudanças significativas. Esse programa possibilitou que o(a) professor(a) façam a indicação do LD pelo qual optaram. Além disso, decretou a reutilização dos LDs por três anos, o que implicou o aperfeiçoamento das técnicas de produção e o fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo para a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), garantindo assim o importante critério de escolha desse produto cultural pelos próprios professores.

Conforme esclarece o Decreto 91.542, de 19/8/85:

Confere o artigo 81, item III, da Constituição, e Considerando os propósitos de universalização e melhoria do ensino de 1º grau, contidos no Programa “Educação para Todos”; Considerando a necessidade de promover-se a valorização do magistério, inclusive mediante a efetiva participação do professor na indicação do livro didático; Considerando, finalmente, o objetivo de reduzir os gastos da família com educação Art. 1º. Fica instituído o Programa Nacional do Livro Didático, com a finalidade de distribuir livros escolares aos estudantes matriculados nas escolas públicas de 1º Grau. Art. 2º. O Programa Nacional do Livro Didático será desenvolvido com a participação dos professores do ensino de 1º Grau, mediante análise e indicação dos títulos dos livros a serem adotados. § 1º A seleção far-se-á escola, série e componente curricular, devendo atender às peculiaridades regionais do País. § 2º Os professores procederão a permanentes avaliações dos livros adotados, de modo a aprimorar o processo de seleção. Art. 3º. Constitui requisito para o desenvolvimento do Programa, de que trata este Decreto, a adoção de livros reutilizáveis. § 1º Para os efeitos deste artigo, deverá ser considerada a possibilidade da utilização dos livros nos anos subsequentes à sua distribuição, bem como a

qualidade técnica do material empregado e o seu acabamento. § 2º A reutilização deverá permitir progressiva constituição de bancos de livros didáticos, estimulando-se seu uso e conservação. Art. 4º. A execução do Programa Nacional do Livro Didático competirá ao Ministério da Educação, através da Fundação de Assistência ao Estudante – FAE, que deverá atuar em articulação com as Secretarias de Educação dos Estados, Distrito Federal e Territórios, e com órgãos municipais de ensino, além de associações comunitárias. *Parágrafo único.* A execução prevista neste artigo compreenderá a seleção final, a aquisição e a distribuição do livro didático às escolas da rede pública de ensino de 1º Grau, bem, como atividades de acompanhamento e controle do Programa. Art. 5º. A secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus – SEPS, do Ministério da Educação, responderá pela formulação, supervisão e avaliação da Política do livro didático. Art. 6º. O Programa Nacional do Livro Didático instituído por este Decreto entrará em vigor no ano letivo de 1986. Art. 7º. O Ministro de Estado da Educação expedirá as normas que se fizerem necessárias à execução deste Decreto. Art. 8º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação. Art. 9º. Revogam-se as disposições em contrário. (BRASIL, 1985, não repaginado).

Os esforços dos governos em escolher, avaliar e distribuir os LDs ainda não são suficientes, talvez pela falta de qualidade do material distribuído ou mesmo pela falta de formação para escolher os LDs, por parte dos professores. Munakata (2007) afirma que o problema do LD vai muito além disso, envolve a entrada de grupos muito poderosos que controlam a produção do material didático no Brasil. O mercado editorial no Brasil, após os anos 90, obteve um grande investimento de capital estrangeiro espanhol. Foi no governo de Fernando Henrique Cardoso, que editores espanhóis começaram a investir pesadamente no mercado do LD. Assim,

o mercado editorial brasileiro é reconfigurado no final dos anos 1990 pela entrada de dois grupos editoriais nesse campo de disputa: a Editora Moderna e também pela entrada da Editora Nova Didática, que é nacional e pertence ao Grupo Positivo, que tem capital proveniente de outra área – não somente da editorial. Além disso, vale considerar que as tradicionais editoras Ática e Scipione passaram a fazer parte do Grupo Midiático Abril e que outros grandes grupos editoriais também se formaram por meio de incorporações de menores pelas maiores. (CASSIANO, 2007, p. 127).

O livro didático, segundo Munakata (2007), é um produto cultural similar aos meios de comunicação em massa e responsável pela construção de um consenso cultural; sua análise implica o detalhamento dos seus processos de produção. Assim, procurou-se nomear os autores, os editores, os responsáveis pelos projetos editoriais e gráficos, a direção de arte, os responsáveis pelas iconografias, cartografias e ilustrações, bem como pela revisão, impressão e pelo acabamento, a fim de que se possa ter uma ideia de que a produção de um LD envolve uma série de profissionais de várias áreas de conhecimento.

O LD, como fonte de pesquisa histórica, é recente; por isso é importante levar em conta, segundo Bueno (2011, p. 23), que o pesquisador precisa ter clareza de que todos os LDs de História possuem várias categorias de signos, dos quais se destacam: “[...] textos

escritos, iconografias informativas, ícones, boxes, infográficos e uma grama de elementos visuais”. Essa pesquisa se ocupa exclusivamente com a categoria “imagens do feminino”. No entanto, essas imagens precisam ser compreendidas dentro de um contexto, como Bueno explica abaixo:

Esses elementos possuem uma estrutura organizacional gráfica, e estabelecem um determinado tipo de composição tipográfica e cromática. Além disso, os livros didáticos podem apresentar diferentes componentes visuais que servem para organizar, indicar tipos de atividade ou decorar (enfeitar) as páginas dos livros. (BUENO, 2011, p. 23).

Segundo Chartier, o livro impresso herdou muitas características do livro manuscrito. O LD é um livro impresso, por isso deve-se considerar que,

em primeiro lugar, embora o livro impresso tenha herdado as estruturas básicas do livro manuscrito (isto é, a distribuição do texto em meio às junções e folhas inerentes ao códice, qualquer que fosse a técnica para produzi-lo ou reproduzi-lo) propunha inovações que modificam profundamente a relação do leitor com o material escrito. (CHARTIER, 2014, p. 112).

Entende-se que o LD tem um papel importante no processo de ensino e aprendizagem; muitas vezes é o único recurso utilizado pelos professores em sala de aula, e apresenta várias possibilidades de usos e interpretações. Considera-se também que

o livro didático tem merecido atenção especial de pesquisadores tanto no ensino, como da história da educação. Estudos que se caracterizam por interesse diversos mas que contribuem para reflexões e problematizam suas funções e usos, uma vez que são ao mesmo tempo fontes de pesquisa e instrumentos didáticos, portanto, a percepção avança além de uma crítica ao conteúdo e ao autor, mas possibilita associar a inúmeros objetivos, pois é um elemento difusor amplamente utilizado no ensino brasileiro. (XERRI, 2015, p. 5).

O LD é um produto cultural, projetado para formar e instruir os estudantes. Porém, segundo Munakata (1997, p. 271), a linguagem, os textos e as imagens dos LDs brasileiros apresentam insidiosas mentiras, manipulações, preconceitos e procuram legitimar a dominação e a exploração por parte da burguesia. Assim, o LD é um produto ideológico, apresenta o conhecimento oficial para a elaboração de um saber legítimo e verdadeiro, reafirmando uma tradição e conduzindo a uma projeção de imagem de sociedade.

Nas últimas décadas, destaca Vieira (2015), os LDs procuraram se adequar às mudanças que o PNLD impôs, tornando o material mais atrativo para o estudante, com o intuito de conquistá-lo, como, por exemplo, atividades interativas. Outrossim, Munakata ressalta que algumas atividades propostas pelos autores podem retirar a autonomia do professor na sua prática didática. Verifica-se isso no momento em que o aluno, seguindo

orientações do LD de História, procura outros professores de outras disciplinas, o que pode incitar o estudante a desrespeitar a competência e autonomia do professor, conforme detalhado abaixo:

O professor aqui aparece não como um profissional, mas como uma pessoa que fica todo o tempo à disposição do aluno para lhe sanar as dúvidas. Não se leva em conta que a colaboração entre os professores deve ser feita não pela demanda do aluno induzida pelo livro didático, e sim mediante um planejamento de aulas que preveja, se for o caso, a importância e a necessidade de atividades multidisciplinares. (MUNAKATA, 2007, p. 142).

O PNLD, o livro didático, o professor, os estudantes e a construção do conhecimento histórico apresentam distanciamentos quanto aos seus sentidos e objetivos. Todas essas forças direcionam-se em sentidos antagônicos, pois as avaliações dos LDs, realizadas pelo PNLD, muitas vezes não chegam às mãos dos professores. O professor não dispõe de formação adequada e, muitas vezes, nem tem tempo para avaliar os pareceres que o PNLD apresenta. As editoras deixam apenas um exemplar de cada coleção, o que dificulta o trabalho de análise do professor. O estudante é o maior prejudicado nesse processo todo, mesmo sendo o principal objetivo de toda a problemática que envolve as várias facetas da editoração, avaliação, escolha do LD, pois nem sempre esses materiais abordam questões importantes da historiografia, como, por exemplo, os conceitos fundamentais que permitam reflexão e crítica. Entende-se que esse é o papel fundamental do componente curricular História; essas questões deveriam ser priorizadas na vida e na formação de alunos e alunas, como Munakata (1997, p. 20) define: “Versões fabricadas, história mal contadas, belas mentiras”.

2.2 O *CORPUS* DOCUMENTAL DESTE TRABALHO – AS COLEÇÕES

Tendo em vista o problema de pesquisa: Como são representadas as imagens do feminino nos LDs de História do Ensino Fundamental, nas Coleções Didáticas – Schimdt (2004), Cabrini, Catelli Júnior e Montelatto (2010) e Pelegrini, Dias e Grinberg (2012) –, delimitou-se seu recorte temporal, que compreende as coleções didáticas de História selecionadas pelos professores da rede pública municipal de Flores da Cunha, de 2004 a 2012.

O recorte documental, ou seja, as escolhas feitas para delimitar as imagens do feminino, trazidas nas coleções, refere-se aos períodos da Primeira e Segunda Guerras Mundiais (1914-1945), da perspectiva mundial e brasileira, como especifica o quadro abaixo:

Quadro 2 – *Corpus* documental – as coleções didáticas

Coleções	Série/ ano do LD de análise	Editora	Ano	Autores	Número de páginas
Nova História Crítica	8º ano	Nova Geração ⁶	2004	Mário Schmidt	343
História Temática	8º ano – terra e propriedade 9º ano	Scipione ⁷	2010	Conceição Cabrini, Roberto Catelli Júnior e Andrea Montellato	256
Vontade de Saber História	9º ano	FTD ⁸	2012	Marco Pelegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg	240

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No caso da escolha do LD em Flores da Cunha, o processo se dá da seguinte forma: em torno de três ou quatro editoras enviam, cada uma, uma coleção de LD para cada escola. Os professores, em suas horas de atividade, analisam esses livros, e, por fim, fazem duas seleções. Quando da participação em comissão de escolha, professoras de História e esta pesquisadora observam os seguintes quesitos, em cada coleção, para que, depois, seja feita a seleção: se contêm os conteúdos que os referenciais curriculares indicavam; se comportam exercícios de fixação; se tinham exercícios complementares e se as imagens são interessantes. Após, as escolas enviam para a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto a escolha feita pelo professor de cada área do conhecimento, em cada escola. A partir dessas seleções, a rede municipal de ensino elenca as duas coleções mais votadas pelo total de professores/as.

⁶ A Editora Nova Geração existiu de 1994 a 2010, segundo o *site* disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/26781650/editora-nova-geracao-ltda>. Acesso em: 20 jan. 2018. Segundo *site* de O Globo, em 2007 o Ministério comprou e enviou a escolas públicas 89.217 exemplares e 1.562 manuais do professor. Antes de ser vetada para novas aquisições, a obra foi aprovada pelo menos duas vezes por especialistas de universidades públicas contratadas pelo MEC, tanto no governo de Fernando Henrique Cardoso quanto no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. A *Nova História Crítica* é uma das 53 coleções excluídas na última avaliação do MEC, que analisou 144 títulos. O editor responsável foi Arnaldo Saraiva. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/livro-didatico-reprovado-pelo-mec-continuando-usado-em-salas-de-aula-do-brasil-4153370#ixzz55mrBGSsu>. Acesso em: 20 jan. 2018.

⁷ Segundo informações do *site*, a Editora Scipione está no mercado de LDs há mais de 30 anos e desenvolve livros didáticos e paradidáticos de autores brasileiros e estrangeiros e, juntamente com as Editoras Ática, Atual, Benvirá, Érica e Saraiva, integra o portfólio de editoras da Somos Educação. Recebeu importantes prêmios como Jabuti, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Disponível em: <http://www.somoseducacao.com.br/editora-scipione/>. Acesso em: 21 jan. 2018.

⁸ “As iniciais da editora FTD são uma homenagem a Frère Théophane Durand, Irmão Superior-Geral do Instituto Marista, de 1883 a 1907. Quando ele assumiu a direção do Instituto, já existiam livros de Gramática Francesa e de História da França, além da cartilha escrita pelo próprio Padre Champagnat e algumas obras para o ensino religioso.” Em sua gestão, incentivou os Irmãos a escreverem livros escolares para as demais disciplinas. Esses livros, escritos numa linguagem pedagogicamente qualificada, passaram a integrar a coleção que recebeu o título de Coleção de Livros Didáticos FTD. Foi assim que a editora FTD “se tornou, no século passado, a mais completa editora de livros didáticos do Brasil e a primeira a cobrir todas as áreas de ensino”. As novas editoras brasileiras, criadas a partir dos anos 50, seguiram os passos da FTD e se tornaram importantes no final do século XX. Junto com a FTD, exercem um papel relevante na educação nacional. Disponível em: <https://ftd.com.br/a-ftd/a-historia/>. Acesso em: 21 jan. 2018.

No estudo de Zambon e Terrazzan (2012), foi constatado que muitas editoras enviam cópias nominais de livros específicas para professores, e isso agiliza o processo de análise, pois cada profissional pode fazer suas observações, sem precisar analisar a mesma cópia que a escola recebeu, conforme abaixo:

[...] sabemos que esse período tem sido insuficiente para o professor realizar todas as tarefas que compõe a docência, a qual não se restringe ao trabalho de sala de aula, em especial nesse momento em que precisa decidir sobre o livro que adotará pelos próximos três anos. Outro problema é o fato de os professores, em geral, terem banalizado essa situação, incorporando o problema como sendo próprio (característico) da profissão docente, ou seja, aceitando como natural o fato de ele precisar utilizar seu período de descanso e lazer para planejar, corrigir provas e analisar livros, etc. (ZAMBON; TERRAZAN, 2012, p. 9).

Em Flores da Cunha, as escolas municipais possuem um(a) único(a) professor(a) de História; de certa forma, possibilita ao profissional não esperar sua vez para analisar o material didático. Após a escolha do professor da área, é realizada, na Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, uma reunião organizada por área de conhecimento e, assim, os profissionais analisam mais uma vez as coleções e decidem juntos qual delas o município adotará para os três anos seguintes.

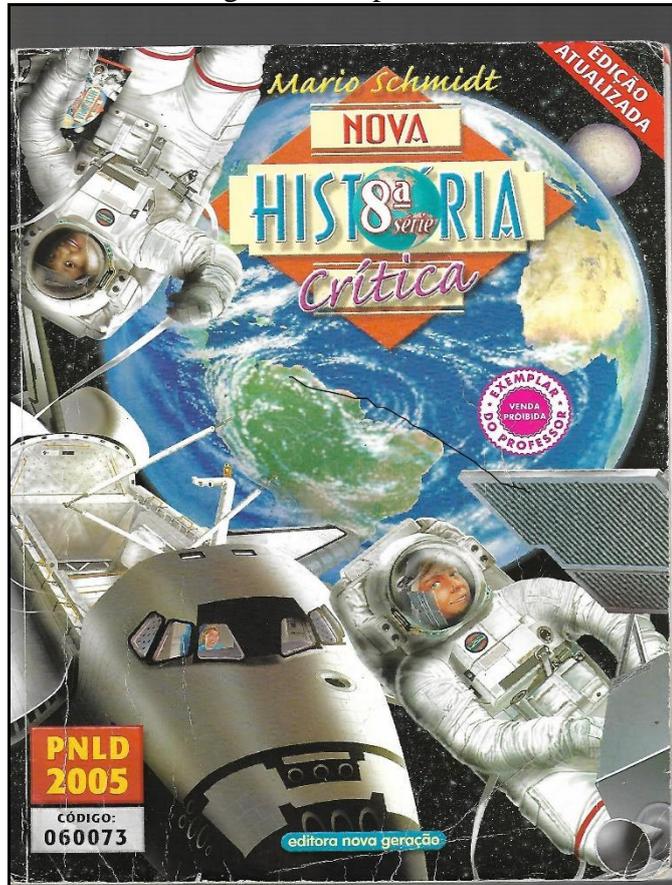
As coleções selecionadas para o *corpus* documental desta pesquisa foram as dos anos de 2004 até 2012, pelos professores de História do município e fizeram parte das aulas de todas as escolas municipais, no período correspondente. Na sequência, descrevem-se os LDs escolhidos para esta pesquisa, levando em conta que esses materiais impressos possuem uma identidade, como afirma Chartier:

Com a impressão, estes adquiriam, uma identidade [...] imediatamente perceptível por meio de sinais particulares (itálico, vogais com sinais gráficos, símbolos) na assinatura ou assinaturas que compunham o material preliminar, que era sempre impresso (junto a tabelas e índices) depois que o corpo do livro já estava impresso e frequentemente redigida pelo livreiro ou editor. (CHARTIER, 2014, p. 113).

Nesta dissertação, o objeto de pesquisa diz respeito a três coleções: Nova História Crítica (Editora Nova Geração), Coleção História Temática (Editora Scipione) e Coleção Vontade de Saber História (Editora FTD); sobre estas coleções foram analisados os seguintes pontos: a capa e sua organização; o índice, como as unidades são inseridas; a organização das unidades, o número de imagens de cada capítulo; os autores e sua formação; os responsáveis pela pesquisa iconográfica e sua formação e, principalmente, a incidência de imagens e representações do feminino no seu conteúdo, e que correspondem aos anos de 2004 a 2012.

2.2.1 Coleção Nova História Crítica

Figura 1 – Capa de LD



Fonte: Capa digitalizada pela pesquisadora.

A primeira escolha foi a coleção Nova História Crítica, o livro da 8ª série, cujo código é 060073 – PNLD 2005. Consta na capa do livro “edição atualizada”, logo abaixo do título as inscrições “Exemplar do Professor – venda proibida” e o nome do autor Mario Schmidt. Na margem superior, centralizado, logo abaixo do nome do autor, há o nome da coleção. A imagem da capa representa dois astronautas sobrevoando o espaço. Em segundo plano, o Planeta Terra e, finalmente, atrás, a Lua. Há também um satélite artificial e um ônibus espacial, uma menina assiste aos meninos da janela da nave do ônibus.

Nas duas páginas seguintes, novamente aparece o nome da coleção, a primeira, em fundo branco e a segunda, em fundo laranja, com o nome do autor acima. E abaixo do nome da coleção, a inscrição “Ensino Fundamental”. A folha de rosto traz as informações técnicas do livro e os editores: Domingos Alzugaray e Armando Saraiva. O Projeto Editorial e Gráfico foi elaborado pela Equipe Nova Geração. A direção de arte e cartografia e ilustrações ficou a cargo de Flávio Nigro; a direção de edição, com Gabriela Rodella. A capa é de Osvaldo Sequetin; as charges, de Fernando Brum e a infografia é de Alfer. A preparação de texto ficou

sob a responsabilidade de Carmen Gardez e Marilda Morissawa; a revisão, de Ana Castellani, Marilu Tassetto e Mitsue Morissawa. A pesquisa iconográfica foi elaborada por Alice Steinbruck,⁹ Eduardo da Conceição Cruz, Ismael Canosa,¹⁰ Flávio Nigro,¹¹ Gabriela Rodella¹² e Mario Schimdt.¹³ A impressão e o acabamento foram responsabilidade da Editora Três Ltda.

Assim como o próprio autor, Mario Schmidt, os demais profissionais da equipe responsável pela pesquisa iconográfica, como a direção de arte e cartografia e ilustrações, não possuem nenhuma formação em História. Esse dado intrigou, pois, para escolher as imagens que estão presentes na coleção didática de História, espera-se que os profissionais tenham alguma formação relacionada à História.

A próxima página da obra é o “Sumário”, organizado por Introdução e 19 capítulos. No verso da página do sumário, há a dedicatória do autor, na margem esquerda inferior. Na página seguinte, destinado aos estudantes, há um desenho com uma mesa e um quadro negro

⁹ Alice Steinbruck é atriz, segundo ALICE Steinbruck. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa563852/alice-steinbruck>. Acesso em: 21 jan. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

¹⁰ Coordenador de fotografia da Revista Veja. Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/carlos-graieb-passa-integrar-time-redatores-chefes-veja/>. Acesso em: 21 jan. 2018.

¹¹ Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tecnologia Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, livro didático, Ensino Fundamental e objetos digitais de aprendizagem. Formado em Jornalismo, especializou-se em *design* gráfico, trabalhando na revista *IstoÉ* por dez anos, começando com infografia e tornando-se capista da publicação. Paralelamente, passou a trabalhar na produção gráfica de livros didáticos e, em seguida, tornou-se coautor de coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa, aplicando os conhecimentos adquiridos na área gráfica e no jornalismo. A experiência de produção de conteúdos educacionais se expandiu ao começar a criar Objetos Digitais de Aprendizagem para a própria coleção de Ensino Fundamental II, *A Arte da Palavra* e, em seguida, para diversas outras coleções da mesma editora. Criou e ajudou a implementar plataformas educacionais para editoras didáticas e também para o mercado privado. Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Autores de Livros Educativos (Abrale), na qual acompanhou a evolução das políticas públicas para o livro digital. Atua, hoje, com assessoria pedagógica e digital para diversas instituições, criando conteúdos educacionais como *designer* e como autor. Seu foco atual é o estudo do formato digital ePub3, acessibilidade e conteúdos abertos voltados para a educação. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 21 jan. 2018.

¹² Possui bacharelado em Letras/Alemão e Português pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP (FFLCH), licenciatura em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação da USP (FE-USP), mestrado na área de Linguagem e Educação sobre práticas de leitura literária de professores de Português (2008) e doutorado sobre práticas e representações de leitura literária de adolescentes (2013), ambos pela FE-USP. É professora adjunta na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Interessa-se por questões relacionadas à leitura literária, suas práticas, representações e ensino, considerando uma perspectiva sociocultural e da recepção da literatura, e por questões relativas ao ensino da escrita e da produção textual. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Linguagens na Educação (FE-USP), é pesquisadora no Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação e Universidade (SEU/UFSB) e no Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe/UFRJ). É autora de coleção de livros didáticos de Português para o EF II e tem experiência na área de Educação, com ênfase no ensino de Leitura e Produção de Textos, Literatura e Língua Portuguesa, atuando principalmente nas seguintes áreas: ensino de leitura e produção de textos; ensino de leitura literária e de literatura; formação de professor; alfabetização, oralidade e leitura literária; produção e edição de material didático de português para o ensino básico. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 22 jan. 2018.

¹³ Professor de História no Ensino Fundamental e Médio. (UMBELINO, 2017, p. 26).

(que na verdade é da cor verde), escrito “Modo de usar este livro”, e à frente do quadro, uma mesa com três crianças: um menino branco, um menino negro e uma menina. O fundo dessa sequência de páginas, total de três, tem cor amarela e há muitas imagens acompanhando o texto escrito.

Logo abaixo do desenho estão dispostas informações para os estudantes usarem o livro. Em um texto colorido e atrativo, o autor reforça a importância de raciocinar historicamente, partindo da realidade atual para entender os acontecimentos do passado. Explica, de forma clara, que sempre, depois do título de cada capítulo, há um resumo, uma “visão geral” sobre o que será estudado.

O autor prossegue explicando aos estudantes que as ilustrações, os gráficos e os esquemas não servem somente para deixar a página “bonitinha”, mas que também proporcionam aprendizagem. Sobre as ilustrações, o autor orienta que informam a respeito da cultura de uma época. Ele instiga os discentes a “arrancarem” as informações e argumenta que a “atividade de um historiador alia o raciocínio com a paixão e a admiração pela beleza, as mesmas qualidades fundamentais no amor”. (SCHMIDT, 2004, s/p.).

O texto segue orientando que as tabelas, os gráficos e as ilustrações foram retiradas de outras obras e reforça que “todos aprendemos com os outros”. (SCHMIDT, 2004, s/p.). Sobre a seção “Texto Complementar”, Schmidt explica que a seção está no final de cada capítulo e que foi escrita por um grande historiador. Também defende que “o trabalho do historiador é um confronto de ideias opostas”.

Na seção “Reflexões”, Schmidt orienta que as perguntas devem ser respondidas de acordo com o que o autor do texto da seção escreveu, mas que é importante o estudante relacionar as informações com outros textos do mesmo capítulo. Schmidt também explica a função do “Texto Complementar” e as “Reflexões” para que os estudantes acostumem-se com a linguagem dos historiadores e que o questionamento e a polêmica sirvam para que os estudantes construam seu conhecimento.

Sobre os “Exercícios de Revisão”, também no final de capítulos, o autor diz que não é para decorar, mas que esses exercícios devem servir como um guia de estudos. Sobre as “Reflexões Críticas”, o autor instiga e orienta que as respostas não estão no corpo do texto, mas no conhecimentos dos estudantes. Propõe também a troca de ideias entre os colegas e lembra que não há resposta certa, e que ninguém é o dono da verdade, nem mesmo os historiadores. Schmidt reforça, no final do texto, que as dúvidas, as críticas e o diálogo fazem parte do conhecimento histórico.

Após a sequência das páginas destinadas aos estudantes, inicia a contagem da numeração de páginas. Do número 10 até a página 21, o autor intitula como “Introdução” e logo abaixo “O que já estudamos”. Nessa seção, estão organizados, em subtítulos, os conteúdos estudados pelos discentes no livro anterior, ou seja, o da 7ª série.

Na página 22, inicia o Capítulo 1 com o título “A Primeira Guerra Mundial”. Os capítulos possuem várias imagens coloridas, dentre elas: fotos, obras de arte, pôsteres, propagandas de filmes, cartazes, desenhos, que acompanham o texto escrito. Todos os capítulos encerram com as seções “Texto Complementar”, “Exercícios de Revisão” e “Reflexões Críticas”. Na primeira página que abre os capítulos, há uma grande imagem que ocupa a página toda e que faz referência ao conteúdo do capítulo.

No Portal do MEC, na seção que disponibiliza os guias de avaliação do LD, é apresentado um parecer sobre cada coleção, avaliado pela equipe do MEC responsável. A Coleção Nova História Crítica, avaliada no Guia PNLD de 2005,¹⁴ apresenta a seguinte análise:

Quadro 3 – Análise da Coleção Nova História Crítica segundo o PNLD

Pontos Positivos	Pontos Negativos
<p>Ensino voltado à reflexão crítica, capaz de fazer o aluno compreender a complexidade das circunstâncias sociais.</p> <p>Apresenta a problematização do conteúdo.</p> <p>Vocabulário simples, coloquial, textos claros, frases curtas.</p> <p>Atividades didáticas atualizadas.</p> <p>Na metodologia, é parcialmente coerente, o aluno é orientado a perceber as ilustrações como representações relacionadas ao conteúdo.</p> <p>Recusa da história factual.</p> <p>Há interdisciplinaridade.</p> <p>Renovação historiográfica está incorporada, com algumas ressalvas.</p> <p>Preocupação em resgatar os excluídos da História.</p> <p>Crítica ao lugar do herói.</p> <p>Renovação historiográfica está incorporada, com algumas ressalvas.</p> <p>Conceitos estão fundamentados para a construção do conhecimento.</p> <p>São encontradas diversas simplificações vinculadas às ilustrações.</p> <p>Ilustrações com boa qualidade gráfica.</p>	<p>As atividades não garantem a autonomia do pensamento.</p> <p>As questões são fechadas e conduzem a respostas prontas.</p> <p>O aluno não é orientado sobre como pesquisar.</p> <p>O processo de ensino e aprendizagem não parte da experiência do aluno.</p> <p>Uso de gírias e linguagem irônica.</p> <p>Alguns textos complementares de autores distintos têm difícil entendimento, e alguns contêm excesso de informações.</p> <p>A ação das mulheres, dos trabalhadores e de outras minorias só é assinalada em textos pequenos, sem vínculo com a narrativa principal.</p> <p>Os conflitos não são examinados com a devida profundidade.</p> <p>As ideias de concepções de mundo das diferentes classes sociais nem sempre são trabalhadas.</p> <p>Permanece a concepção das macroestruturas econômicas, políticas e sociais.</p> <p>As explicações vinculadas às ilustrações podem reduzir a força dos textos didáticos.</p> <p>Não prioriza o trabalho com documentos.</p> <p>Grande quantidade de ilustrações pode atrapalhar a leitura do livro.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

¹⁴ Avaliação dos livros didáticos no Guia do PNLD de 2005. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/8792-guia-pnld-2005>. Acesso em: 24 jan. 2018.

2.2.2 Coleção História Temática

Figura 2 – Capas de LDs



Fonte: Capa digitalizada pela pesquisadora.

A segunda coleção escolhida, como parte do *corpus* documental da pesquisa, é História Temática, que, por trabalhar a partir de temas distintos, necessita analisar dois livros, que são do 8º ano – terra e propriedade e do 9º ano – o mundo dos cidadãos, da Editora Scipione, de 2010.

O primeiro livro de análise é o do 8º ano. Logo abaixo do nome da coleção e ao lado de “8º ano”, aparecem as palavras “terra e propriedade”. Abaixo ainda, o sobrenome dos autores “Cabrini, Catelli e Montellato”, e a imagem de fundo é a foto de uma escultura chamada “Ex-voto”, cujo artista é anônimo, com a descrição do local onde a escultura foi feita, ou seja, Canindé, Ceará, Brasil. Essas informações constam na segunda página da obra, juntamente com os créditos da imagem, que é do fotógrafo Rômulo Fialdini, e o local de acervo da foto é o Museu Casa do Pontal, no Rio de Janeiro.

Na folha de rosto estão descritos os responsáveis pela produção da coleção: gerente editorial, Maria Teresa Porto; a responsável pela editoração, Heloísa Pimentel; a assistência editorial de Jaqueline Paiva César, Mariana Albertini e Lidiane Vivladini Olo; supervisão de revisão com Miriam de Carvalho Abões; revisão com a equipe da Scipione; supervisão de

arte, Sérgio Yataka Suwaki¹⁵ e edição de arte, Didier D. C. Dias Moraes;¹⁶ a coordenação de arte é de Vick Ribeiro; a diagramação é de Celma Cristina Ronquini, e a programação visual da capa e do miolo é de Homem de Melo & Troia Design; as ilustrações são de Luiz Maia¹⁷ e Rubens Villaça; a supervisão de iconografia é de Cristiane Marques¹⁸ e a cartografia é de Mário Yoshida; a pesquisa iconográfica teve a responsabilidade de Lia Mara Milanelli,¹⁹ Marina Luciano e Maiti Salla.²⁰

Na página seguinte, ainda não numerada, com cor amarela, há o título “Prefácio” escrito por Ernesta Zamboni.²¹ A autora utiliza uma linguagem acadêmica e o texto é destinado aos avaliadores do PNLD ou para professores, a título de explicações para a escolha

¹⁵ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (1978). Atualmente é supervisor de arte da Abril Educação. Disponível em: <http://www.escavador.com/sobre/3294899/sergio-yutaka-suwaki>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹⁶ Graduação pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1980). Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2010), com dissertação sobre a visualidade do livro didático no Brasil, nas décadas de 70 e 80. Doutorado em *Design* e Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2016), com pesquisa sobre o *design* do livro didático da Companhia Editora Nacional (1926-1980). Editor de arte e supervisor de *design* da Abril Educação / editoras Ática e Scipione (1996-2014). Experiência na área de Programação Visual, com ênfase em edição de arte de livros escolares. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹⁷ Nasceu em Sabará, Minas Gerais, em 1954, e hoje mora em São Paulo. Ilustrador e artista plástico, participou de salões de artes, ilustrou revistas literárias e jornais e trabalhou com teatro em Belo Horizonte. Entre os prêmios que recebeu está o Jabuti 1991 e o Selo White Ravens (Biblioteca de Munique) por *Poemas para brincar* (Ática, 1999), de José Paulo Paes. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00751>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹⁸ Supervisora de três setores relacionados a Imagens (iconografia, banco de imagens e tratamento de imagens). Responsável por coordenar, organizar e controlar o fluxo editorial de imagens. Relacionamento e contato direto com bancos de imagens nacionais e internacionais, agências jornalísticas, professores e pesquisadores de universidades e institutos em todo o Brasil, com foco na produção fotográfica de coleções de livros e didáticos e paradidáticos; coordenadora de fotógrafos, incluindo o acompanhamento da produção de fotos exclusivas para a Editora Scipione; lidera a gestão de equipe composta por quatro pesquisadores de imagens e uma estagiária administrativa na iconografia e outros dois profissionais do banco de imagens e no tratamento de imagens; controla o orçamento fotográfico de cada obra publicada pela Editora. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/cristiane-marques-67b10034/>. Acesso em: 4 fev. 2018.

¹⁹ Iconógrafa, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/lia-mara-milanelli-34903594/>. Acesso em: 4 fev. 2018.

²⁰ Editora de iconografia Sênior, coordenadora de Produtos, *Iconograph Reserarch*, Bacharela em Produção Editorial em Multimídias, em Comunicação Social e Produção Editorial (Universidade Anhembi Morumbi), em Pedagogia (Instituto Sumaré de Educação). Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/maitisalla/>. Acesso em: 4 fev. 2018.

²¹ Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1961), Mestrado em História pela Universidade de São Paulo (1979) e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1991). Atualmente é professora aposentada e colaboradora na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, atuando no Programa de Pós-Graduação; é professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino e Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, história, cultura, história e ensino. Foi eleita, em junho de 2008, a primeira presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História; em 2011 foi reeleita presidente da ABEH; coordena o Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação da FE/Unicamp; coordenou o Projeto de Pesquisa Peabirui: Ensino de História e Cultura Contemporânea, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina, na Unicamp, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Uberlândia e na Universidade Estadual de Juiz de Fora. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 4 fev. 2018.

de livro didático. A autora inicia seu texto explicando que o LD é um instrumento muito importante no contexto atual, devendo não somente ser informativo, mas também formativo. Reforça que o LD deve ser adaptado à realidade de uma escola nova, levando em conta que os alunos estão habituados a assistir à TV e navegar na internet.

Nas orientações de uso do livro, há a descrição de algumas habilidades que se espera dos estudantes, como ler, pesquisar e diferenciar documentos em diferentes linguagens; saber situar-se em seu tempo e ter consciência de sua cidadania. Na sequência do texto, os autores defendem que esta coleção está fundamentada em conceitos explicativos e conhecimentos históricos norteados por avançadas propostas curriculares.

No final do texto, Ernesta Zamboni, autora do Prefácio, observa que o tratamento dos temas é atual, e que os livros possuem muitas ilustrações originais adequadas à faixa etária dos estudantes. Conclui o texto com a frase: “Na crise atual em curso, no universo dos livros didáticos, essa coleção é, sem dúvida, uma ótima exceção.”

Na página seguinte ao Prefácio, está a “Apresentação” escrita pelos autores do livro, que explicam o porquê de os termos “terra e propriedade” e da expressão “o mundo dos cidadão”. Nas páginas seguintes, há a “Estrutura dos Capítulos”, com imagens explicativas para situar os estudantes/leitores sobre a organização dos capítulos. Dentro de cada capítulo há seções: “Refletindo sobre o Tema”, que é uma introdução sobre os assuntos a serem desenvolvidos no capítulo; “Trabalhando com Documentos Visuais”, que busca instigar os estudantes para observarem os documentos visuais e faz possíveis interpretações; “Trabalhando com Documentos”, que, segundo o guia, é a peça fundamental da estrutura da obra, pois valoriza o exercício básico do historiador, ou seja, a investigação e a interpretação.

Na sequência, há a seção “Vamos Pesquisar”, um roteiro de pesquisa para que os estudantes elaborem etapas como definição do tema/problema, a coleta de material, a seleção de leituras e a apresentação de resultados; “Trabalhando com Mapas” propõe atividades de leitura de mapas e, na seção “Lendo sobre o Tema/Compreendendo o Texto”, propõe a leitura e interpretação de texto, incluindo a biografia dos autores e a relação disso com o conteúdo.

Em “Painel”, os estudantes encontram informações históricas elementares para o desenvolvimento do tema no capítulo. Em “Para Conhecer Mais”, estão disponíveis informações suplementares relacionadas ao tema central do capítulo. Na seção “Saber Fazer”, estão sugestões de atividades práticas, tais como: jogos, dramatizações, produção de desenhos e atividades de caráter lúdico. Em “Diferentes Versões”, exploram-se variadas visões sobre o mesmo assunto e, em “Fazendo uma Síntese”, no final de cada capítulo, está proposta uma retomada dos assuntos e assim busca incentivar a aplicação dos conceitos estudados.

Nas duas páginas seguintes, está o “Sumário” com o título “Terra e propriedade”, dividido em unidades e em capítulos, totalizando três grandes unidades e doze capítulos.

Na página de abertura das unidades, há um desenho referente ao conteúdo, que ocupa quase toda a página e o título da unidade escrito novamente. Os autores e a equipe de edição preocupam-se em chamar a atenção dos estudantes com imagens, charges e desenhos, trabalhando com uma história dividida em temas, não seguindo o quadripartite,²² o que faz disso o diferencial dessa coleção. As outras duas coleções do *corpus* documental da pesquisa trabalham uma história linear.

No Guia PNLD 2011,²³ a *Coleção História Temática* é avaliada. O parecer está também disponível no Portal do MEC, na página “Programas do Livro”. De acordo com a avaliação, destacam-se:

Quadro 4 – Análise da *Coleção História Temática* segundo o PNLD

Pontos Positivos	Pontos Negativos
<p>Valoriza a interação de diferentes áreas do conhecimento.</p> <p>Estimula a integração entre ensino e pesquisa.</p> <p>A História é tratada como um conhecimento em construção, em que são feitas escolhas.</p> <p>Conteúdo com perspectiva formativa.</p> <p>Atividades contextualizadas.</p> <p>Muitas possibilidades pedagógicas.</p> <p>Valoriza o desenvolvimento do trabalho crítico, a construção de noções e conceitos históricos.</p> <p>Desenvolve a capacidade de leitura e escrita.</p> <p>Oferece diversas orientações complementares.</p> <p>Possui indicações adicionais e sítios da internet, filmes e documentários sobre o tema em foco.</p> <p>Conceitos de cultura, natureza e relações sociais, poder e trabalho são bem trabalhados.</p> <p>Estímulo para que os alunos revelem suas experiências familiares e sociais.</p> <p>Favorecimento de uma atitude formativa e crítica.</p> <p>Diferentes gêneros textuais.</p> <p>Através de imagens, valoriza a diversidade de crenças e etnias na população brasileira.</p> <p>Promove o combate à intolerância religiosa, evitando o maniqueísmo ou julgamento de ações e experiências do passado.</p>	<p>Erros de revisão pontuais.</p> <p>A perspectiva descritiva, associada à análise de documentos visuais, é deficiente.</p> <p>Não aprofunda a reflexão sobre as várias concepções de aprendizagem, nem sobre os documentos e as principais orientações das políticas públicas para o ensino de História.</p> <p>A História da África e cultura africana nem sempre se baseia na perspectiva mais contemporânea da historiografia.</p>

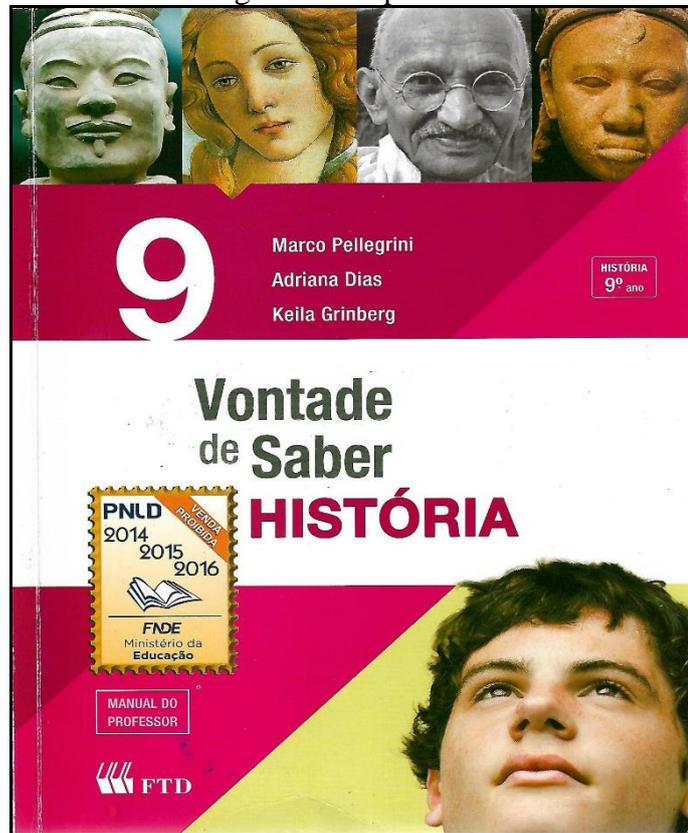
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

²² Um exemplo de quadripartite é a divisão da história europeia em Idades Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Quer dizer, apesar de estarem integradas, ou unidas, em um mesmo contexto (história europeia), são quadripartite, ou seja lineares.

²³ Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/2349-guia-pnld-2011-%E2%80%93-93-anos-finais-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 24 jan. 2018.

2.2.3 Coleção Vontade de Saber História

Figura 3 – Capa de LD



Fonte: Capa digitalizada pela pesquisadora.

O último LD de análise faz parte da coleção “Vontade de Saber História”, do 9º ano. A capa da obra possui, na parte superior, três imagens. A primeira intitula-se Guerreiro Terracota. A segunda imagem traz o detalhe do rosto de Vênus, retirado da tela “O Nascimento de Vênus”, de Sandro Botticelli (1483, têmpera sobre tela, Galeria dos Ofícios, Florença). Especificamente no Manual do Professor, a obra tem 240 páginas e mais 144 páginas de orientação destinada aos docentes.

Na contracapa, há um texto destinado aos educadores e que, basicamente, esclarece que os LDs são distribuídos pelo MEC, através do PNLD e, por serem distribuídos a cada três anos, é necessário que os educadores estimulem o cuidado com o material. Dentro desse texto, estão enumerados cinco itens.²⁴ Abaixo do texto destinado aos educadores, há o endereço, contato e *e-mail* do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

²⁴ Na contracapa do livro, estão descritos os cuidados que o educador deve ter com a obra, são eles: “Estimule os alunos a conservar os livros e a devolvê-los ao final do ano letivo; como um bom exemplo, ao final do período letivo ou ao mudar de escola, devolva este livro para que possa ser utilizado por outro professor; observe e trabalhe, em sala de aula, a mensagem impressa na 2ª capa do livro do aluno; lembre-se que este livro, ao final do seu ciclo de uso, deverá ser descartado, priorizando a reciclagem; comunique ao FNDE qualquer

Na segunda capa da obra, está descrito, mais uma vez, o nome da coleção, seus autores: Marcos César Pellegrini,²⁵ Adriana Machado Dias²⁶ e Keila Grinberg,²⁷ e as respectivas formações. O primeiro autor é graduado em História, editor de livros didáticos e professor; Adriana Dias também é graduada em História, especialista em História Social e Ensino da História e atua como professora na rede particular. A última autora, além da graduação, é doutora em História Social e professora universitária. No verso dessa página, há os dados técnicos da produção do livro, dos quais, inclusive, foram retirados os créditos das imagens da capa.

O texto inicia com os dados da Editora FTD S.A., endereço, contato e *e-mail*. A diretora editorial é Silmara Sapiense Vespasiano; a editora-geral é Débora Lima; a editora adjunta, Alaíde Santos; a editora assistente é Mariana Albertini. Os assistentes de produção são Ana Paula Iazzetto e Lilia Pires. A assistência editorial ficou a cargo de Cláudia C. Sandoval. Os revisores são Bárbara Borges, Fernando Cardoso Guimarães e Eliana Medina. O coordenador de produção editorial é Caio Leandro Rios, o projeto gráfico ficou para Marcela Pialarissi (criação e coordenação). Bruno Sampaio e Lais Garbelini fizeram o desenvolvimento do projeto gráfico. As ilustrações foram produzidas por *Art Capri* nos

irregularidade encontrada no livro do aluno ou no manual do professor.” (PELLEGRINI, DIAS, GRINBERG, 2012, não repaginada).

²⁵ Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (2006). É autor de livros didáticos para o Ensino Fundamental e Médio. Coordena e gerencia a produção e edição de materiais educacionais diversificados. Atua principalmente nas áreas de História e Educação. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1826729/marco-cesar-pellegrini>. Acesso em: 2 fev. 2018.

²⁶ Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (2004); Especialização em História Social e Ensino de História pela Universidade Estadual de Londrina (2005). Tem experiência nas áreas de Edição e Produção Editorial, desde 2004. Tem experiência como pesquisadora e redatora, desde 2000. É autora de livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). É autora de *Sistema de Ensino*. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 2 fev. 2018.

²⁷ Doutora em História do Brasil (Universidade Federal Fluminense (2000), com estágio na Universidade de Maryland at College Park, 1998-1999) e professora associada no Departamento de História da Unirio, com pós-doutorado pela Universidade de Michigan (2011-2012). É professora no Programa de Pós-Graduação em História da Unirio e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Prohístory), do qual foi vice-coordenadora da rede nacional (2014-2017). É pesquisadora no CNPq (bolsa de produtividade, nível 1) e Cientista do Nosso Estado da Faperj (2018-2020). Foi Jovem Cientista do Nosso Estado da Faperj (2010-2012) e pesquisadora de várias edições do PRONEX (Faperj/CNPq). Foi pesquisadora visitante na *University of Michigan* (2007), professora visitante na *Northwestern University* (2009) e *Tinker Visiting*. Professora na Universidade de Chicago (2015-2016). Atualmente é professora visitante na *New York University* (2017-2018). É membro do conselho editorial da *Hispanic American Historical Review* (2015-2020). Seus principais campos de estudo são História do Brasil Imperial, Escravidão no Brasil e no Mundo Atlântico, História do Direito e das Instituições e Ensino de História. Entre seus principais livros estão *“Liberata: a lei da ambigüidade”* (RJ, Relume Dumará, 1994), *O fiador dos brasileiros: escravidão, cidadania e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças* (RJ, Civilização Brasileira, 2002) e *Slavery, freedom and the law in the Americas, com Sue Peabody* (Boston / NY, Bedford Books, 2007), e a organização da coleção *Brasil Imperial* (RJ, Civilização Brasileira, 2009), com Ricardo Salles. Manteve as colunas mensais *“Em Tempo”*; e *“Máquina do Tempo”*; na revista *Ciência Hoje online*. Dedicou-se à redação de livros de divulgação de História para o grande público e coordena, com Hebe Mattos e Martha Abreu, o projeto *Passados Presentes: memória da escravidão no Brasil* (www.passadospresentes.com.br). Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 4 fev. 2018.

nomes de Marcela Pialarissi²⁸ e Paula Diazzi,²⁹ a cartografia ficou a cargo de E. Cavalcante; a elaboração da capa foi responsabilidade de Marcela Pialarissi.

O projeto de iconografia foi supervisionado por Célia Rosa,³⁰ e a pesquisa iconográfica teve a responsabilidade de Alaíde França. Como coordenadora ficou Cristina Mota. A editoração eletrônica, incluindo diagramação e tratamento de imagens, teve a responsabilidade de Daniela Cordeiro de Oliveira³¹ e José Vitor Costa.³² O gerente executivo do parque gráfico foi Reginaldo Soares Damasceno.³³

Na página seguinte do LD, está a “Apresentação”, destinada aos alunos e elaborada pelos autores. Nesse texto, há uma pequena explicação sobre a função da História para o exercício da cidadania e para a construção de um mundo melhor. O sumário está na página seguinte, sem paginação, dividido em doze capítulos. Os capítulos que interessam para esta pesquisa correspondem aos de número quatro a sete. O início de cada capítulo é colorido e possui imagens em tamanho grande, em proporção à página.

Segundo o Guia do PNLD 2011, a avaliação da *Coleção Vontade de Saber História* apresenta:

²⁸ Graduação em andamento em Design Gráfico, funcionária da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2086854/marcela-pialarissi#profissional>. Acesso em: 4 fev. 2018.

²⁹ Graduação em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4082213/paula-diazzi-ferreira>. Acesso em: 4 fev. 2018.

³⁰ Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997). Atualmente é auxiliar instrutivo no Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais. Atuando principalmente nos seguintes temas: variação, retextualização, escrita oral. (**Texto gerado automaticamente pela aplicação CVLattes**). Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4708009P7>. Acesso em: 4 fev. 2018.

³¹ Mestrado em Informática pela Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/10973569/daniela-cordeiro-de-oliveira>. Acesso em: 4 fev. 2018.

³² Atualmente é assistente de arte na empresa Scriba – Produções Didáticas e Literárias. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fotografia e tratamento de imagem. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

³³ Diretor de operações e produção gráfica da FTD.Com, Inc. Disponível em: <https://www.zoominfo.com/p/Reginaldo-Damasceno/-1814368676>. Acesso em: 4 fev. 2018.

Quadro 5 – Análise da *Coleção Vontade de Saber História* segundo o PNLD

Pontos Positivos	Ponto Negativo
Atividades com diferentes documentos. Integração entre textos, imagens e atividades propostas. O professor é mediador no processo de ensino e aprendizagem. Desenvolvimento da competência da leitura e habilidades cognitivas. Valorização da pesquisa escolar. A interdisciplinaridade é valorizada. Construção do conhecimento histórico de forma atrativa. Diversidades de interpretação. Promoção da autonomia dos alunos. Alunos impelidos a se sentirem sujeitos ativos na História. A História é pensada como processo social e cientificamente produzido. A proposta pedagógica é desenvolver um ensino que contribua para a formação de um cidadão crítico e capaz de compreender o tempo presente. Pluralidade de fontes. Projeto gráfico adequado à faixa etária. Leiaute bem-elaborado. Possibilidade de navegação hipertextual.	As atuais condições de preservação da cultura indígena e seus direitos à terra são abordados de forma parcial e apresentam alguns limites.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao comparar a avaliação de 2005 com a de 2012, percebeu-se que ambos os guias de avaliação não obedecem a uma coerência nos critérios de avaliação. No guia de 2005 da *Coleção Nova História Crítica* (p. 134), a comissão analisa detalhadamente a metodologia de ensino e aprendizagem; os textos e os questionários apontam incoerências quanto aos conceitos fundamentais. Comparando os três guias, observou-se que o primeiro guia é mais criterioso em relação aos demais, ou seja, a análise dos pontos positivos e negativos é mais aprofundada no primeiro guia, enquanto que nos demais há uma avaliação mais superficial.

Quanto às representações do feminino, a primeira coleção destaca a ação das mulheres; porém, só é assinalada desvinculada da narrativa principal, isto é, apenas de forma complementar. Já nas outras coleções, a avaliação não se preocupa em citar a representação do feminino, ou seja, esse ponto sequer é avaliado.

Para esta pesquisa, delimitaram-se alguns conteúdos que são apresentados mais detalhadamente no último capítulo desta dissertação, em que se foca a análise da presença ou mesmo dos silenciamentos das imagens do feminino nos capítulos, no contexto das duas grandes guerras, e conteúdos referentes ao Brasil, no período dessas guerras.

Para situar o leitor, há quadros que localizam os capítulos referentes às duas guerras mundiais e à história do Brasil nesse período, com imagens a serem analisadas, bem como a página do LD, em que estão localizadas.

Quadro das apresentações do feminino da *Coleção Nova História Crítica* – 8ª ano e sua organização documental para análise.

Quadro 6 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da *Coleção Nova História Crítica*

Capítulos correspondentes aos conteúdos dos anos 1910-1950	Número total de imagens no capítulo	Número de imagens do feminino	Capítulos referentes à História do Brasil no período das duas guerras mundiais	Número de imagens do feminino	Número de imagens do total
Capítulo 1 – Primeira Guerra Mundial (p. 22)	21	06	Apogeu da borracha na Amazônia (p. 45)	0	02
			O café, os imigrantes, a industrialização (p. 46)	01	02
			O imperialismo e a República Velha (p. 47)	01	02
			Revolta do Contestado (p. 75)	01	02
			Cangaceiros e coronéis no sertão nordestino (p. 76)	01	01
			Marinha de guerra contra a Chibata (p. 78)	0	01
			Situação da classe trabalhadora (p. 78)	01	02
			As lutas de classe do proletariado (p. 79)	01	02
			Os comunistas do Brasil (p. 81)	0	02
			O Estado e a questão social (p. 81)	0	02
			O Tenentismo (p. 82)	01	02
			A marcha da guerrilha da Coluna Prestes (p. 83)	0	01
			Reflexões críticas (p. 87)	01	01
			Getúlio, os tenentes e o comunismo (p. 84)	0	01
			A Semana de 22: modernismo no Brasil (p. 95)	05	09
Capítulo 7 – A Crise de 29 (p. 112)	10	18	Capítulo 9 – A era do Populismo (p. 140)	05	22
Reflexões críticas (. 125)	02	02			
Capítulo 8 – As ditaduras fascistas	01 (p. 131)		Reflexões críticas (p. 155)	02	02
Capítulo 10 – A Segunda Guerra Mundial			O Brasil na Segunda Guerra Mundial (p. 164) O fim do Estado Novo de Getúlio (p. 165)	0	04

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na *Coleção História Temática*, o *corpus* documental para esta pesquisa é formado por imagens do feminino inseridas nos conteúdos, organizadas no quadro abaixo:

Quadro das apresentações do feminino na *Coleção História Temática – 9º ano – “O Mundo dos Cidadãos”* e sua organização documental para análise.

Quadro 7 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da *Coleção História Temática – “O Mundo dos Cidadãos”*

Capítulos correspondentes aos conteúdos dos anos 1910-1950	Número total de imagens no capítulo	Número de imagens do feminino	Capítulos referentes à História do Brasil nos períodos das duas guerras mundiais	Número de imagens do feminino	Número total de imagens
Capítulo 8 – As duas guerras mundiais: nacionalismo e preconceito (p. 186)	34	09	Não há	0	
			Capítulo 9 – Era Vargas: retratos de uma nova ordem (p. 211)	01	32
			Intentona Comunista (p. 220)	01	03
			Fazendo uma síntese (p. 227)	02	03

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A proposta metodológica da *Coleção História Temática* considerou utilizar também o LD do 8º ano, para dar conta dos conteúdos que o livro didático apresenta, no período correspondente à pesquisa, já que a proposta abarca o ensino de História por temas, ou seja, não linear, como nas demais coleções.

Quadro das apresentações do feminino na *Coleção História Temática – 8º ano – “Terra e Propriedade”* e sua organização documental para análise.

Quadro 8 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da coleção *História Temática – “Terra e Propriedade”*

Capítulos correspondentes aos conteúdos dos anos 1910-1950	Número total de imagens no capítulo	Número de imagens do feminino	Capítulos referentes à História do Brasil, nos períodos das duas guerras mundiais	Número de imagens do feminino	Número total de imagens
Não há	-	-	Seção Painel – República Velha (1889-1930) (p. 220)	0	12
			Tenentismo e a Coluna Prestes (p. 226)	01	01
			Seção – Para conhecer mais (p. 233)	02	03

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Com o último LD escolhido para o *corpus* documental da pesquisa, *Vontade de Saber História* – 9º ano, foi montado o quadro abaixo, que apresenta os conteúdos das duas guerras mundiais e os conteúdos referentes à História do Brasil.

Quadro das apresentações do feminino, na *Coleção Vontade de Saber História* – 9º ano e sua organização documental para análise.

Quadro 9 – Número de imagens do feminino nos capítulos analisados da *Coleção Vontade de Saber História*

Capítulos correspondentes aos conteúdos dos anos 1910-1950	Número total de imagens no capítulo	Número de imagens do feminino	Capítulos referentes à História do Brasil nos períodos das duas guerras mundiais	Número total de imagens do feminino	Número total de imagens
Capítulo 4 – Primeira Guerra Mundial e a Revolução Socialista na Rússia (p. 64)	18	05	Explorando o tema (p. 76)	02	06
			Atividades (p. 80)	01	02
Capítulo 5 – O mundo depois da Primeira Guerra Mundial	33	05	O fim da República Velha e a Era Vargas (p. 100)	07	26
Capítulo 7 – A Segunda Guerra Mundial	24	01	Atuação do Brasil na guerra (p. 129)	0	02
			Dois mundos em conflitos (p. 138)	01	04

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os quadros construídos acima mostram o número de imagens que cada LD traz no total, sobre os conteúdos das duas grandes guerras e os conteúdos referentes à História do Brasil, no mesmo espaço temporal, ou seja, de 1910 a 1950; o recorte escolhido faz perceber as rupturas e permanências da construção do texto didático. Os quadros deixam claras as lacunas quanto ao número de imagens do feminino. Na próxima seção, estão as imagens selecionadas e sua análise.

Os LDs analisados apresentam muitas imagens e representações; essas imagens são em sua maioria representações masculinas, homens importantes no centro da imagem; as mulheres aparecem fazendo referência a um produto de consumo, ou à margem do processo histórico. Não há representações que viabilizem uma reflexão sobre as mulheres, levando-se em conta classe social e raça.

2.3 O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DA HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO

O LD tem sido objeto de estudo de diversos campos do conhecimento, e suas imagens e representações também têm instigado pesquisadores a entenderem como acontece o processo de apropriação desses elementos, quando se trabalha com o LD nas aulas de História. Isso tem perturbado a pesquisadora ao longo dos anos dedicados ao magistério. Sabe-se que a forma como os estudantes se apropriam dos conteúdos foge à intenção dos autores e editores de LD, no que se refere às imagens, principalmente. Não é possível ter uma dimensão da forma como as imagens e representações se constituirão no suporte de leitura de mundo para os estudantes. Assim:

O foco em práticas coletivas que conferiam autoridade a obras impressas inscreve a história da “cultura da impressão” dentro do paradigma que governa a nova história das ciências. Essa história, como se sabe, privilegia três coisas: negociações que estabelecem as condições para a replicação de experimentos, permitindo assim a comparação ou acumulação de seus resultados [...]. (CHARTIER, 2014, p. 116).

Nas obras que são analisadas, especificamente no capítulo quatro, são abordados os textos imagéticos que recebem merecido destaque, estando distribuídos nos boxes de leitura e nos exercícios propostos, em forma de desenhos, fotos, pôsteres, obras de arte e outros atrativos visuais, usados em larga escala no processo de editoração desses LDs.

O uso de imagens nas aulas de História podem potencializar as discussões sobre determinados temas e possibilitar diferentes leituras e interpretações, quando o professor se propõe a estimular a participação dos estudantes. São infinitas as possibilidades de atividades envolvendo imagens, que podem gerar interessantes e divertidas práticas didáticas, nas aulas de História. Acredita-se que o mesmo possa acontecer nas demais áreas do conhecimento.

Com o advento das tecnologias, as imagens tornaram-se bem mais frequentes e presentes em todos os veículos de comunicação, possibilitando a percepção das representações do poder vigente na sociedade, ou seja, do que a sociedade tem como verdade e como norma de conduta. Isso confirma a ideia em Viana (2013) e Zen (2013) e em Ramos, Patriota e Pesavento (2008), que esclarece que as realidades são forjadas conforme as concepções e os interesses políticos e econômicos de cada época no LD: “As imagens são representações da realidade forjada conforme os códigos, as concepções, as sensibilidades da época de sua produção, na qual estão também implicados os seus criadores.” (ZEN, 2013, p. 16).

Imagens são, portanto, “portadoras de representação e discurso, pois são fruto da ação humana, que interpreta e recria o mundo como representação”. (RAMOS; PATRIOTA; PESAVENTO, 2008, p. 18). Dessa forma, Burke (2004) alerta sobre as possíveis armadilhas nas quais podemos cair ao trabalhar com imagens:

Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar em mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram esse mensagem a fim de ler as pinturas nas “entrelinhas” e aprender algo que os artistas desconheciam estar ensinando. Há perigos evidentes nesse procedimento. Para utilizar a evidência de imagem de forma segura, e de modo eficaz, é necessário como no caso de outros tipos de fontes, estar consciente das suas fragilidades. (BURKE, 2004, p. 18).

Segundo Burke (2004, p. 17), “imagens, textos escritos e testemunhos orais são uma importante evidência histórica”. Ao apropriar-se desse conceito, entende-se por imagens as fotografias, as obras de arte, incluindo pinturas e esculturas utilizadas nas representações dos conteúdos disponíveis no LD. As imagens podem ser percebidas como um suporte sóico, isto é, carregado de significados nos postulados da semiótica, como salienta Meneses:

Privilegiando o significado das imagens, a iconografia compartilha com a semiótica, cuja voga é um pouco posterior (e que teve menos impacto), uma reação explícita e consistente contra o puro formalismo que vigia na história da arte na virada do século XIX para o XX. (MENESES, 2012, p. 244).

Para Viana (2013), na prática em sala de aula, com o uso de imagens, os estudantes (espectadores) desenvolvem múltiplos sentidos, expectativas e competências, a partir da leitura dessas imagens; assim, as atribuições e os sentidos que são construídos resultam num processo dinâmico, possibilitando múltiplas interpretações individualizadas. Como afirma Viana (2013), a imagem fotográfica é um objeto social e pedagógico, portador de intencionalidades, e meio de transporte de mensagem que serve para construir e desconstruir histórias, que envolve um processo dinâmico de docentes e discentes, com suas infinitas interpretações, e contextos sociais carregados de atributos e sentidos diferentes. Complementando a ideia, Zen (2013) defende que essa leitura de imagem é uma arte não passiva.

Os livros didáticos, atualmente, trazem muitas imagens com qualidade, segundo Viana (2013), mas conforme defende Zen (2013), essas imagens não vêm acompanhadas de instruções de como devem, ou podem, ser usadas ou não pelos estudantes. A leitura de imagens, portanto, é livre e foge do controle e do direcionamento, por isso, há a necessidade de refletir sobre elas.

Sobre as imagens e representações do LD, Carvalho (2015) faz uma leitura da representação da mulher negra. Sua análise dos livros didáticos do PNLD, utilizados no Ensino Fundamental, na Paraíba, esclarece que as imagens são escolhidas conforme os interesses governamentais e mercadológicos, a fim de reforçar ou combater preconceitos étnico-raciais e de gênero. Assim, Estacheski (2016) reforça as aparições da mulher no livro didático, como pessoas presas a superficialidades e afazeres cotidianos, reduzindo-a ao seu papel no privado. Conseqüentemente, não produz reflexões acerca do papel da mulher negra na sociedade brasileira.

Outra análise interessante sobre as aparições do feminino em relação ao masculino, que vale a pena destacar, e que ocorre principalmente nos livros de Ciências, conforme pesquisa de Gonçalves *et al.* (2013, p. 36), é que eles basicamente seguem a ordem binária e evidenciam o controle masculino, “homem centro definidor da relação desigual”, em que, por exemplo, o órgão sexual masculino geralmente é destacado enquanto que o órgão sexual feminino é disfarçado e colocado em menos evidência.

A sala de aula, no início do século XXI, segundo Soares e Luchese (2015, p. 499), é um espaço onde os alunos estão organizados em filas, para que possam enxergar o professor, que fica à frente e que cabe a cada aluno acompanhar o que o professor fala e os recursos que utiliza para a tarefa de ensinar; conversas entre alunos não são bem-vindas, pois indicam falta de atenção, apesar de algumas práticas pedagógicas tentarem estimular os alunos a pensarem e a discutirem. Os moldes dessa cultura de ordem e hierarquia ainda são tradicionais e não contemplam todas as demandas que a educação solicita, como o respeito à necessidade de cada um. No entanto, a escola é um espaço político e pedagógico que constrói sentidos e relações de socialização. Esse espaço é definido pelo discurso da diferença: “A escola, por sua vez, é um dos espaços do ‘ser mulher’ e ‘ser homem’. Essas concepções são assentadas em um discurso da diferença – biológica, corporal, cultural – e se expressam cotidianamente através da linguagem e de práticas.” (MÉNDEZ, 2017, p. 201).

Nesse sentido, o trabalhar com imagens pode colaborar com uma formação mais integral e interdisciplinar, considerando que o seu estudo é uma boa estratégia para atrair a atenção e aguçar a curiosidade dos estudantes, tornando assim as aulas mais interessantes e participativas, já que permitem múltiplas interpretações. Dessa forma, faz-se também o uso inteligente do interesse natural do discente da atualidade por tudo que é linguagem não verbal, visto que está habituado ao bombardeamento desse tipo de texto no mundo contemporâneo. Essa provocação da curiosidade vem ao encontro do que nos alerta o mais genial dos professores que inspira sempre, Paulo Freire:

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador. É que o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade de educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade. (FREIRE, 2010, p. 84).

Os professores de História têm o recurso de se valer dessa estratégia, já que os livros didáticos dessa disciplina possuem em geral considerável número de imagens, com destaque para as fotografias, as quais são inseridas no texto escrito, com o objetivo de ilustrar o conteúdo. Sobre isso, considerou-se o seguinte conceito:

A fotografia pode ser um momento no tempo e no espaço. O testemunho de uma presença diante de algo que foi. Ela pode ser um flagrante de um olhar sobre outro como nas fotografias etnográficas de fins do século XIX. Um olhar opaco e exotizador. Ela também pode ser um testemunho histórico. (BARBOSA, 2006, p. 191).

É fundamental que o pesquisador entenda as múltiplas variáveis que definem a natureza da imagem e seus vários desdobramentos nas diversas áreas do conhecimento. No entanto, “na escola, poucos docentes se utilizam da imagem e o texto escrito ainda predomina no ensino da História”, segundo Barros (2007, p. 43). A pesquisa acadêmica da historiografia com imagens está muito distante do ensino de História, mesmo apresentando novas perspectivas que podem aprimorar a prática pedagógica e interessar aos estudantes.

A imagem é produzida ou capturada a partir de pontos de vista, embora elas estejam aptas a mostrar modos de vida, visões de mundo, conflitos e expressões de um determinado grupo para muito além dele, é o que defende Peixe (2012). Quanto mais se reflete para além do uso figurativo ou complementar, mais as imagens mostram possibilidades interpretativas e de ressignificação à construção do conhecimento histórico, segundo Viana (2013).

Assim, a imagem pode intencional, construir ou influenciar opiniões, credos, ideias e pensamentos e também remodelar paradigmas. Por isso, Viana (2013) argumenta que ver é diferente de ler imagem e também é diferente de interpretar, considerando que o ato de interpretar a imagem acontece na mente do sujeito que a lê. Viana, mais uma vez, ressalta que ler imagem significa interpretar e refletir sobre o que se está vendo e que implica o sentir.

A escrita da história das mulheres no LD ainda é tímida e superficial, restrita, na maior parte das vezes, no espaço privado do lar. Nas coleções analisadas, começou-se com uma simples contagem de imagens que representam o feminino. Nesse momento, pôde-se constatar que os LDs do *corpus* documental desta pesquisa trazem diversos silenciamentos quanto às imagens do feminino. Esta conclusão já fora confirmada em um estudo sobre representação do feminino nos LDs de História: “Em todos os livros analisados o espaço para

o feminino e suas relações de gênero [é] extremamente reduzido. Os textos quase não mencionam as mulheres e sua relação em sociedade, quando [não] mencionam de forma breve e pontual”. (INSAURRIAGA; JARDIM, 2015, p. 123).

Para Chartier, toda forma que lembre, faça menção a algo é uma representação. Os LDs trazem diversas representações do masculino vinculado a grandes feitos na História, a grande líderes, mas silenciam quando fazem o mesmo com o feminino. É muito comum o feminino ser representado em fotografias nos LDs ao lado de homens, como presidentes e outras personalidades. São bem raras as imagens que trazem a mulher desempenhando seu papel nas fábricas, por exemplo, durante a Primeira Guerra Mundial, quando isso era uma realidade, ou seja, fora do espaço privado do lar. Insaurreiaga e Jardim (2015) investigaram as relações de gênero e a luta das mulheres em LDs de História e constaram que, em muitos deles, o espaço para o feminino e as relações de gênero são reduzidos, e os textos mencionam as mulheres de forma parcial. Assim,

mesmo quando trocamos de livros percebemos o feminino sempre ou quase sempre ligado à virgem, ao casamento, a heroína, e, em alguns casos, estão associadas à arte, onde aparecem representadas em quadros ou esculturas. Outro detalhe interessante é que essas mulheres raramente estão sozinhas nas imagens, aparecem sempre acompanhadas de seus esposos, pais ou irmão. (INSAURRIAGA; JARDIM, 2015, p. 124).

Nas décadas seguintes até a atualidade, a mulher vem sendo representada de forma que lembra mais um produto do que um ser humano, trazendo um arcabouço de frivolidades. Todos esses indícios, constatados numa primeira análise dos LDs, que fazem parte do *corpus* documental desta pesquisa, reforçam “uma espécie de bruma que ofusca a reflexão teórica na história escolar. Esse cenário é preocupante, considerando que uma das principais competências do professor de História é construir mediações entre o conhecimento acadêmico e o escolar”. (MÉNDEZ, 2017, p. 200).

Ao longo da década de 70, do século XX, o movimento feminista impulsionou o precursor debate político, reivindicando o fim dos privilégios masculinos e a situação desigual das mulheres no mercado de trabalho, além de outras pautas. O movimento vem se consagrando e, com isso, trazendo incoerentes interpretações pelas mídias de massa. A presença feminina nos LDs é talvez percebida, mas essa presença é insuficiente para possibilitar o repensar de uma história que, tradicionalmente, situa o masculino no centro das relações, conforme defende Méndez (2017).

O LD, como já se vem defendendo, às vezes é o único produto cultural de difusão de conhecimento histórico ao qual os estudantes têm acesso, e, por ter tamanha importância,

precisa ser pensado como um produto ideológico de seu tempo. Porém, apesar dos esforços, ainda há um grande distanciamento entre o que é produzido pela historiografia e o que é produzido para a escola: “Estudos nessa área demonstrariam um provável atraso entre o que é lido e discutido nos ambientes especializados e o que é divulgado na produção didática”. (MÉNDEZ, 2005, p. 200).

O LD e o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) devem ser destacados como instrumentos importantes, que passam por critérios de seleção e avaliações – ainda que tenhamos críticas a esses procedimentos. Ou seja, são produtos culturais filtrados por profissionais do campo. E embora seja desejável o aperfeiçoamento destes processos e de sua distribuição, pode ser importante salientar a importância deste programa.

3 GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES

Neste capítulo, busca-se apresentar como o conceito de gênero e história da mulheres tem sido discutido pela historiografia, num campo de debate acalorado e controverso e também dar a conhecer algumas dessas discussões sobre a história de gênero, a história das mulheres e o feminismo.

3.1 GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA

Discutir gênero tem sido um grande desafio, além de ser um conceito controverso. À medida que vem sendo abordado, sofre transformações. Scott (2012), aborda essa problemática. Assim como o caso retratado por Scott (1994) e Varikas (1994), recentemente vivenciaram-se as mesmas contradições, quando se discutiu o Plano Municipal de Educação em Caxias do Sul, em 2015. Segundo reportagem do jornal Pioneiro³⁴ da época, os pontos responsáveis pelas discussões tratavam do respeito à orientação sexual, identidade de gênero e Direitos Humanos.

Scott relata uma controvérsia ocorrida na França, em que gênero foi foco de atenção no ano de 2011,³⁵ muito parecida com aquelas vivenciadas ao ser discutido o Plano Municipal de Educação em Caxias do Sul. Esse tema tem gerado verdadeiro frenesi, pois há poucos conceitos claros e muitas interpretações, a maioria deles está totalmente fora da realidade e sem nenhum aporte teórico. O embate sobre os conceitos que permeiam o gênero tem sido exaustivo e muitas vezes vinculado de forma errônea nas mídias de massa, fato que causa estranheza e incorretas interpretações pela sociedade e por professores(as).

Indagações que Scott traz em seu artigo, bem como outras leituras feitas para construir este capítulo, têm interessado muito para entender como as imagens do feminino são escolhidas e trabalhadas nos LDs. As questões de gênero estão longe de ser resolvidas e precisam ser discutidas entre os profissionais da educação, também na formação de professores. Toda a logística que envolve a produção e distribuição dos LDs está inserida num

³⁴ Reportagem do jornal Pioneiro sobre o Plano Municipal de Educação, em Caxias do Sul. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212>. Acesso em: 12 mar. 2018.

³⁵ Nas p. 328-331, Scott narra os embates políticos envolvendo gênero na distribuição de um manual de instrução destinado a preparar estudantes para os exames de bacharelado em Ciências Biológicas. Este manual foi aprovado pelo Ministério da Educação e muito criticado durante o ano de 2011, enchendo colunas de jornais, blogs e gerando diversos protestos da bancada católica, que criticava a teoria de gênero Judith Butler. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212>. Acesso em: 20 mar. 2018.

contexto político e social de sociedade e, por isso, questões referentes ao gênero precisam fazer parte da pauta de planejamento do currículo da Educação Básica.

Discutir gênero e suas relações tornou-se um campo de disputa política da qual a história social não pode dar conta sozinha; segundo Scott (1995), pois, escrever a história do viés econômico somente não produz a viabilização do conceito de gênero de forma abrangente; questões de gênero se alicerçam em outros campos e envolvem uma série de relações e de lutas; este debate se estende para outros campos, como a questão das mulheres, da sua história, da desigualdade social, das diferenças sexuais, orientações sexuais, relações de trabalho, envolvendo homens e mulheres e também as relações de sala de aula. Todos esses conflitos fazem parte do dia a dia nas salas de aula e são mais “incendiadas” nas aulas de História.

Scott (1995), constata que gênero gramaticalmente implica regras formais que diferenciam o masculino do feminino e, dependendo da língua falada, existe uma terceira categoria que determina o sexo neutro ou indeterminado, mas não concorda, pois pensa que essa construção é histórica e culturalmente situada, gênero é compreendido como meio de classificar fenômenos sociais acordados, sendo mais que uma definição objetiva de traços inerentes.

Na mesma linha da autora, as feministas americanas utilizaram o conceito de gênero, para sugerir a organização entre os sexos, tendo como base o caráter social das diferenças entre os sexos, questionando assim o determinismo biológico. Gênero subentende os aspectos relacionais das definições que normatizam as feminilidades. (SCOTT, 1995, p. 3). Assim, os estudos feministas precisam centrar sua atenção mais efetiva sobre as mulheres, porque até então esses estudos abordavam a mulher de forma estreita e isolada.

Scott cita o trabalho de Nathalie Davis, que procurou estudar a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, para perceber o sentido e funcionamento da ordem social estabelecida por esses marcadores. Assim, para as feministas, gênero era um conceito usado para referir-se à pesquisa sobre mulheres e acreditava-se que haveria uma transformação importante de paradigmas no interior de cada disciplina, impulsionando uma nova avaliação e crítica às premissas e aos critérios estabelecidos.

A proposta das feministas, segundo Scott (1995), era haver uma História das Mulheres, tendo como eixo estudos com uma visão menos política e mais global, com o compromisso de incluir a fala dos oprimidos, a análise dos sentidos e da natureza da opressão. Assim, destaca: “A maneira como esta nova história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido

como uma categoria de análise”. (SCOTT, 1995, p. 4). Essa nova história dependeria de como o gênero poderia ser constituído: uma categoria de análise, tendo em vista outros dois eixos importantes, a classe e raça. Este tripé, gênero, classe e raça, implicou uma redefinição das noções tradicionais de História e trouxe à tona questões pessoais, subjetivas e políticas envolvendo os diferentes contextos das mulheres na História.

No acalorado embate de ideias que emergem sobre a temática gênero, Varikas (1994), em seu artigo publicado em *Cadernos Pagu*, intitulado “Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott”, a problemática de gênero, as relações sociais de sexo estão muito longe de se tornarem um “objeto de ensino legítimo e integrado ao currículo”. (VARIKAS, 1994). A autora considera que, apesar de todos os esforços, institucionalmente falando, a história das mulheres ainda é um campo de pesquisa secundário, sem legitimidade na França, mas que, nos EUA, os estudos feministas são intensos. Ao observar que Tilly e Scott têm um desacordo enquanto gênero e história das mulheres, Varikas pondera:

As duas historiadoras lamentam o uso excessivamente descritivo na noção de gênero na história das mulheres e concordam sobre a necessidade de torná-la uma verdadeira categoria de análise através de uma conceitualização que possa questionar os conceitos dominantes da disciplina histórica. (VARIKAS, 1995, p. 65).

Varikas (1995) defende que há 15 historiadores(as) orientados(as) pelos métodos de pesquisa e interpretação, e estão cada vez mais interessados em construir suas categorias de análise, a partir das experiências femininas, utilizando aportes teóricos da antropologia cultural para as análises das práticas sociais e representações, dos diversos papéis desempenhados pelas mulheres, através dos tempos. Essas representações se configuram em experiências diferentes entre homens e mulheres, implicando suas classes sociais e etnias, permitindo assim a construção, por meio do político, de gênero e vice-versa.

Para Nicholson (2000), o conceito de gênero é usado de duas formas: a primeira, em oposição a sexo, descrição do que é socialmente construído em oposição ao que é biologicamente dado, ou seja, a personalidade e o comportamento. Gênero e sexo são distintos. Na segunda forma, segundo a autora, gênero faz referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino de corpos masculinos; nessa perspectiva, a sociedade foi se dando conta de que, além de formar a personalidade e o comportamento, é preciso ater-se também às maneiras como o corpo aparece, sendo o próprio corpo uma interpretação social; e sexo, neste sentido, não pode ser independente do gênero,

pois é submetido ao gênero. Para essa autora, o “fundacionalismo biológico”³⁶ não equivale ao determinismo biológico porque, ao contrário deste, inclui algum elemento de construcionismo social”. (NICHOLSON, 2000, p.13).

Machado (1998) entende gênero como processo de desnaturalização e desconstrução das noções de feminino e masculino. Também pode ser sinônimo dos estudos de mulher, pois a categoria gênero instaurou uma nova metodologia de análise no campo intelectual brasileiro. Definindo, assim, um novo paradigma metodológico, as análises de gênero estariam estruturadas em três pilares: o primeiro, é a afirmação compartilhada da ruptura radical entre noção biológica de sexo e noção social de gênero. A segunda, seria a afirmação do privilégio metodológico das relações de gênero sobre as substancialidades das categorias mulher/homem/feminino/masculino e, a terceira, seria a afirmação da transversalidade de gênero, sua construção social que perpassa diferentes áreas sociais. Segundo a autora, o estado atual dos estudos de gênero permite pensar que a construção social de gênero se faz arbitrariamente em relação à diferenciação de sexos de homens e mulheres. Nas palavras de Machado:

A generalização do uso do conceito de gênero no campo intelectual anglo-saxônico, nos saberes disciplinares da sociologia, antropologia, história, literatura, filosofia e psicologia, ocorrida nos anos oitenta e noventa, trouxe consigo o compartilhamento da radicalização da idéia de desnaturalização biológica das categorias de homem e mulher e da radicalização da construção simbólica (entendendo-se aqui a natureza da dimensão social e cultural) das noções de feminino e masculino. (MACHADO, 1998, p. 107).

Em outra perspectiva teórica, Butler (2018) propõe a desconstrução do conceito de gênero, ou seja, a desconstrução da equação na qual gênero seria concebido como o sentido, a essência, a substância; assim, é repensar teoricamente a identidade definida das mulheres, como categoria a ser defendida e emancipada no movimento feminista. Para a autora também a cultura constitui o destino e não o fator biológico; a distinção entre sexo e gênero é arbitrária. A autora critica o fato de aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído, determinado pela cultura, pois, dessa forma, ter-se-ia que aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito. Para Butler, gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergências entre conjuntos específicos de relação que envolvem a cultura e a história divergentes. Afirma Butler que o “gênero não deve ser meramente concebido como a

³⁶ Segundo a autora Linda Nicholson, fundacionalismo biológico é com um “porta-casacos” em que são colocados preceitos morais e comportamentais a cada sexo biológico, conforme juízo de valor de cada sociedade. (Nicholson, 2000, p. 05).

inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção, mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”. (BUTLER, 2018, p. 27).

A pesquisadora brasileira Matos (1998) defende que a expansão dos estudos de gênero na História localiza-se no quadro das transformações pelo qual vem passando a disciplina nos últimos tempos; esses estudos emergem da crise de paradigmas tradicionais da escrita da História. Como categoria de análise, o uso do gênero precisou liberar-se de conceitos abstratos e universais e também historicizar os conceitos e as categorias que vêm emergindo nesse processo. Os estudos de gênero vão de encontro às tendências da historiografia contemporânea, que questionam a concepção de história como evolução linear e progressiva. Para a autora:

Esse esclarecimento se faz mais necessário quando se dá conta de que a história não recupera o real do passado, mas constrói um discurso sobre ele, trazendo tanto um olhar quanto a própria subjetividade do historiador, que recorta e narra o passado, deixando explícito que o domínio que os historiadores têm é sempre parcial. (MATOS, 1998, p. 67).

Nesse contexto, segundo Matos, gênero como categoria de análise reivindica para si um território específico em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes, para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. Assim, a categoria gênero busca dialogar com outras categorias históricas já existentes, lembrando que o conceito de gênero tem sido usado erroneamente como sinônimo de mulher. Estudos de gênero têm como principal objetivo desnaturalizar as identidades sexuais e postular a dimensão relacional.

Assim, destaca Scott (2012, p. 332): “É uma luta política que eu penso que deva comandar nossa atenção, porque gênero é lente de percepção através da qual nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino”.

Em contrapartida ao pensamento de Scott, que propõe uma visão de gênero que tende para o lado da literatura e filosofia, Tilly (1994) argumenta que vários(as) historiadores(as) utilizam a lente da história social para debruçar-se sobre gênero. No artigo de Tilly (1994) “Gênero, história das mulheres e história social”, a autora questiona os argumentos de Scott sobre gênero, enquanto instrumento metodológico-teórico, e considera os métodos da História Social mais apropriados para tratar desta questão.

Segundo Varikas (1994), a intenção de considerar gênero precisa ser vista com respeito à iniciativa humana, como a História Social das Mulheres; já Scott acredita que o método precisa ultrapassar a descrição e negar, assim, a história das mulheres como

compensatória, propondo uma crítica à História Social, pois gênero não deve ser estudado por si. Propõe o método de desconstrução e uma epistemologia mais radical para a perspectiva analítica e a contestação das posições binárias defendidas pela História Social.

Por sua vez, Tilly (1994) observa que o método da desconstrução proposto por Scott (2012), pode ser questionado enquanto produção cultural do passado, pois minimiza ou rejeita os métodos que transformam as práticas históricas e a própria história, subestimando, assim, a ação humana e superestimando a coerção social; além disso, ignora as condições nas quais as relações de poder se constituem, ora permanecendo, ora rompendo.

Para Scott, segundo Tilly (1994), o autor é ignorado neste contexto, e as relações de poder merecem ser questionadas, para que seja possível descrever e explicar o mundo real. A desconstrução pode ser a chave para contribuir para a explicação das rupturas e permanências nas relações de poder. A crítica que Tilly (1994) faz, sobre a desconstrução proposta por Scott, é que o método permite o surgimento de significações ocultas, além de não dar atenção suficiente ao tempo e ao contexto histórico, que segundo ela são prioritários para o método histórico. Scott rebate que essa explicação sobre as deficiências do método de desconstrução é uma forma de dominação.

Permite-se aqui, com base no pensamento de Scott, dar a fundamentação necessária para esta análise das imagens do feminino nos LDs, pois se considera que tal conceito dê conta da demanda que se pretende abordar, considerando também as inúmeras questões e embates que a noção de gênero e história das mulheres está construindo.

A formação de professores de História e suas práticas pedagógicas na escola precisam estar atentas às questões de gênero e conflitos envolvendo a posição privilegiada e a supremacia de um determinado gênero sobre o outro, no caso, o masculino, naturalizado como o mais capaz, o mais forte, o menos sensível, o menos complicado, que ignora totalmente a proposta de uma formação voltada aos Direitos Humanos. A escola precisa parar de repetir esses discursos de práticas da supremacia masculina e, assim, tornar essas construções seu conceito a ser construído e debatido pelo corpo docente.

Assim, o LD de História também precisa operar de forma reflexiva, para que esse debate aconteça nos primeiros anos escolares dos(as)estudantes; compreender e legitimar a história das mulheres como uma construção humana igualmente importante para a sociedade, comprometida com todos os sujeitos históricos e não apenas com alguns. A história das mulheres e o ensino da disciplina História precisam estar vinculados, para que essa história deixe de ser de caráter complementar, como destaca Méndez:

O aparecimento de uma história das mulheres no Brasil está vinculado à própria organização do movimento feminista que, ao longo da década de 70, ocupou um importante papel no debate político brasileiro. Em todo o país surgiram organizações compostas por mulheres, que tinham como principal objetivo lutar contra os privilégios masculinos e a opressão sobre o sexo feminino. (MÉNDEZ, 2017, p. 194-195).

O ensino de História, na perspectiva de gênero, é uma proposta que utiliza a reescrita de uma nova história, em que homens e mulheres juntos, por meio de experiências, se constituem como sujeitos históricos, com igualdade de importância. No entanto, o movimento pós-estruturalista propõe repensar a escrita da História, tendo em vista a aproximação com as teorias feministas, desafios em que há, segundo Méndez (2017): “[...] a permanente oposição binária homem/mulher, a identificação de uma cultura feminista em oposição a uma cultura dominante masculina e o projeto de construir uma identidade comum às mulheres”. Aqui, é importante observar que, apesar do pós-estruturalismo propor muitas identificações de identidade de gênero, optou-se, para esta dissertação, utilizar a categoria binária homem/mulher.

3.2 MACHISMO ³⁷E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Das 36 imagens e representações do feminino, selecionadas das coleções didáticas de História do Ensino Fundamental, Nova História Crítica, da Editora Nova Geração de 2004, História Temática, da Editora Scipione de 2010 e a coleção Vontade de Saber História da Editora FTD de 2012, livros de 8º e 9º anos, pode-se constatar que as imagens e representações desses manuais estão, em sua maioria, lapidadas segundo a lógica do patriarcado³⁸, pois, em muitas legendas e enunciados, há traços evidentes de machismo, violência simbólica e inferioridade feminina.

As legendas analisadas acompanham as 36 imagens; e as representações trazem informações genéricas retratando a cena; apesar de haver mulheres nelas, não existe uma referência ao feminino, as personalidades históricas, como a esposa de Vargas, a esposa do Arquiduque Francisco Ferdinando não são nomeadas, elas aparecem como figuras decorativas

³⁷ A expressão machismo pode ser interpretada como a construção das bases políticas, sócias e culturais sob a lógica da dominação masculina no Dicionário Crítico de Gênero, organizado por Ana Maria Colling e Losandro Antônio Tedeschi. (Colling, Tedeschi, 2019, p. 272).

³⁸ “A expressão refere-se a uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder.” (Colling, Tedeschi, 2019, p. 578).

ao lado de homens importantes. As referências que existem em outras imagens trazem a questão da moralidade e afrontam, como é o caso da foto da Pagu (Figura 15), por exemplo.

O machismo tem sido combatido desde a Primeira Onda Feminista; muitas conquistas foram alcançadas, mas a violência gerada pelo machismo tem sido uma das características dos grupos sociais humanos, em maior ou menor grau, mas ainda presente, quase naturalizado, nas relações envolvendo os sexos. A violência também está presente nas escolas, e muitas vezes a violência simbólica, aquela sem agressão física, resultado de interações desiguais entre os sexos, tem se manifestado em forma de misoginia e sexismo. Segundo Bourdieu:

[...] a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estreita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos. (BOURDIEU, 2012, p. 18).

A escola, entendida como uma instituição democrática, deveria ser palco de discussões importantes como as questões sociais ligadas ao gênero, à raça e classe social, vista e percebida como um espaço plural e laico, mas que, na prática, também reproduz o machismo e a violência simbólica nas suas ações cotidianas, como na organização das filas, das atividades que envolvam força e destreza e nas competições das ciências exatas, estas duas atribuídas, geralmente, aos meninos. Atividades ditas delicadas, muitas vezes, são impostas para as meninas.

Os LDs são muitas vezes os únicos meios de informação disponíveis nas escolas; são construídos conforme o interesse de um determinado grupo que detém o poder e pretende permanecer nele; então, suas imagens também são resultados de uma escolha ideologicamente pautada na naturalização dos papéis de homens e mulheres. Essas imagens apresentam uma idealização masculina, branca, heterossexual e de classe alta, consagrando a violência simbólica de um grupo, o masculino, sob o outro, o feminino.

Nas relações do dia a dia da sala de aula e nos conselhos de classe, a naturalização de que o feminino, as mulheres e as meninas são inferiores intelectualmente assume adjetivos sutis, como esforçada, caprichosa, delicada; já para os meninos, os adjetivos são outros: curioso, questionador, burlador de regras, entre outros. Não se espera que meninas tomem decisões, interrompam falas e questionem atitudes simbolicamente constituídas como de exclusividade masculina, o que torna-se mais um paradoxo, pois a maior parte dos membros das gestões nas escolas, com os quais se teve contato, são mulheres.

3.3 O(S) FEMINISMO(S)

No momento em que se escreve este capítulo, o Brasil vive um tempo histórico para o feminismo brasileiro,³⁹ um grupo organizado por mulheres, que ultrapassa 1,4 milhões de membros, tem mobilizado as redes sociais. Esse grupo posiciona-se contra um candidato à presidência do País, que tem se destacado pelo conservadorismo político e discurso excludente, deixando claro em seus vídeos a crença na inferioridade feminina em relação aos homens, além de outras falas de cunho fascista, que ignoram e pretendem ignorar o que ele mesmo chama de minorias: negros, negras e quilombolas. Acompanhando as articulações do grupo em organizar eventos de protestos em âmbito nacional, percebe-se que está acontecendo uma quebra de paradigmas importantes para a história do feminismo brasileiro.

Feminismo (ou feminismos) pode ser concebido como organizações de mulheres que buscaram e ainda buscam igualdade entre os gêneros. Considerando que a história de um grupo relaciona-se com a história de outro, ou seja, a história das mulheres está relacionada com a história dos homens; as mulheres não existem sem os homens e vice-versa. Existem muitas vertentes que carregam bandeiras e ideais distintos, mas o foco está na igualdade. Se fizermos um sobrevoo na História, encontraremos diversas manifestações de grupos de mulheres em busca de direitos, como o de trabalhar, ter acesso à educação, votar, entre outros.

Antes de analisar o percurso do feminismo no Brasil, a atenção estará em descrever alguns marcadores da história do feminismo e a contextualização de eventos protagonizados por mulheres, no que diz respeito à luta por espaços e reivindicações de direitos; a final do século XIX até os anos 1960 e 1970 é considerado o auge das lutas feministas, segundo Insaurregiaga e Jardim (2015). “As mulheres têm enfrentado, ao longo de muito tempo uma gama de discriminações e estereótipos opressores baseados no sexo.” (SIQUEIRA, 2015, p. 331).⁴⁰ As chamadas ondas ou vagas do feminismo são as diversas manifestações que, ao longo da História, ganharam representatividade e adeptos; cada onda teve suas pautas de objetivos, que aqui se procura mostrar.

³⁹ Os grupos intitulados Mulheres contra Bolsonaro e #elenão foram organizados por usuárias do Facebook, no ano eleitoral de 2018. Observa-se que houve segundo turno.

⁴⁰ Disponível em: www.conpedi.org.br/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf. Acesso em: 12 ago. 2018. Na revisão final do texto escrito, não foi possível acessar o endereço do XXIV Congresso Nacional do Conpedi – UFMG/Fumec/Dom Helder Câmara: Poder, cidadania e desenvolvimento no Estado Democrático de Direito, que aconteceu em Florianópolis, SC em 2015; no entanto, havia-se baixado o artigo de Camilla Karla Barbosa Siqueira, intitulado “As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no Direito Brasileiro”.

A opressão do patriarcado remonta a períodos arcaicos da humanidade, conforme pensa Siqueira (2015). Anteriormente, na era moderna, na Europa, muitos acontecimentos históricos ocasionaram mudanças na forma de ver o ser humano; foram as ideias iluministas que impulsionaram tais pensamentos; no Renascimento, o humanismo trouxe muitos questionamentos sobre o ser humano, mas isso não se estendeu para as mulheres. Novas concepções pedagógicas sobre os processos de aprendizagem e a forma de educar as pessoas fez com que as mulheres questionassem seus papéis e as funções que desempenhavam no mundo em relação aos homens. Elas perceberam que a situação não era justa, pois ainda não tinham os mesmos direitos que os homens.

Nos salões franceses muitas mulheres destacavam-se, mas esse acesso era limitado às mulheres burguesas, que encontravam-se para discutir ideias contra a obrigação do matrimônio, sobre literatura e outros papéis sociais estipulados para as mulheres. Essas mulheres eram independentes e solteiras e defendiam que deveria haver mais igualdade entre homens e mulheres. Elas questionavam o porquê do acesso à educação ser somente privilégio dos homens, além disso questionavam por que eram obrigadas a ser esposas e mães.

Na Itália, surgem as primeiras ideias concretas sobre o feminismo. Muitas mulheres de Veneza tinham acesso à cultura, mas ainda sofriam preconceito. Essas mulheres discutiam a capacidade e o papel das mulheres, pois elas entendiam que as mudanças ocorridas no social, econômico e político também deveriam se entender às mulheres. Mas, apesar disso, enquanto algumas participavam dessas transformações e ainda com destaque artístico e cultural, outras estavam presas em casa; não podiam sair sozinhas, falar com estranhos e somente ir à igreja na companhia de uma mulher mais velha.

Quadro 10 – As ondas do feminismo, contextos históricos e reivindicações dos movimentos⁴¹

Ondas do feminismo	Período	Contexto histórico	Reivindicações
Pré-feminismo	Metade do século XIX	As pequenas ações vinham de grupos de mulheres da elite europeia	Acesso à educação e a ambientes que pertenciam somente aos homens
Primeira Onda	Final do século XIX até meados do século XX	Revolução Industrial, sociedade urbana, positivista e cientificista; política e economia de caráter liberal, ascensão do modelo socialista de sociedade	Direitos das operárias, participação da vida política por meio de voto, questionamentos sobre a submissão dos papéis impostos. Percepção de grupos identitários diferentes das mulheres
Segunda Onda	Anos 60 e 70 do século XX		Direito sobre o corpo, a reprodução e a sexualidade Questionamentos sobre as características biológicas; incorporação do conceito de gênero como construção social; origem da condição feminina, do patriarcado e da opressão; crítica à jornada de trabalho dobrada e à diferença de ganhos
Terceira Onda	Anos 90 do século XX	Fim da URSS. Queda do Muro de Berlim, Crise das ditaduras na América Latina, Imperialismo estadunidense, Advento das tecnologias de comunicação de massa	As mulheres e as relações construídas a partir de raça, classe social e sexualidade (interseccionalidade); posição teórico-metodológica do pós-estruturalismo, negação dos padrões impostos (conduta, comportamento); destruição de categorias; diferentes processos identitários de cada sujeito histórico

Quadro elaborado pela pesquisadora.⁴²

A Primeira Onda Feminista teve, como força motriz, a Revolução Francesa. Foi o momento mais importante para o feminismo; naquela época, as pessoas começaram a discutir a igualdade entre homens e mulheres. Segundo Perrot, no final do século XIX na França houve períodos de carestia, e as mulheres da periferia organizaram massivos protestos contra o preço de grãos nas feiras, e a vigilância era permanente. Os protestos longe de serem silenciosos incluíam revirar bancas e lançar o que dispunham, no momento, nas mãos, contra os fornecedores. Havia estratégias para fiscalizar aumentos abusivos, algumas ficaram à espreita e o comando inicia o motim. Assim, destaca Perrot:

Quando uma penúria se anuncia – mercadorias muito rapidamente esgotadas, começo de filas – ei-las em alerta. Quando uma alta se esboça, elas murmuram. O

⁴¹ A bibliografia disponível para elaboração do quadro se refere principalmente a recortes da história das mulheres no Ocidente.

⁴² Para a construção do Quadro 10, utilizaram-se informações disponíveis no *site*: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em: 15 mar. 2019.

boato infla-se nas ruas, nos pátios, nos bairros, entre vizinhas. Na feira seguinte, os preços disparam. Então as mulheres intimam seus fornecedores de grãos ao preço costumeiro; se eles recusam, elas tomam o grão, fixam o preço e os vendem sozinhas. Se o comerciante escondesse seus sacos de grão, elas atacam o açambarcador, reviram as bancas, perseguem-no com gritos e chegam a golpeá-lo, até os fundos das lojas dos padeiros cúmplices. (PERROT, 2005, p. 205).

O foco principal do feminismo da Primeira Onda, do final do século XIX, era a conquista de direitos políticos, garantias de trabalho remunerado, acesso à educação e direito à propriedade e herança. Naquela época de Revolução, foi publicada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, mas essa declaração não garantia o mesmo direito às mulheres. As mulheres francesas queriam ter direitos universais, assim como os homens, ou seja, queriam ter direitos civis e políticos.

Muitas mulheres participaram ativamente da Revolução, as mais pobres foram às ruas lutar com os homens, exigindo pão e direitos, outras, as mais ricas, escreviam textos em jornais da época exigindo as mesmas condições. Um grupo de mulheres começava a escrever nos “Cadernos de Queixas” suas reivindicações: exigiam direito à educação, ao trabalho; direitos matrimoniais e de voto. Acreditavam que nenhuma mulher poderia ser maltratada pelos homens dentro e fora do lar.

O Caderno de Queixas não foi levado a sério, mas as mulheres conseguiram algumas poucas conquistas, a lei do divórcio foi uma delas, além de poderem testemunhar em processos civis. Essas pequenas conquistas ainda estavam longe de ser universais, pois a classe social era um determinante importante e definia acesso aos direitos.

Aproximadamente seis mil mulheres de Paris marcharam até o palácio de Versalhes para denunciar os privilégios masculinos. Muitas mulheres francesas organizaram-se em 56 clubes republicanos femininos e exigiram participar da vida política da França. A Revolução Francesa representou uma amarga derrota para o feminismo, os clubes foram fechados e foi expressamente proibida a participação feminina na política. As que resistiram foram presas e guilhotinadas. Assim, Perrot (2005, p. 205) esclarece sobre as mulheres donas de casa e pobres: “Durante os grandes tumultos de 1817, diversas dezenas de mulheres foram condenadas à prisão, aos trabalhos forçados e até mesmo à morte, a despeito da indulgência ansiosa dos tribunais pelas mães de família”.

A Segunda Onda Feminista ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial, cujo período implica diretamente a presente dissertação, e seus estilhaços atingem o Brasil. A pauta dessa onda aborda reivindicações pelo direito do corpo ao prazer e contra o patriarcado.

Foi nesse contexto que o conceito gênero foi criado, mas não utilizado. Conforme Insaurregiaga e Jardim,

[...] foi justamente, na segunda onda, que a categoria gênero foi criada, a ponto de não mais explicar as relações homem/mulher através do determinismo biológico e, sim, pensado e articulado com cultura. Porém, a palavra gênero ainda não é utilizada, nessa segunda onda era só o sentido representado e contido na nomenclatura; assim, a palavra utilizada pelas feministas, no que tange à oposição ao “Homem”, era “Mulher”. (INSAURRIAGA; JARDIM, 2015, p. 121).

Do ponto de vista legal, desde 1916, segundo o Código Civil brasileiro, a mulher era considerada incapaz, precisava da autorização do marido para poder trabalhar ou estudar, segundo Dias.⁴³ Esse documento reforçava a violência simbólica sofrida pelas mulheres brasileiras, em decorrência da sociedade conservadora e patriarcal. A Segunda Onda Feminista, inaugurada nos anos 60, de certa forma contribuiu para a reformulação do chamado estatuto da Mulher Casada, Lei n. 4.121, de 27 de agosto de 1962, que assegurou a plena capacidade da mulher como colaboradora na administração da sociedade conjugal. Assim, o Estatuto trazia:

Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos (arts. 240, 247 e 251). Compete-lhe: I – A representação legal da família; II – a administração dos bens comuns e dos particulares da mulher que ao marido incumbir administrar, em virtude do regime matrimonial adotado, ou de pacto, antenupcial (arts. 178, § 9º, n. I, c, 274, 289, n. I e 311); III – o direito de fixar o domicílio da família ressalvada a possibilidade de recorrer a mulher ao Juiz, no caso de deliberação que a prejudique; IV – prover a manutenção da família, guardadas as disposições dos arts. 275 e 277. Art. 240. A mulher assume, com o casamento, os apelidos do marido e a condição de sua companheira, consorte e colaboradora dos encargos da família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. IV – Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251): I – praticar os atos que este não poderia sem consentimento da mulher (art. 235); II – Alienar ou gravar de ônus real, os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens (arts. 263, ns. II, III e VIII, 269, 275 e 310); III – Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outrem; IV – Contrair obrigações que possam importar em alheação de bens do casal. Art. 248. A mulher casada pode livremente: I – Exercer o direito que lhe competir sobre as pessoas e os bens dos filhos de leito anterior (art. 393); II – Desobrigar ou reivindicar os imóveis do casal que o marido tenha gravado ou alegado sem sua outorga ou suprimento do juiz (art. 235, número 1); III – Anular as fianças ou doações feitas pelo marido com infração do disposto nos números III e IV do art. 285; IV – Reivindicar os bens comuns, móveis ou imóveis, doados ou transferidos pelo marido à concubina (art. 1.177).⁴⁴

⁴³ Desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Vice-presidente nacional do Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM, texto disponível em: <http://investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/direito-civil/2247-a-mulher-no-codigo-civil>. Acesso em: 2 nov. 2018.

⁴⁴ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4121-27-agosto-1962-353846-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 12 out. 2018.

A situação da mulher, no que se referia ao Código Civil, estava na condição de dependente do marido, era-lhe atribuída uma série de limitações legais, devido à sua condição de mulher; destaca-se a obrigatoriedade de incluir o sobrenome do marido e utilizar o mesmo termo da lei “colaboradora”; em contrapartida, diferentemente do Código Civil brasileiro de 1916, agora a mulher gozava de capacidade jurídica plena. Em 1977, entra em vigor a Lei do Divórcio, uma modificação na Constituição Federal através da Emenda Constitucional n. 9 aprovada em 1977. Para isso foi necessária a alteração da própria Constituição Federal; no entanto, essa lei limitou-se a substituir a palavra *desquite* por *separação judicial*, conforme Dias esclarece:

A nova lei, ao invés de regular o divórcio, limitou-se a substituir a palavra “desquite” pela expressão “separação judicial”, mantendo as mesmas exigências e limitações à sua concessão. Trouxe, no entanto, alguns avanços em relação à mulher. Tornou facultativa a adoção do patronímico do marido. Em nome da equidade estendeu ao marido o direito de pedir alimentos, que antes só eram assegurados à mulher “honeste e pobre”. Outra alteração significativa foi a mudança do regime legal de bens. No silêncio dos nubentes ao invés da comunhão universal, passou a vigorar o regime da comunhão parcial de bens.⁴⁵

Como já mencionado anteriormente, a Segunda Onda Feminista foi sentida no Brasil a partir dos anos 60, segundo Pedro (2012). Diferentemente da Primeira Onda, apresentou reivindicações além dos direitos políticos, econômicos e educacionais. Considerando que o País vivia uma Ditadura Civil Militar, que cerceava a liberdade do indivíduo, o movimento feminista, assim como as lutas políticas e sociais, ganhou espaços e simpatizantes numa perspectiva da esquerda. Sanfelice (2011) destaca que os militares exerceram ferrenho combate ao chamado “inimigo interno”, ou seja, todos e todas aquelas que questionassem as ações do governo ditatorial eram perseguidos, torturados e assassinados, bem como as mulheres, assim:

O combate ao “inimigo interno”, sem limites, justificou o Aparato Repressivo que foi identificado em amplos segmentos das sociedades: políticos, militares, religiosos, intelectuais, operários, estudantes, livros, peças de teatro, música, jornais, universidades, partidos políticos e um número sem fim. Cassações, prisões, torturas, mortes e banimentos de cidadão generalizam-se. (SANFELICE, 2011, p. 324).

Apesar de a repressão vivida por todos e todas ter impulsionado o movimento feminista, até o final dos anos 80, o conceito de feminismo estava vinculado à luta de mulheres masculinizadas, que fugiam do padrão de mulher aceitável; as brasileiras recebiam

⁴⁵ A Emenda Constitucional n. 9 foi possível, pois, afastando o quorum de dois terços dos votos para emendar a Constituição. Passou a ser exigida somente maioria simples e não mais maioria qualificada. Só assim foi possível aprovar a Emenda Constitucional n. 9, que introduziu a dissolubilidade do vínculo matrimonial. Segundo o texto de Maria Berenice Dias (2018).

ser chamadas de feministas, mesmo sendo a favor da emancipação das mulheres, e os homens que apoiavam essa bandeira eram sujeitos a chacotas.

Até o final dos anos 1980, por exemplo, poucas pessoas aceitavam o rótulo de feminista, porque, no senso comum, o feminismo era associado à luta de mulheres masculinizadas, feias, lésbicas, mal amadas, ressentidas e anti-homens. Se as mulheres que eram a favor da emancipação feminina não queriam ser vistas assim; o que dizer dos homens que, por apoiarem-nas, estavam sujeitos a todo tipo de gozação machista? Definir-se como feminista no Brasil era um grande risco. (PEDRO, 2012, p. 240).

Nos anos 70, o Brasil vivia, além da ditadura, um acelerado processo de urbanização, contexto histórico que permitiu o acesso das mulheres em espaços públicos, como universidades e empregos formais, além de organizações em protestos. Segundo Pedro (2012), as mulheres atuavam em clubes de mães, reivindicavam creches, anistia política e o movimento pelas Diretas Já. Nos sindicatos apareciam com cargos de diretoria e, assim, organizavam encontros com trabalhadoras, participando ativamente da vida sindical. O movimento feminista ganhou impulso e participação das mulheres na luta contra a opressão em que viviam.

Portanto, no Brasil, o feminismo de Segunda Onda foi contemporâneo de muitos outros movimentos que contavam (e contam) com expressiva participação das mulheres. A diferença está no fato de o movimento feminista propriamente dito ser o que desenvolve lutas contra a opressão específica das mulheres e reivindica direitos para elas. (PEDRO, 2012, p. 241).

O feminismo vivido na Europa e nos Estados Unidos influenciou o feminismo brasileiro; porém, é necessário perceber as dicotomias dessas três realidades, pois o feminismo brasileiro traçou e vem traçando perfis e demandas distintas em função de sua realidade social, histórica e econômica. Assim, “o feminismo no Brasil foi construído a partir das demandas e peculiaridades do país. Não foi algo importado e que renegou as contradições e lutas presentes no Brasil.” (INSAURRIAGA; JARDIM, 2015, p. 122).

Nos anos 90 do século XX, inicia-se o que se chama de Terceira Onda Feminista, que tinha como foco corrigir questões ignoradas pelas Ondas anteriores; surge então o conceito de interseccionalidade, que se propõe a analisar questões das relações envolvendo mulheres, classe social e raça, que passaram a ser discutidas de forma mais enfática. Percebeu-se que, antes da interseccionalidade, os pressupostos teóricos sobre mulheres eram muito limitados, pois cada grupo de mulheres apresentava características diversas: mulheres brancas não vivem a mesma realidade que mulheres negras; mulheres pobres da periferia são

diferentes das mulheres ricas de uma classe privilegiada. Então, o pós-estruturalismo buscava dar conta dessas diferenças.

Apesar dos anos 90, esse movimento tem raízes nos anos 80, inserido no contexto das novas perspectivas das Ciências Humanas que, por sua vez, trazem, através da micro-história, um espaço para questionar o padrão branco e da classe média de mulheres, bem como privilegiar os processos históricos das diferenças entre mulheres negras de diferentes condições sociais.

A Terceira Onda Feminista reconhece as diferenças sexuais entre homens e mulheres, como resultado de um processo de aculturação, e os historiadores da cultura usam essas diferenças como instrumento de análise. Assim orienta Hufton:

Nas mãos dos historiadores da cultura, a distinção sexual tornava-se um instrumento analítico para ser utilizado ao mesmo tempo que as definições segundo raça ou classe social. Tanto quanto as mulheres, os homens se tornavam então o produto de um processo de aculturação: tinham pois sido fabricados e não tinham nascido assim. Seria artificial e exagerado isolar as mulheres, quando importava pôr em contexto homens e mulheres, para perceber a dinâmica cultural de uma sociedade. (HUFTON, 1998, p. 246).

O feminismo ou feminismos, como se acredita ser mais apropriado falar, é um movimento organizado por mulheres, têm permitido que historiadores e demais cientistas percebam o lugar das mulheres, com todas as suas singularidades, na escrita da História e em outros campos do conhecimento. Nas coleções didáticas analisadas para esta pesquisa, os movimentos feministas e suas conquistas não aparecem em nenhum capítulo, nem mesmo em texto complementar. Segundo Méndez, o LD e o currículo de História realizam uma relação dialética: o que é definido como currículo passa a ser escrito no LD, mas o oposto costuma acontecer assim: “Não é raro, os debates sobre concepção de currículo se limitam a adotar a lógica exposta no livro didático”. (MÉNDEZ, 2017, p. 201). O LD deixa de ser material de apoio e passa a ser o próprio currículo.

Os(as) professores(as) precisam trazer as novas tendências teóricas que privilegiam a história das mulheres e assim produzir um diálogo entre a pesquisa acadêmica e todos(as) envolvidos na trama da educação, para a reorganização do currículo de História e das outras áreas do conhecimento, conforme defende Méndez.

O diálogo entre influências teóricas da história acadêmica e a produção de livros didáticos requer discutir os currículos para a área, o que implica em observar as políticas educacionais, uma vez que o conhecimento histórico trafega não apenas pelas mãos da comunidade de historiadores especializados, mas também de especialistas em educação, dos governos, de movimentos sociais, professores, entre outros agentes. (MÉNDEZ, 2017, p. 201).

Diante dos novos desafios que se configuram na educação atualmente, precisamos, como sociedade civil, repensar os currículos escolares; como historiadora e professora de História, em todos esses anos, percebe-se que, apesar de várias modificações, ainda estamos atrelados a um ensino de História quadripartite; esse modelo tem ignorado povos e lutas. É preciso elaborar um currículo que tenha como pauta a História das Mulheres, o Feminismo e, conseqüentemente, os desdobramentos disso. É um processo lento que envolve a formação continuada de professores(as) para que eles(as) percebam que a História não é estática; são narrativas produzidas intencionalmente por determinados grupos que detêm o poder. O que é produzido na academia precisa encontrar meios de chegar até as escolas, porque essa é a intenção da academia e de seus(suas) pesquisadores(as).

4 LEITURA DE IMAGENS DE REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS COLEÇÕES DA PESQUISA

“Olga Benário: idealismo, amor e tragédia”.

Título da legenda que acompanha a imagem de Olga Benário Prestes na Coleção *Nova História Crítica*, 2004.

Existem algumas características que foram constituídas como naturalizadas e próprias, exclusivamente, do feminino; a legenda transcrita acima revela a dualidade responsável pela morte da mulher representada: “amor e tragédia”, como se somente as mulheres pudessem amar e, conseqüentemente, esse amor doentio, maior que a própria pessoa, pudesse gerar a tragédia, ou seja, a morte. Ao analisar as imagens e representações do feminino, nas coleções didáticas desta pesquisa, percebeu-se que a maioria das imagens e representações está associada a legendas que expressam sentimentos e atitudes femininos. Bourdieu reforça que essa naturalização se dá pela lógica masculina ou androcêntrica. Assim,

[...] toda a ordem natural e social é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão do trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho [...]. (BOURDIEU, 2012, p. 33).

Para organizar este capítulo, foram criadas duas categorias de imagens e representações. A primeira, abrange todas as fotografias nas quais aparecem mulheres, que podem ser fotos familiares, mulheres sozinhas e fotos oficiais e em grupo com outras mulheres, homens e/ou crianças.

A outra categoria nomeada como mulheres, em outras representações, engloba cartazes, pôsteres, capas de revista, obras de arte, litografias e ilustrações para fins didáticos. Assim, foi elaborado o quadro a seguir:

Quadro 11 – Números, títulos, categorias e origem das figuras (imagens) analisadas na dissertação

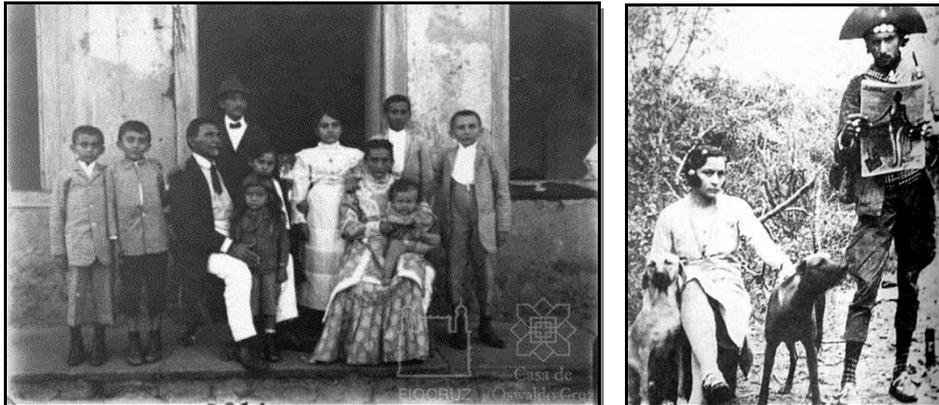
Figura	Título	Tipo	Coleção
Figura 1	A Mulher e o automóvel	Cartaz	<i>Nova História Crítica</i>
Figura 2	Baile da Corte em Viena	Obra de arte	
Figura 3	Assassinato de Francisco Ferdinando	Cartaz	
Figura 4	Soldado inglês e mulher francesa	Ilustração	
Figura 5	Cartaz inglês chamando as mulheres para a guerra	Fotografia	
Figura 6	Mulheres: história da moda	Ilustração	
Figura 7	Família do Coronel Donnel	Fotografia	
Figura 8	Lampião, Maria Bonita e bando de cangaceiros	Fotografia	
Figura 9	Elvira Boni, “uma militante libertária”	Fotografia	
Figura 10	Famílias em festa natalina	Obra de Arte	
Figura 11	Antropofagia de Tarsila do Amaral	Obra de Arte	
Figura 12	Diana de Victor Brecheret	Obra de Arte	
Figura 13	Olga Benário Prestes	Fotografia	
Figura 14	Capa da revista <i>Cruzeiro</i>	Capa de revista	
Figura 15	Pagu: a “intelectual engajada”	Fotografia	
Figura 16	Mulheres trabalhando numa fábrica de munição	Litografia	
Figura 17	Mulheres com roupas de banho “ousadas”	Fotografia	
Figura 18	Madame Metisse	Obra de Arte	
Figura 19	Mulheres no Cubismo	Obra de Arte	
Figura 20	Cartaz publicitário inglês chamando as mulheres para guerra.	Cartaz	
Figura 21	Posse de Getúlio Vargas	Fotografia	
Figura 22	Carmem Miranda	Fotografia	
Figura 23	Mulheres e homens visitando uma linha de montagem	Fotografia	
Figura 24	Sertanejos e sertanejas	Fotografia	
Figura 25	Maria Bonita e Lampião	Fotografia	
Figura 26	Dalva de Oliveira e orquestra	Fotografia	
Figura 27	Moradores expulsos do centro do Rio de Janeiro	Fotografia	<i>História Temática: terra e propriedade</i>
Figura 28	Mulheres telefonistas	Fotografia	
Figura 29	Operários e operárias na fábrica da General Motors	Fotografia	
Figura 30	Crianças da Juventude hitlerista	Fotografia	<i>História Temática: o mundo dos cidadãos</i>
Figura 31	Pintura: O ruído da rua penetra dentro de casa	Obra de Arte	
Figura 32	Mulheres segurando munição	Fotografia	
Figura 33	Mulheres e homens na fila para trocar entrada ao circo por gênero alimentício	Fotografia	
Figura 34	Mulheres e crianças judias no campo de concentração de Auschwitz	Fotografia	
Figura 35	Mulheres russas resgatam pertences	Fotografia	
Figura 36	Família camponesa de A. Wissel	Obra de arte	

Quadro elaborado pela pesquisadora.

O quadro disponibiliza as 36 figuras analisadas no capítulo 4, com o respectivo nome e tipo: fotografia, obra de arte, cartaz, ou litografia.

4.1 FOTOGRAFIA DE MULHERES SOZINHAS, EM FOTOS DE FAMÍLIA, FOTOS OFICIAIS OU EM GRUPOS⁴⁶

Figura 7 – Família do Coronel Donnel. Figura 25– Maria Bonita, Lampião e o Cangaço



Fonte: Figura 7 – Disponível em: <http://basearch.coc.fiocruz.br/uploads/r/fundacao-oswaldo-cruz-casa-de-oswaldo-cruz/4/5/45404/BP.06.TP.03.V2.027.jpg>.

Figura 25 – Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamor/3938473>. Acessos em: 13 fev. 2019.

A figura 7 corresponde a uma foto de família retirada da página 43 do LD *Nova História Crítica*. Nela observam-se sete homens, sendo dois adultos e cinco crianças, quatro mulheres, uma delas adulta e duas crianças meninas. A família tradicional está composta por pessoas brancas e está localizada na parte superior da página da direita do LD. A foto é de 1912 e foi feita na frente de uma moradia com grandes portas e janelas.

O pai está sentado à direita, à sua esquerda está a mulher/mãe, segurando uma criança de colo. No segundo plano estão os filhos, à direita do pai, dois meninos menores, atrás do pai, um filho adulto; entre a mãe e o pai, uma filha grande. No colo do pai e entre o irmão mais velho, há duas crianças, uma menina jovem e um menino também jovem. O pai tem um menino de pé, entre suas pernas.

Uma das mulheres está sentada (mãe) e segura um bebê e as outras estão de pé, entre a mãe e o pai. As mulheres tinham seu papel bem definido: manter a família unida e cuidar do espaço privado a elas destinado.

A legenda que acompanha a imagem é: “Família do Coronel Donnel, em Paranaguá, cidadezinha do Piauí, em 1912. Repare-se que a casa atrás é grande, mas deteriorada. As

⁴⁶ A numeração das figuras, neste capítulo, obedece à ordem constante no Quadro 11 apenas.

roupas estão boas. Muitos coronéis, especialmente no Nordeste, não eram ricos. Seu poder vinha da propriedade de terra e das ligações políticas com os governadores, com os quais trocavam favores”.

As vestimentas apresentam características sociais: homens adultos e crianças (meninos) usam calça e casacos. As mulheres usam vestidos com detalhes em renda. A indumentária revela um certo poder da família e, como diz a legenda, a moradia está deteriorada. O lugar dos homens e dos meninos recebe destaque na fotografia, pois estão ladeando os pais e o irmão mais jovem. O zelo e o cuidado com as filhas também está explícito.

Os dois homens adultos usam gravata e camisa branca. As crianças (meninas) usam camisa branca e as mulheres vestidos longos e cabelos presos. As gravatas e as camisas brancas em baixo dos casacos mostram o poder da família retratada. As mulheres, em traje longo, está associada à maternidade e ao cuidado. Pode-se assim relacionar conceitos que permitem ser explorados com o uso didático dessa imagem, como, por exemplo, conceito de família tradicional, maternidade, coronelismo, criação de meninos e meninas.

A figura 25 também é uma foto de família, pois retrata um casal muito conhecido, Maria Bonita e Lampião, retirada da página 103 da Coleção *História Temática: terra e propriedade*. Nessa imagem, pode-se perceber uma mulher sentada e um homem de pé e dois cachorros. Localizada na página da direita do LD, num texto à parte do capítulo, em cor diferente, intitulado “No Sertão, o cangaço”. A representação de Maria Bonita denota uma mulher jovem, o homem, Lampião, carrega um jornal com a imagem de uma mulher. A cena se passa ao ar livre. Há dois cachorros, um em cada lado da mulher.

Maria Bonita está sentada com as pernas cruzadas numa cadeira; sua expressão é de seriedade; seu rosto está levemente inclinado para Lampião (esquerda); o braço esquerdo está em cima do cachorro da esquerda. A legenda é muito sucinta: “Lampião, o ‘rei do cangaço’, e sua companheira, Maria Bonita”.

As vestimentas são: vestido com mangas compridas, saia com comprimento um pouco a baixo do joelho, o cabelo está preso com dois enfeites ou flores. Pertence ao grupo que tinha acesso a vestimentas da época; isso pode ser explicado porque ela era a esposa do cangaceiro.

Para Bourdieu (2012), há uma postura de submissão que a construção social e histórica da sociedade impõe; no caso da pesquisa do autor, as mulheres cabilas (relativo a quem habita a Cabília). Acredita-se que essa definição cabe atualmente, pois algumas peças do vestuário simbolizam submissão.

Essa espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurado por suas roupas (o que é algo mais evidente ainda em épocas mais antigas) e tem por efeito não só dissimular o corpo, chamá-lo continuamente à ordem (tendo a saia uma função semelhante à sotaina dos padres) sem precisar de nada para prescrever ou proibir explicitamente. (BORDIEU, 2012, p. 39).

Perrot (2003, p. 15), lembra que há um jogo, um plano naturalizado para que as mulheres sejam educadas em um sistema de regras que, para serem aceitas e respeitadas, precisam seguir esses cuidados, como a descrição na forma de apresentar o corpo. “A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos [...]”.

Figura 8 – Maria Bonita com Lampião



Fonte: Disponível em: <https://novahistoriacritica.blogspot.com/2013/06/cangaceiros-e-coroneis-no-sertao.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Na figura 8, observam-se nove homens e uma mulher, fotografia inserida na parte superior da página da esquerda do LD. É um grupo de pessoas armadas. No centro da imagem, está Maria Bonita posando ao lado de Lampião, líder cangaceiro; todos e ela posam para a foto ao ar livre, próximos de pequenas árvores. Estão com as armas em posição de descanso. O olhar é de altivez e poder. Maria Bonita apoia-se numa espingarda, usa vestido simples, até os joelhos, calça sandálias, usa chapéu; é uma mulher branca e seu olhar é de desafio, está séria.

Na legenda da imagem, nota-se que o editor tomou o cuidado de nomear a mulher, porém não definiu o grau de parentesco que ela tem com o líder do bando e acabou trazendo outras informações que também são importantes para os(as) estudantes; no entanto, ignorou o papel que esta mulher desempenhou no grupo, depois dela, outras mulheres foram aceitas pelo cangaço. A legenda: “Lampião e Maria Bonita à frente de seu bando de cangaceiros. Bandido

ou herói? Na época aterrorizava fazendeiros e cidadezinhas do interior do Nordeste. Mas, para muitos ficou como ‘justiceiro da caatinga’. Teria sido mesmo? Até que ponto ele não esteve plenamente integrado à violenta disputa entre as famílias rivais dos coronéis? Seu jeito de agir não era o modo possível de não se sujeitar completamente?”

Sobre o cangaço e Maria Bonita, Wolff esclarece:

A cangaceira mais conhecida, especialmente por sua associação com o “rei do cangaço” foi Maria Bonita. Ela juntou-se ao bando de Lampião em 1929 e morreu em 1938, degolada pela polícia, como os outros membros do grupo. Não existem relatos de existência de cangaceiras antes de Maria Bonita, mas depois que Lampião incorporou sua companheira ao seu grupo, outras mulheres passaram a ser aceitas pelos cangaceiros. (WOLFF, 2012, p. 436).

As mulheres cangaceiras normalmente não participavam dos combates, mas acabavam baleadas, pois estavam ativamente ao lado dos homens: cozinhando, costurando e cuidando dos doentes, conforme pondera Wolff (2012). Maria Bonita é emblemática para a história da mulher no Brasil, pois seu nome é constantemente lembrado; explorar imagens dela pode ser uma forma interessante de relacionar o cangaço com o empoderamento feminino. Vinculando a Figura 8 com a Figura 24, podemos pensar o contexto do Sertão Nordestino e as relações de gênero.

A história dos excluídos e dos silenciados não tem sido abordada nos LDs pesquisados.

Figura 27 – Moradores expulsos no centro do Rio de Janeiro



Fonte: Digitalizada pela pesquisadora.

A fotografia em preto e branco foi digitalizada, por não ter sido encontrada a origem. É composta por aproximadamente seis meninas, onze meninos e seis homens adultos. Está localizada na página da esquerda do LD na seção “Painel”. As pessoas ocupam desorganizadamente a esquerda da imagem, à frente de um prédio em estilo português que, possivelmente, é uma venda, um mercado. As meninas estão com vestidos e os meninos e homens, com calças ou bermudas compridas.

A legenda da imagem menciona a campanha sanitária de Oswaldo Cruz: “Além da campanha sanitária empreendida por Oswaldo Cruz, a cidade do Rio de Janeiro passou por uma reconstrução a partir do centro, entre os anos 1905 e 1910. A administração da cidade derrubou cortiços e grande número de moradias populares, expulsando seus moradores para áreas mais afastadas. Nessa foto de 1905, moradores de prédios desapropriados na Rua dos Inválidos”. Uma população desassistida por um governo corrupto na Primeira República do Brasil. Segundo Carvalho (1987) era considerada perigosa em potencial:

Esta população poderia ser comparada às classes perigosas ou potencialmente perigosas [...]. Eram ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército e da Marinha e dos navios estrangeiros; ciganos, ambulantes, trapaceiros, criadores, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores de bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptadores, pivetes [...]. (CARVALHO, 1987, p. 18).

Com a figura 27 pode-se refletir sobre: onde estão as mulheres, sendo que só há crianças? Estas mulheres estariam trabalhando no momento da fotografia? Por que somente homens-adultos acompanham as crianças?

Figura 17 – Mulheres com trajes de banho “ousados”



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/73253931418912221/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

A figura 17 também é uma fotografia, está na página da esquerda do LD. São sete mulheres jovens e brancas em atitude de descontração; a imagem não traz informações sobre o local, mas o cenário é uma praia

Sete mulheres jovens, brancas, da elite burguesa; a foto não traz informação sobre a qual país essas mulheres pertencem. O cenário é uma elevação com grandes pedras, uma praia. A legenda da imagem traz as seguintes informações: “Após a guerra, a moda feminina se transformou. Nessa fotografia, tirada por volta de 1925, vemos um grupo de mulheres vestindo roupas de banho consideradas muito ousadas para a época.” As vestimentas femininas são trajes de banho que, segundo a legenda, datam de 1925. Os penteados e trajes revelam que as mulheres pertenciam à classe social abastada. A cena é composta por vários acessórios que confirmam a afirmação: os penteados, chapéus, maiôs, as bolsas, meias e os cintos. Algumas mulheres usam cabelos curtos e riem. O riso, a beleza e talvez a rebeldia de usar roupas, que, como a legenda refere, eram ousadas. Para Perrot (2003, p. 14): “A própria beleza constitui um capital simbólico a ser barganhado no casamento ou no galanteio. O

homem rico gosta de ostentar a beleza de sua(s) amante(s): um luxo que ele se pôde permitir e que lhe glorifica a virilidade”.

Figura 26 – Dalva de Oliveira acompanhada de orquestra



Fonte: Foto digitalizada pela pesquisadora.

A figura 26 é a fotografia de uma mulher e sete homens; está situada na página da esquerda do LD na Seção “Explorando o tema”. A mulher é jovem e branca. Seu nome segundo a legenda, é Dalva de Oliveira. Ela está no centro da foto atrás do microfone, que tem as letras “PRB6”. Ao seu lado há sete homens vestidos com trajes de festa, possivelmente, de uma orquestra, um deles é negro, três deles carregam instrumentos musicais. O cenário de fundo pode ser um papel de parede com desenhos florais e a imagem acompanha o título “Cantores de Rádio”. O semblante da cantora expressa certo poder de liderança e a legenda traz as seguintes informações: “Dalva de Oliveira canta em um programa de rádio, em 1932”.

O sucesso das cantoras de Rádio implicava certo luxo ostentado nesses programas; assim, o vestido longo é claro e cinturado, acompanhado de colar, cinto e possivelmente

maquiagem. Poucas mulheres conseguiam alcançar destaque no espaço público. Dalva de Oliveira foi uma delas.

Figura 15 – A “intelectual engajada”



Fonte: Disponível em: <https://www.skoob.com.br/autor/264-pagu>. Acesso em: 12 fev. 2019.

A figura 15 retrata Pagu, ou Patrícia Galvão; é uma fotografia em preto e branco, uma mulher sorrindo em médio plano na página da direita, na Seção “Reflexões Críticas”. Pagu, mulher jovem, branca, posa para uma foto com vestimentas propícias em comemoração a aniversário, formatura ou a algo do gênero. É uma mulher burguesa que, como a legenda informa, teve acesso à instrução, sendo chamada de intelectual.

A mulher executa uma pose para foto, ela sorri e mostra o ombro esquerdo. Pode-se concluir que Pagu é de classe social privilegiada. A legenda que acompanha a imagem diz: “A duplicidade da condição feminina dos anos 20 e 30. A mulher dona de casa desnuda na praia consumida e consumidora, e a intelectual engajada (Pagu foi presa e torturada pela polícia getulista). Seria possível ser as duas aos mesmo tempo? E hoje? Essa separação ainda existe? Qual dos dois ‘modelos’ predomina?” A legenda aparece associada à figura 15 de Pagu – “intelectual engajada” e à figura 17 – Mulheres com roupas de banho “ousadas”, vistas anteriormente; assim, o texto didático pretende com as questões elaboradas chamar a atenção dos(das) estudantes sobre esses dois universos femininos: a mulher dona de casa desnuda na praia e a intelectual.

A intenção de uma fotografia é registrar um momento, marcando imortalizadas etapas da vida de uma classe privilegiada; pode-se depreender que Pagu tenha, sem dúvida,

marcado um momento do feminismo brasileiro e, possivelmente, inspirado outras mulheres. Assim como Pagu, há Carmen Miranda, representada na figura 22.

Figura 22 – Carmem Miranda



Fonte: Disponível em: <http://www.kitchensisters.org/fugitivewaves/carmem-miranda/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

A fotografia em preto e branco releva uma mulher jovem e branca, um imenso sorriso nos lábios, em médio plano, de um rosto ricamente enfeitado. A cantora Carmem Miranda sorri para a foto, ao seu lado um microfone.

Na legenda da imagem está: “Carmem Miranda (1910-1955) nasceu em Portugal, mas veio para o Brasil ainda criança. Ela tornou-se cantora e fez muito sucesso nas rádios brasileiras, durante a década de 30. Depois, mudou-se para os Estados Unidos, onde participou de vários filmes produzidos em Hollywood e ficou conhecida internacionalmente”.

A vestimenta está ornamentada com pedras; muitos colares e pulseiras, chapéu com arranjo de flores ou frutas, brincos grandes, usa maquiagem. O cabelo está preso no chapéu grande; ela ergue o dedo indicador da mão esquerda para cima, que parece encostar no microfone.

Assim, Dalva de Oliveira era reconhecida como cantora de rádio. E Carmen Miranda teve reconhecimento internacional. Será que se pode ousar ao dizer que foi protagonismo? Levando em conta a classe social privilegiada, questiona-se: Onde estariam os talentos

femininos negros? E o das pobres? São reflexões que se deve fazer com os estudantes, para refletirmos juntos sobre gênero e raça.

A ideia é de interseccionalidade, tendência da Terceira Onda Feminista, que procura outros ângulos para analisar gênero na sociedade e também na História, ou seja, avaliar a questão de gênero levando em conta a classe social da mulher, a raça, o acesso à cultura e demais categorias até então não pensadas. Nesse perspectiva, a Figura 9 – Elvira Boni: uma militante libertária.

Figura 9 – Elvira Boni



Fonte: Disponível em: <http://www.anarquista.net/elvira-boni/> .Acesso em: 12 fev. 2019.

Elvira Boni é a mulher representada na parte superior da página da esquerda do LD. Uma mulher jovem, está sentada à mesa em atitude séria. Logo acima, na parede, há a inscrição: “Spartacus e liberdade”. É uma mulher letrada, branca, intelectual que traz firmeza na expressão, remetendo a um poder intelectual. A imagem vem acompanhada da legenda: “Elvira Boni, uma militante libertária. Os anarquistas defendiam a igualdade entre homens e mulheres. Note os jornais operários pregados na parede.” A vestimenta remete a uma vida simples, associada muitas vezes à ideologia anarquista, conceito que se pode relacionar com universos intelectuais femininos que extrapolam, inclusive, a ciência, com arranjos místicos que, sem dúvida, dão visibilidade a mulheres da vida dos estudantes. Assim, nessa sequência, pode-se refletir com eles sobre as mulheres na política e modelos de sociedade.

De certa forma, a abertura para as mulheres na política foi a principal reivindicação da Primeira Onda Feminista. No caso brasileiro, o número de silenciamentos é muito grande e a onda é bastante tardia, considerando o universo de diversidades.

A figura 21: Posse de Getúlio Vargas, denota que sua esposa ocupa um local na política, mas como primeira-dama. Isso não significa o menor ou o maior engajamento da mulher em questão. Ela simplesmente existe para representar um perfil de sociedade patriarcal. Segundo Perrot, na França, quando as mulheres conseguiram participar ativamente das organizações, suas falas e opiniões eram interpretadas de forma desrespeitosa.

Figura 21 – Posse de Getúlio Vargas



Fonte: Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/getulio-vargas-e-o-presidente-provisorio-do-brasil>. Acesso em: 12 fev. 2019.

A figura 21 – Posse de Getúlio Vargas, está inserida na abertura do capítulo “O fim da República Velha e a Era Vargas”. A esposa de Vargas não está sendo nomeada na legenda. Na foto oficial, estão no centro o presidente Getúlio Vargas com sua esposa, e à sua esquerda homens seguram uma bandeira com os dizeres “24-10-930 Eis a paz! Entre nós salve 31-10-930”. Atrás da bandeira e do presidente há vários homens vestidos com trajes sociais. Vargas usa roupa oficial do Exército. As mulheres estão perfiladas à direita dos homens. A esposa de Vargas também está à direita dele, acompanhada por outras três mulheres. A esposa de Vargas parece ser a mais velha do pequeno grupo de mulheres. A imagem está acompanhada

da seguinte legenda: “Cerimônia realizada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o governo do Brasil”.

As vestimentas delas são vestido até a altura da perna, modelo solto no corpo, mangas longas e adornadas com detalhes em renda ou bordados. O vestido é discreto e esconde o corpo grande; as flores denotam pureza e as expressões são sérias; Chapéu, buquê de flores, uma echarpe em cima dos ombros. As demais mulheres também têm cabelos curtos ou alinhados no chapéu. Uma delas segura uma couraça de raposa e ambas usam colar no pescoço. Essas características remetem à elite brasileira da época. A elite brasileira era machista? Esses traços são pertinentes na nossa sociedade atual? Em quais espaços? Essas questões podem gerar alguns debates interessantes em aula de História. A atividade feminina na política é recente, pois esse mundo era exclusivamente masculino. Sabe-se que elas sempre estiveram lá, ao lado de seus irmãos, filhos, maridos, fazendo seu papel de companheira e, muitas vezes, tiveram suas ideias plagiadas ou autoria indevida para algum homem, geralmente parente próximo, que exercia dominação simbólica.

Na figura 13, está Olga Benário Prestes, esposa de Luiz Carlos Prestes, ambos ativistas políticos. Olga Benário era uma liderança do movimento comunista internacional quando foi destacada para acompanhar Prestes em seu retorno ao Brasil. No entanto, a legenda da imagem reduziu a duas características: um ser frágil e ao mesmo tempo, angelical e diabólico (frio ou quente, seco ou úmido), reforçando Bourdieu (2012) que categoriza essas características como do feminino.

Figura 13 – Olga Benário Prestes



Fonte: Disponível em: <https://medium.com/@l.mvital/a-quest%C3%A3o-de-olga-ben%C3%A1rio-3a58ab0d4ff0>. Acesso em: 12 fev. 2019.

A fotografia em preto e branco é de uma mulher em plano médio (figura 13), na parte inferior da página da direita, dentro de um quadro de destaque no texto em cor azul. Uma pequena foto de Olga Benário Prestes, mas nessa descrição o sobrenome do marido não aparece. O texto menciona que Olga e Prestes se apaixonaram e, durante o governo de Vargas, o casal foi capturado e ela extraditada e entregue à Gestapo por ser judia. A legenda ignora a importância da mulher, mas seu olhar é provocativo. Não há legenda na imagem, mas um texto sobre Olga Benário Prestes. Destaca-se somente o título “Olga Benário: idealismo, amor e tragédia”.

Conceitos que podem ser relacionados utilizando a imagem de Olga (figura 13), nas aulas de História: as diversas relações de Olga Benário Prestes, por ser judia; casou com um brasileiro, num período em que o Populismo e o Fascismo andavam de mão dadas; de ser comunista e o que mais agravava a situação era o fato de ser mulher. Os LDs trazem esses espaços no esquecimento e silenciamento. É muito importante que o(a) professor(a) fique atento a esses aspectos.

Figura 16 – Mulheres numa fábrica de munição na Primeira Guerra Mundial



Fonte: Imagem digitalizada pela pesquisadora.

Originalmente litografia, aqui fotografia digitalizada, que mostra um grande número de mulheres trabalhando numa indústria bélica. A imagem está na página da esquerda do LD, em seção à parte do texto intitulado “As mulheres na Primeira Guerra Mundial”. Há mulheres jovens e de meia idade. No primeiro plano, é possível contar onze mulheres, uma delas é uma senhora. À esquerda da imagem, há um homem de costas, possivelmente um supervisor das mulheres. A cena se passa numa fábrica, as máquinas estão alinhadas numa grande estrutura alta que chega até o teto. As mulheres são operárias, brancas, a maioria jovem. Os cabelos estão presos em lenço. Com expressões dóceis e submissas, desempenham o trabalho em indústria bélica.

A Figura 16 não tem uma legenda específica, mas num texto complementar, com o título “As mulheres na Primeira Guerra Mundial”. Sobre essa reflexão quanto ao caráter complementar da história das mulheres, Méndez (2017, p. 205) argumenta, quando se refere a outro livro didático: “Meu argumento é que o livro em questão não silencia totalmente sobre experiências femininas na história, mas as coloca em lugar marginal, naturalizando as diferenças sociais que tomam como base o sexo”.

Sobre a análise de conteúdo da imagem, pode-se ainda explorar: as vestimentas, os longos vestidos, o guarda-pó, os acessórios como botas e luvas, que deixam clara a ausência de segurança no trabalho.

Figura 23 – Mulheres e homens visitando uma linha de montagem



Fonte: Disponível em: https://www.carroantigo.com/portugues/conteudo/curio_primordios_industria.htm. Acesso em: 12 fev. 2019.

A figura 23, mulheres e homens visitando uma linha de montagem, está inserida na página da esquerda do LD. As mulheres são brancas e estão bem-vestidas. A cena se passa numa fábrica; há homens e mulheres, os homens estão à frente e como motorista do carro. Três mulheres, em primeiro plano, observam os carros; os homens estão à sua frente. A legenda da imagem diz: “Na década de 1920, as classes médias urbanas eram formadas principalmente por comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais. Ao alcançar maior poder aquisitivo, elas passaram a reivindicar maior participação política, enfraquecendo o governo oligárquico. Acima, pessoas da classe média visitando uma linha de montagem de veículos na capital paulista, em 1921”.

O consumidor mais significativo para as revendedores de automóveis era a classe média, dadas as vestimentas com longos vestidos e longos casacos, assim como acessórios: chapéus, pulseiras, lenços. As mulheres estão em atitude séria, de pé, acompanham com a cabeça o automóvel.

Figura 29 – Operários da fábrica General Motors



Fonte: Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/automovel/chevrolet/gm-e-brasil-90-anos-de-historia/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

A figura 29, operários da fábrica General Motors, também é uma imagem que remete a discutir capitalismo e gênero. É uma fotografia em preto e branco, em que homens e mulheres, operários e operárias estão em foto promocional na frente da Companhia Geral de Motores do Brasil S.A General Motors of Brazil S.A. A imagem está na página da direita do LD, na seção “Para conhecer mais”. Ao observá-la percebe-se que a maioria é de homens, que ocupam o centro da imagem. Sete mulheres estão à frente e nas laterais, segurando cartazes promocionais com modelos de automóveis.

A cena retrata um grupo de aproximadamente cinquenta pessoas; somente se identificam sete mulheres; a cena retrata ocasião especial, porque os operários estão vestidos a rigor, bem como os dirigentes da empresa que ocupam o primeiro plano na foto, sentados e com chapéu. A foto foi obtida na frente da edificação de alvenaria de dois pisos, com uma porta ao centro e cinco janelas; no piso superior há quatro janelas. Os cartazes promocionais, conforme indica a legenda, estão sendo segurados pelas mulheres e o tamanho vai da cintura ao chão. Mulheres e automóveis é uma associação importante. Quando essa associação passou a existir? Ela ainda existe?

A maioria dos homens tem postura séria, os sentados à frente esboçam sorriso. As mulheres estão em atitude séria; duas delas, à direita, esboçam sorriso. Os homens sentados à frente são, possivelmente, os responsáveis pela filial, os demais são funcionários. As mulheres, possivelmente, também são funcionárias. Legenda da imagem: “Nas primeiras décadas do século XX, já havia sinais evidentes da modernidade no país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Acima, operários da fábrica da General Motors, no Bairro Ipiranga, em São Paulo, posam para retrato promocional da indústria, no final da década de 1920. No alto, telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro, em foto da mesma década”.

Figura 32 – Mulheres segurando munição



Fonte: Disponível em: http://messaggeroveneto.gelocal.it/tempo-libero/2016/03/25/news/donne-protagoniste-nella-grande-guerra-portatrici-e-vittime-1.13185168?refresh_ce. Acesso em: 12 fev. 2019.

A figura 32 é uma foto em preto e branco inserida em página da direita do LD, na seção “Painel”. As mulheres constituem a grande parte da mão de obra da época, e a cena retrata oito mulheres bem visíveis, sendo que três delas têm o seu rosto ocultado. Ao fundo é possível ver um homem, talvez o líder ou chefe. A legenda aponta que elas foram incentivadas a segurar as balas de canhão como se fossem crianças. A expressão facial é de felicidade e contentamento. A legenda que acompanha a imagem traz as seguintes informações: “Jovens operárias romanas de uma fábrica britânica estabelecida na Itália, durante a Primeira Guerra Mundial. Observe que o fotógrafo as fez posar segurando balas de canhão como se fossem crianças”.

Figura 34 – Mulheres e crianças judias



Fonte: Foto digitalizada pela pesquisadora.

A figura 34 é uma fotografia em preto e branco. Tornou-se a mais desafiadora das imagens analisadas, pois o sorriso das mulheres deixou muita curiosidade, suscitando diferentes hipóteses: Por que o sorriso? Sabiam elas o que as esperava no futuro eminente? Seria o primeiro contato com uma máquina fotográfica? Seria uma foto encomendada pela política nazista? São tantas as possibilidades para analisar, partindo-se da informação de que são oito mulheres e cinco crianças. A imagem está em página da esquerda do LD na seção “Painel”.

A cena se passa ao ar livre, é um grupo de mulheres e crianças, que, segundo a legenda, acabaram de chegar no campo de concentração de Auschwitz. As mulheres usam vestidos e véu na cabeça. Duas pessoas, uma mulher e um menino usam a estrela de Davi no peito (símbolo que representava os judeus). Uma mulher segura sua filha no colo. As demais estão próximas às crianças.

A legenda da figura 34 não menciona o trabalho feminino forçado, mas ele existia; as mulheres além do trabalho, cuidavam de filhos e filhas. As expressões das pessoas são de calma, uma delas expressa um tímido sorriso para o fotógrafo (centro). A mulher da direita segura seus filhos e baixa o olhar na hora da foto. Legenda da imagem: “Mulheres e crianças judias chegam ao campo de Auschwitz, na Polônia. Estima-se que de 4 a 6 milhões de judeus

morreram nos campos de concentração onde se recorria a procedimentos de eliminação em massa, como as câmaras de gás. Além de local de extermínio, os campos de concentração incluíam o trabalho forçado. Parte dos prisioneiros trabalhavam em regime de escravidão para empresas alemãs, entre elas: Siemens, Bayer, Daimler Chrysler, Krupp, IG-Farben, Volkswagen. Em Auschwitz, por exemplo, foi construído, nas proximidades do campo de concentração, um parque industrial da IG-Farben (indústria química), onde trabalhavam cerca de 20 mil prisioneiros. Também se tornavam prisioneiros desses locais os considerados inimigos políticos, principalmente os militantes da esquerda”.

Figura 35 – Mulher russa resgata seus pertences

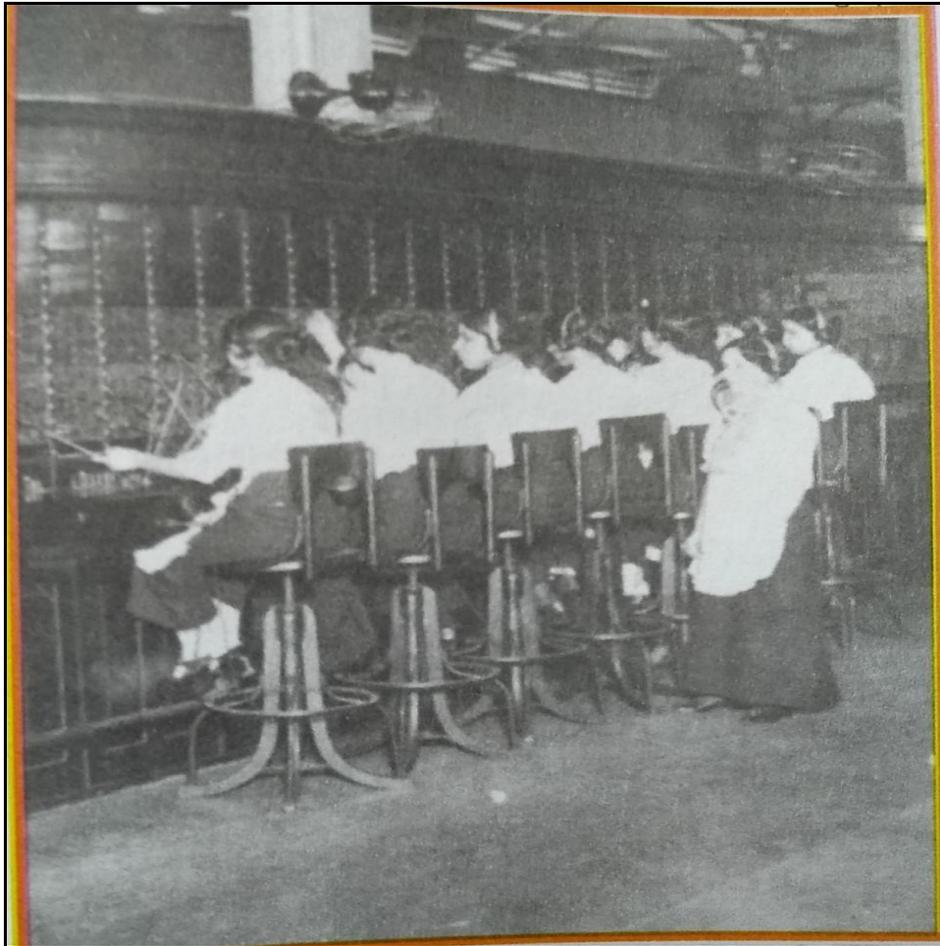


Fonte: Disponível em: <http://www.latinstock.com.br/Site/dotnet/brImagemAmpliada.aspx?id=6190813&ehPrimeira=false&ehUltima=false&MenuId=126&pkt>. Acesso em: 13 fev. 2019.

A figura 35 também é uma fotografia em preto e branco, está na seção “Painel”. O cenário é de ruínas, foi Leningrado foi invadida pelos nazistas. Há uma edificação de alvenaria com consideráveis avarias, fumaça e destroços de outras construções estão na rua. Mulheres saem dessa edificação com seus pertences (cobertores e cesta). Faz frio e elas caminham apressadamente em direção à pessoa que faz a fotografia. As expressões são de seriedade e pressa. A legenda não menciona nenhuma vez a palavra mulheres, mas eram elas que tinham a incumbência de zelar pelos pertences da família: “População resgata seus

pertences das ruínas da antiga cidade de Leningrado (atual São Petersburgo), no norte da Rússia”.

Figura 28 – Mulheres telefonistas



Fonte: Foto digitalizada pela pesquisadora.

A figura 28 foi retirada de página da direita do LD, seção “Para conhecer mais”. Oito mulheres jovens e brancas são telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro. A cena se passa dentro de um estabelecimento não nomeado, em que sete mulheres fazem o trabalho de telefonistas e uma parece supervisionar o trabalho das demais. Todas estão com os cabelos presos em coque e usam uma espécie de fone de ouvido supra-auricular. As mulheres estão sentadas perfiladas, em cadeiras altas e com encosto. Possivelmente as cadeiras são de madeira. As mulheres usam longas saias escuras, meias brancas, camisas brancas e avental. Na legenda da imagem, percebe-se que, “nas primeiras décadas do século XX, já havia sinais evidentes da modernidade no país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro [...]. No alto, telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro, em foto da mesma década”. Na realidade

europeia, o trabalho feminino iniciou na França. Segundo Perrot (1997), é comum, num período de crise financeira, a pequena burguesia pensar em associar-se ao trabalho das filhas, ao “progresso do terciário – ensino, banco, escritórios... – vai fornecer mercados aceitáveis”. (PERROT, 1997, p. 101). Era uma forma de gerar renda e fazer com que as filhas saíssem do privado, mas por meio período, pois o restante do dia teria outras obrigações no espaço do lar. Mais uma vez, Perrot (1997, p. 99) “lembramo-nos de que se trata do trabalho assalariado. As mulheres sempre trabalharam, mas quem colocou um problema para elas foi o exercício de trabalhos assalariados, ofícios e profissões praticados fora de casa”. A questão salarial também renderia alguns parágrafos, mas não se vai prolongar a questão neste momento.

As mulheres tiveram um importante papel na sociedade, assim como os homens; porém, suas histórias parecem silenciadas; utilizar imagens sobre o tema mulheres e guerras pode ser muito significativa. Perrot esclarece:

Em tempos de guerra, os homens estão na frente de batalha, as mulheres na retaguarda. Fazem tarefas masculinas e, com isso, invadem espaços que antes não ocupavam. Durante a Grande Guerra, elas dirigem bondes ou táxis, entram nas usinas metalúrgicas onde, principalmente na Inglaterra, elas pouco trabalhavam, moldam obuses, ajustam peças, manejam o maçarico, às vezes com alegria. Essas “municionetes”, novas figuras da indústria, ajudam a modificá-la. (PERROT, 1997, p. 93).

As mulheres sempre atuaram ativamente na economia por meio do trabalho. A História por muito tempo negligenciou esse importante papel feminino na sociedade. As guerras foram importantes para o Feminismo, pois foi nesses períodos de crise que as mulheres se viram obrigadas a sair de casa, e os próprios homens assim concordaram, mas, quando o final dos conflitos chegou, a mulher precisou retomar seu papel no privado. Ela o fez, mas não da mesma maneira, a mulher que sai para o público e depois retorna para o privado não retorna mais a mesma.

O fascismo do período entreguerras, atrelado ao discurso conservador da Igreja, reforçava a importância do papel da mulher como alicerce da família, ao mesmo tempo anulava sua importância como ser humano e político.

Na figura 30, crianças da Juventude Hitlerista, pode-se perceber que há muitas meninas.

Figura 30 – Crianças da Juventude Hitlerista



Fonte: Disponível em: <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/german-village-children-in-eger-giving-the-nazi-fotografia-de-not%C3%ADcias/2664140>. Acesso em: 13 fev. 2019.

A figura 30 é uma foto em preto e branco, que está em página da direita do LD, na abertura do Capítulo 8 “As duas guerras mundiais: nacionalismos e preconceitos”. É possível identificar dez meninas brancas de cabelos claros ou castanhos. Meninos também atendem a essa característica. A cena se passa numa rua, e ao fundo é possível identificar edificações com a suástica nazista. As crianças estão bem vestidas e perfiladas, com o braço direito para cima. Conforme a legenda da imagem, são crianças da Juventude Hitlerista. As crianças estão em atitude de disciplina, curiosidade e respeito.

A legenda da imagem traz a seguinte informação: “Acima, crianças de Juventude Hitlerista, em Eger, Alemanha, em 1938, erguem o braço direito para o alto aos gritos de ‘Heil Hitler’. A educação das crianças era um meio de construir a sociedade desejada: as escolas tinham suas atividades determinadas pelo governo nazista”.

Figura 33 – Mulheres e um homem na fila para trocar gêneros alimentícios por entrada em circo



Fonte: Foto digitalizada pela pesquisadora.

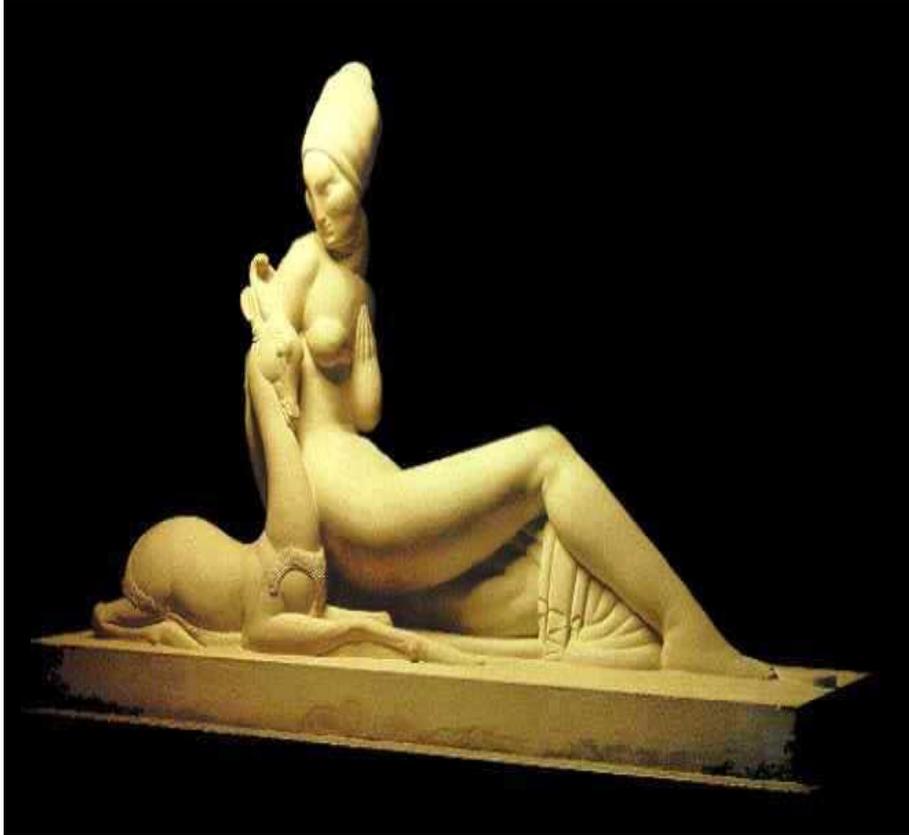
A imagem representada pela figura 33 é uma foto em preto e branco. A cena se passa na frente de uma bilheteria de circo; são quatro pessoas: uma jovem mulher (adolescente), um homem idoso, uma mulher adulta e uma criança (menina). A adolescente usa vestido meia manga, florido e com tons claros. A mulher adulta usa saia longa e um casaco que tapa seus braços, a menina também veste-se conforme a senhora adulta. O homem idoso usa uma boina e traje masculino da época. Todas as mulheres são brancas. A jovem tem cabelos longos e presos, a mulher adulta usa um chapéu. A menina também tem cabelo preso. Legenda da imagem: “Bilheteria de um circo na Alemanha da década de 1920 aceita gêneros alimentícios como forma de pagamento. Em janeiro de 1923, 1 dólar valia 1800 marcos e, em novembro do mesmo ano, 4 milhões de marcos”. Apenas uma classe social privilegiada poderia trocar gêneros alimentícios por entradas no circo.

4.2 MULHERES EM OUTRAS REPRESENTAÇÕES: CARTAZES, FÔLDERES, CAPAS DE REVISTAS, ILUSTRAÇÕES PARA FINS DIDÁTICOS E OBRAS DE ARTE

Nesta segunda categoria de análise, estão obras de arte, cartazes e capas de revistas que continham representação do feminino. As mulheres sempre estiveram lá. Perrot (2005, p. 33) nos lembra: “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra.”

Por outro lado, há a sedução de algo que tem que permanecer virgem, a deusa romana Diana, que está na figura 12:

Figura 12 – Deusa Diana



Fonte: Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g187791-d245584-i289148135-Quattro_Fontane-Rome_Lazio.html. Acesso em: 12 fev. 2019.

A deusa romana Diana está representada numa escultura, na parte inferior de página da direita do LD. É uma mulher jovem sentada ao lado de um cervo; os cabelos estão presos por um lenço e o corpo está nu; olha delicadamente o animal. Ela está sentada confortavelmente descansando. A legenda traduz certo erotismo poético: “Diana caçadora mostra formas delicadas e arredondadas, quase geométricas, típicas de Victor Brecheret.” Porém traz implícita sua associação à perdição dos homens, quando coloca véu sobre o corpo da deusa. Perrot (2003, p. 21) escreve: “O véu exprime, pois, o medo que os homens têm das mulheres e sua vontade de se apropriar de seus corpos”. Os cabelos hermeticamente presos à cabeça devem, segundo a autora ser “[...] disciplinados, cobertos, enchapelados, por vezes cobertos por véu”. A mão esquerda segura a mama esquerda no mesmo tempo em que olha com delicadeza o animal que está a sua direita.

O palco social da mulher esteve ligado ao plano das divindades; santa ou mãe exemplar sempre foi uma exigência cobrada à maioria das mulheres, na grande parte das sociedades ocidentais, algumas mais, outras menos; aconteceram alguns avanços e consideráveis retrocessos. Assim, Perrot (1997, p. 111) reforça: “O poder espiritual das mulheres exercia-se através da piedade, da mística [...]”.

Figura 36 – Família camponesa



Fonte: Disponível em: <http://www.thule-italia.net/adolphwissel.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Na figura 36, mais uma vez um olhar atento às questões de gênero podem ser um ingrediente a mais na prática docente. Ao explorar a pintura colorida em página da direita do LD na seção “Trabalhando com documentos visuais”, percebe-se uma mulher idosa, que parece ser a mãe do homem e avó das crianças; uma mulher jovem que, possivelmente, é a mãe, duas meninas pequenas e um menino pequeno. A cena retrata uma família alemã camponesa, próxima à casa; o local é uma região rural. A mãe está na frente da sogra, abraçando uma menina com as mãos cruzadas. O pai troca um olhar com sua mãe, que toma algo numa pequena xícara com pires. A menina da esquerda desenha sobre uma mesa, enquanto o jovem menino brinca com um cavalinho branco de brinquedo. Na frente da mãe com a criança no colo, há uma pequena cesta de costura e uma boneca de pano.

Os rostos são apáticos e o poder do pai está em evidência, alimentado pelo olhar da mãe (sogra), ele é o responsável pela família. A mulher, esposa, representa o cuidado com as crianças. Os cabelos femininos estão hermeticamente presos em coques e tranças. O homem e o menino têm cabelos aparados. O olhar da mãe é triste e passivo. Na legenda há as seguintes

informações: “Pintura de A. Wissel (1939), um dos representantes da obra oficial nazista, retratando família camponesa de Kalemberg”.

Vários elementos constroem a cena de uma família exemplar para aquele momento da História; uma família camponesa, possivelmente proprietária de terras, que detém poder econômico, pois os vários objetos que compõem são: mesas, folhas, lápis de cor, xícara, pires, brinquedos. Assim, podem ser relacionados os conceitos de maternidade, gênero e geração (sogra). Submissão feminina ao marido/homem/à sogra.

Figura 31 – Pintura: o ruído da rua penetra dentro da casa



Fonte: Disponível em: <http://pintaraoleo.blogspot.com/2013/02/desafios-resposta-futurismo.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.

A figura 31 integra com mais duas a seção “Painel”, em página da direita do LD. Pintura do movimento Futurista, que retrata uma mulher de costas numa sacada, observando a rua. Percebe-se em outras edificações duas mulheres debruçadas na sacada, observando a rua. A rua está repleta de pessoas fazendo várias ações, parece uma procissão ou um desfile. A passividade feminina está sendo retratada na imagem. Atitude de curiosidade e observação.

Mulheres ocupam o lugar de observadoras em pontos mais elevados (em sacadas das edificações).

A legenda da imagem: “[...] Já os artistas italianos da época reproduziram em suas obras o dinamismo desses novos tempos: era o movimento futurista. É o caso do quadro de Uberto Boccioni, “Ruídos da rua invadem a casa, ao lado”, pintado em 1911”.

A mulher do primeiro plano, de costas, veste uma sobrecasaca azul. Há também o que parecem ser cavalos alados, os dragões pendurados nas estruturas de metal da sacada. Há uma riqueza de detalhes, variedade de cores e formas. Existe uma diferença entre as mulheres que observam e as que estão na rua. As observadoras pertencem à classe rica.

Figura 19 – Mulheres no Cubismo



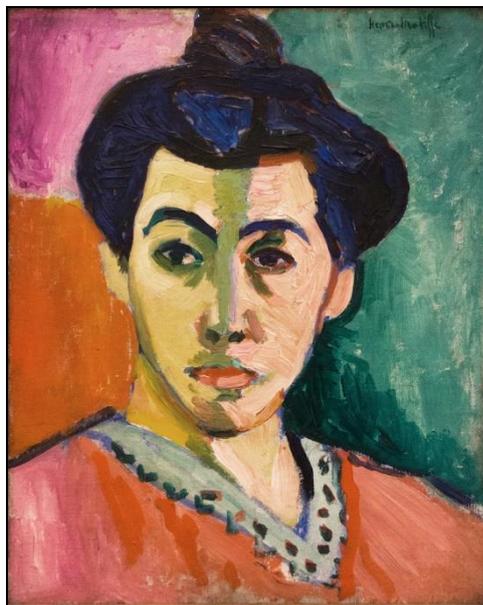
Fonte: Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/79766>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Em página da esquerda do LD, na Seção “Explorando o tema”, há uma pintura de corpos nus e seminus femininos e brancos. Cinco mulheres nuas que observam quem as observa seriamente. Os corpos estão distorcidos (Cubismo), as mamas não possuem mamilos, os olhos são grandes, escuros, assim como os narizes e as orelhas, as bocas são pequenas.

Duas delas estão com o rosto pintado/omitido. Na legenda da imagem há um pequeno texto explicando o que é o Cubismo, há informações sobre o pintor e sobre a obra.

O cubismo trouxe uma outra mulher, uma forma distorcida de ser mulher, não mais atrelada à santidade, como em outros movimentos de Arte; os corpos nus são parcialmente cobertos por um lençol branco. Uma das mulheres tem as unhas pintadas; duas delas estão com o rosto deformado e pintado com outras cores. Os conceitos que se pode relacionar são: Artes e mulheres (ausência delas), mulher idealizada.

Figura 18 – Madame Matisse



Fonte: Disponível em: <https://mymodernmet.com/what-is-fauvism-definition/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Em página da esquerda do LD, na Seção “Explorando o tema”, está a figura 18, que é a pintura de uma mulher jovem e branca, com expressão séria em médio plano. Ao fundo, há combinações de cores quentes (rosa e vermelho); à direita e à esquerda são frias (azul claro e azul escuro). A mulher usa um vestido vermelho com detalhes no decote em V. A expressão séria dá ideia de poder e respeito.

Segundo os dados da legenda, a mulher é esposa do pintor Henri Matisse; pertence a uma classe de intelectuais das Artes, e os cabelos estão presos num coque. Não há especificamente uma legenda, somente um texto explicando o que foi o Fauvismo e informando que a tela chama-se Madame Matisse; é esposa, do pintor que, por sinal, não é nomeada, recebe o sobrenome do marido.

Mulheres não nomeadas fazem a figuração de algum homem nomeado, outras voltam-se exclusivamente a um homem, geralmente branco e rico, como podemos perceber na figura 2 – Baile da Corte de Viena:

Figura 2 – Baile da Corte de Viena



Fonte: Foto digitalizada pela pesquisadora.

Essa pintura foi digitalizada e está na parte inferior de uma página da esquerda do LD. Mulheres com trajes de gala conversam com homens, dois deles estão sentados e fumando. Uma mulher debruçada na mesa olha para o homem sentado. Ao fundo, há mais um casal, a mulher muito próxima dele está de pé. Ao fundo outro casal de costas.

Três casais conversam próximos a uma mesa com taças, bebidas e alimentos. Os homens estão despreocupados fumando, enquanto as mulheres estão próximas a eles numa atitude de respeito e admiração. A legenda da imagem diz: “Baile na corte de Viena em 1900. Valsas, vestidos longos, burgueses com ternos elegantes. Tal como os outros países europeus, a Áustria começou a Primeira Guerra muito parecida com o que era no século XIX. Mas, quatro anos depois, tudo estaria diferente: iniciava-se de verdade o século XX”.

Numa análise mais aprofundada, percebe-se que a mulher debruçada na mesa usa um vestido longo, cinturado e com alças; na cabeça, há um chapéu. A mulher de pé usa vestido longo com mangas compridas e a do fundo também usa vestido, mas como está atrás dos demais, não é possível vê-la na totalidade. Um homem usa chapéu e os demais mostram a

cabeça quase sem cabelos. Todos os homens usam barba e bigode. Acessórios como chapéus, brincos, taças, comidas e bebidas revelam um ambiente burguês do século XIX.

Figura 3 – Assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa



Fonte: Disponível em: http://www.ricardoorlandini.net/hoje_historia/imprime/1893. Acesso em: 12 fev. 2019.

A figura 3 é uma pintura que retrata a cena de um crime que desencadeou a Primeira Guerra Mundial, essa imagem está na parte inferior de uma página da direita do LD. O casal, arquiduque e arquiduquesa estão passeando em carro oficial quando são baleados. A cena acontece em via pública dentro de um carro conversível oficial. A Guarda do arquiduque tenta evitar o assassinato.

Na legenda da imagem encontra-se a seguinte informação: “Ilustração feita em 1914 mostra o atentado em Sarajevo contra o herdeiro austríaco Francisco Ferdinando. Veja que sua esposa também será baleada pelo terrorista.” No momento em que o arquiduque e a esposa são baleados, a Guarda procura defender o casal. O chapéu do arquiduque o diferencia dos outros, bem como a cor da roupa (branca); ele usa uma faixa. A arquiduquesa usa um grande chapéu enfeitado com laços e flores. O vestido dela é longo e cinturado; sobre o

vestido há um casaco longo também, aberto na frente. A arquiduquesa (não nomeada) está de pé, olhando o marido que tinha sido baleado; seus braços estão abertos, é o momento que ela leva um tiro.

Figura 10 – Famílias em festa de Natal



Fonte: Disponível em: http://economic-definition.com/Technology/Radio_Radio__eto.html. Acesso em: 13 fev. 2019.

Na parte inferior de uma página da direita do LD, algumas famílias estão reunidas para ouvir rádio; os homens vestem ternos pretos com gravatas-borboleta e estão de pé, ou apoiados em alguma cadeira ou móvel. As crianças, meninos e meninas, ocupam em sua maioria o chão. As mulheres adultas estão próximas às crianças. Todos e todas estão numa sala de estar.

Nove mulheres e seis meninas de classe média ouvem rádio. São mulheres de meia-idade possivelmente acompanhadas pelo esposo. Há também algumas mais velhas, próximas das crianças no chão.

Na legenda da imagem esta: “Em 1922, nos EUA, o rádio ainda era uma grande novidade”. No Natal, a família de classe média se reunia para ouvir um programa. As vestimentas das mulheres e meninas são: vestidos na meia-canela, cintos e chapéus; os cabelos estão organizados em coques. Os homens usam fraque. Alguns meninos usam vestimenta parecida com a dos homens adultos; os demais usam roupas infantis. Os vestidos das mulheres adultas têm rendas e transparências discretas, duas delas usam vestidos com alças, todos no comprimento da panturrilha. São vestidos coloridos e cinturados. As meninas usam vestidos mais curtos, o cabelo também é curto ou preso na cabeça. As mulheres adultas

e as mais senhoras usam penteado que dá volume ao cabelo, preso na cabeça; duas delas usam chapéu.

Podem ser relacionados os conceitos de maternidade, família dos anos 20, família da classe média estadunidense, consumo e capitalismo, tendo como lente as relações de gênero.

Figura 11 – Antropofagia de Tarsila do Amaral



Fonte: Disponível em: <https://3minutosdearte.com/movimientos-y-estilos/el-movimiento-antropofagico/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Nessa obra de arte, representada nesta dissertação pela figura 11, podem ser vistos dois corpos, um feminino e um masculino nus, sentados, cujas pernas se entrelaçam; o tamanho dos membros são desproporcionais. As cabeças são pequenas e pés e pernas, grandes. Ao fundo, três cactos e uma folha de bananeira, o sol está sendo representado por uma fatia de laranja. As cores dos corpos são laranja com contornos vermelhos, os cactos e a folha de bananeira fazem um jogo de sombras que revela um tom verde ora escuro, ora mais claro.

O corpo feminino apresenta uma mama somente, ligeiramente desproporcional, o que dá alusão à amamentação; os pés grandes, ao trabalho de homens e mulheres. A paisagem é típica paisagem brasileira. A proposta da imagem vem com a legenda: “Antropofagia, de

Tarsila do Amaral, é um exemplo da pintura que tanto chocou os críticos conservadores brasileiros”.

Conceitos relacionados à Arte: cultura antropofágica, Tarsila do Amaral, pintura brasileira, Semana da Arte Moderna, conservadorismo brasileiro, trabalho e maternidade.

Figura 4 – Soldado inglês e mulher francesa



Fonte: Foto digitalizado pela pesquisadora.

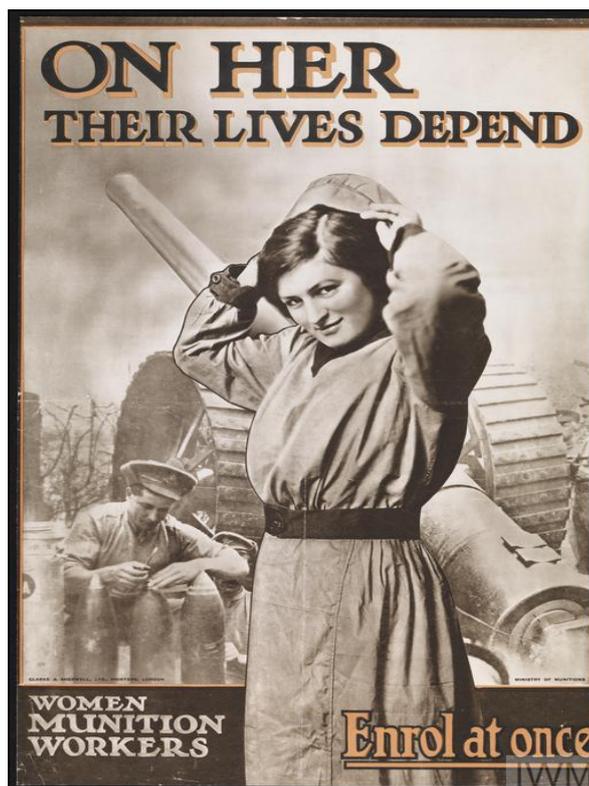
Um casal, formado por uma “jovenzinha francesa” e um soldado britânico, conversa amigavelmente. Há uma troca de olhares e expressões que podem indicar amizade, amor. A legenda da imagem diz: “A Entente Cordiale (1904) foi a aliança militar entre a Inglaterra e a França. Aqui o artista da época representou a jovenzinha francesa namorando o soldado britânico.”

O homem veste um fardamento de soldado inglês; a mulher usa vestido vermelho e branco. Os acessórios são: o cachimbo, a bengala e o chapéu. A mulher usa um vestido rodado, de gola alta, mangas compridas e cinto. Na cabeça um chapéu pequeno ornamentado com flores; calça botas escuras e segura nas mãos um chale de inverno e uma pequena bolsa. A

mulher é branca e mais baixa que o homem; ele aponta com a mão esquerda o rosto dela, sua expressão é de contentamento. Ele parece que ri animadamente. Ela está à esquerda dele.

A dominação simbólica, já mencionada anteriormente por Bourdieu, associa o uso do salto, da bolsa como mais uma forma de controle do corpo feminino, controle das mãos e dos passos.

Figura 5 – Cartaz inglês chamando as mulheres para a Primeira Guerra Mundial

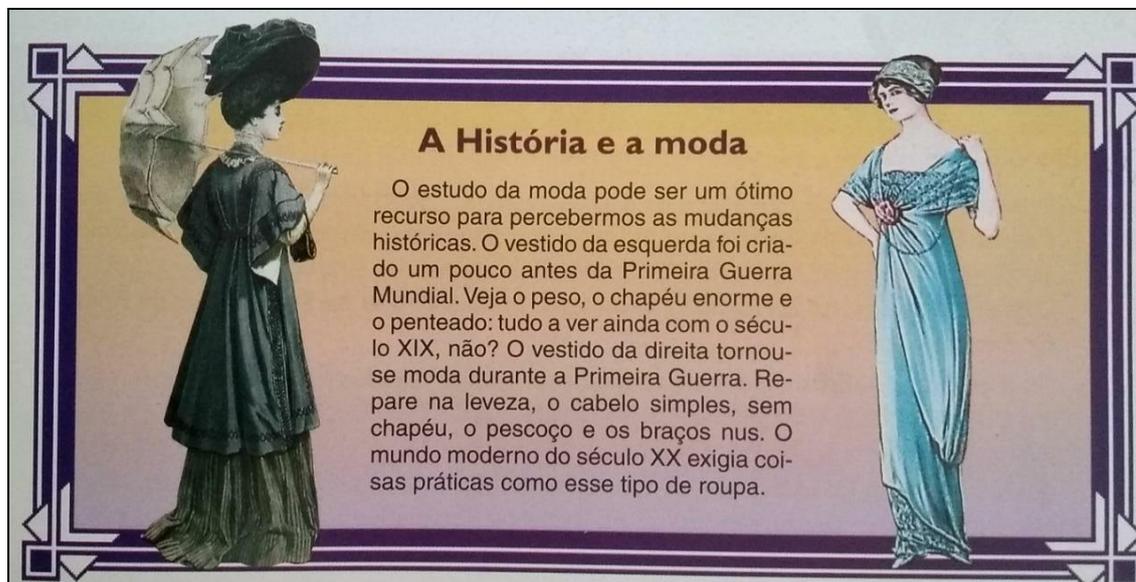


Fonte: Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/27761>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Na parte inferior de página da esquerda do LD, este cartaz traz a imagem de uma mulher desafiando outras mulheres a colaborarem com a Guerra, na produção de munição; os dizeres em inglês, traduzidos da legenda, lembram que a vida dos homens depende da vida das mulheres operárias. Um homem ao fundo é possivelmente um soldado que está preparando munição; a imagem tem a seguinte legenda: “Cartaz inglês feito durante a Primeira Guerra exalta a mulher operária da fábrica de armas ‘a vida deles depende delas’. Milhões de mulheres passaram a trabalhar fora de casa, o que foi muito importante para a sua emancipação”. A mulher representa uma operária numa fábrica de munição. Seu cabelo está preso e penteado. Os acessórios são o canhão, a munição e os chapéus. O gesto da mulher segurando o chapéu, com ambas as mãos, pode trazer a ideia de delicadeza e, ao mesmo tempo o olhar desafiador. Assim podem ser relacionados os conceitos de trabalho feminino na

Primeira Guerra Mundial, os espaços públicos e privados ocupados por homens e mulheres, divisão de trabalho entre homens e mulheres.

Figura 6 – Mulheres, história e moda



Fonte: Foto digitalizada pela pesquisadora.

As representações de vestimentas de antes e durante a Primeira Guerra Mundial aparecem em texto que reforça que, com a moda, também pode-se perceber as mudanças históricas. As mulheres são da burguesia, pois suas roupas são típicas da burguesia industrial europeia. São mulheres de épocas diferentes, mas que vestem trajes da burguesia.

Legenda da imagem: “A História e a moda: o estudo da moda pode ser um ótimo recurso para percebermos as mudanças históricas. O vestido da esquerda foi criado um pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Veja o peso, o chapéu enorme e o penteado: tudo a ver ainda com o século XIX, não? O vestido da direita tornou-se moda durante a Primeira Guerra. Repara a leveza, o cabelo simples, sem chapéu, o pescoço e os braços nus. O mundo moderno do século XX exigia coisas práticas como esse tipo de roupa”. A vestimenta da mulher da esquerda é um vestido comprido, escuro, com detalhes e camadas; já à outra, a da direita, o vestido é longo, leve, com cor clara, e tem decote. As duas representam mulheres burguesas, e os conceitos que se pode deduzir utilizando esta imagem são: moda e História, moda feminina, mulheres da burguesia, Primeira Guerra Mundial.

Figura 20 – Cartaz publicitário inglês

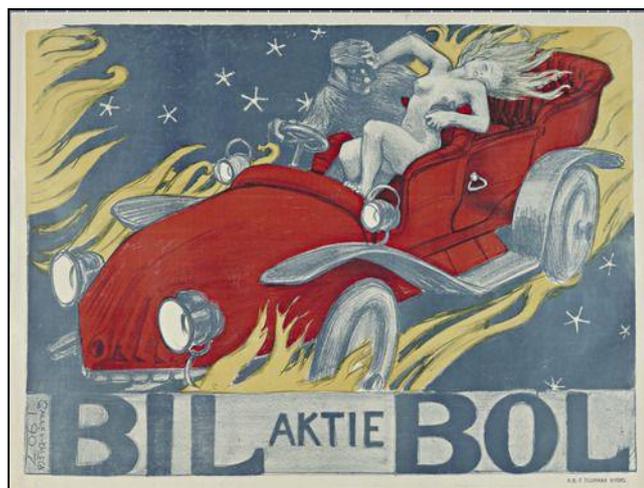


Fonte: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/antoon/1428921491>. Acesso em: 13 fev. 2019.

A cena da figura 20 acontece numa fábrica; ao fundo e à esquerda, há um homem acenando, vestindo roupa de militar e carregando uma arma; atrás, outra mulher com vestido longo e munições. A mulher em primeiro plano veste um guarda-pó. A chamada do cartaz contradiz a cena harmoniosa com cores leves (amarelo e rosa claro). A mulher está em atitude provocativa; o braço direito está erguido para poder vestir o guarda-pó, a perna direita também está levemente à frente. O cartaz é um chamamento para as mulheres participarem da indústria bélica, conforme esclarece a legenda: “Esse cartaz publicitário inglês de cerca de 1915 afirma: Essas mulheres estão fazendo a parte delas, aprendendo a fazer munições”.

O chamamento tinha o objetivo de “arrebatar” mulheres da classe operária, e os conceitos relacionados podem ser: mão de obra feminina na guerra, salário *versus* gênero. Associação a bens de consumo e mulheres é muito comum em cartazes de propaganda e em revistas. A figura 1 – Mulher e automóvel é um exemplo dessa associação muito presente nos dias atuais.

Figura 1 – A mulher e o automóvel

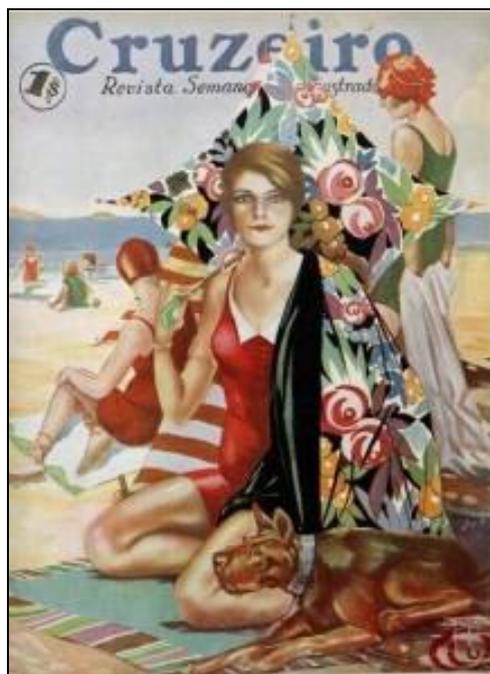


Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/41376890296172495/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Na parte superior de página da direita do LD, há uma figura que traduz-se em um cartaz. Retrata um casal num possível ato sexual dentro de um carro. O homem assemelha-se a um macaco, seu corpo está coberto de pelos pretos, sua face não está visível. Com uma mão ele segura o volante, com a outra, a cintura da mulher nua, que joga o corpo para trás. O automóvel é vermelho e conversível. Do automóvel saem representações amarelas de fogo. O homem é o motorista do automóvel, a mulher está na carona. A legenda da imagem traz a seguinte informação: “No final do século XIX, o mundo começou a usar as invenções que se consagraram no século XX: luz elétrica, telefone, toca-discos e automóveis. Neste cartaz de 1907, vemos que já naquela época o automóvel veloz (que fazia 100 km/h!) era associado à masculinidade e ao sucesso sexual”.

O corpo coberto por pelos pode representar masculinidade, virilidade e animalização na relação sexual. A mulher está em postura de apatia e entrega. Com uma das mãos, a direita, ela afasta o rosto do homem, ao mesmo tempo que seu corpo se contorce aceitando as carícias dele. A cor vermelha pode representar o poder, a autoridade, e os conceitos relacionados são: consumo, relacionamento heterossexual, invenções (máquina, automóvel) e o apelo de consumo para o corpo feminino.

Figura 14 – Capa da revista *O Cruzeiro*



Fonte: Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3843>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Em página da direita, na Seção “Reflexões Críticas”, está a capa da revista *O Cruzeiro*, uma revista brasileira. A capa traz a representação de três mulheres brancas numa praia. São mulheres de classe média/alta, que têm alguns privilégios, como o poder de ir à praia. A do centro da imagem está séria e segura um guarda-sol florido. As demais estão de lado, olhando para o mar. As três mulheres usam trajes de banho da época e acessórios de praia. Elas são brancas e têm os cabelos claros.

Legenda da imagem: “A duplicidade da condição feminina dos anos 20 e 30. A mulher dona de casa desnuda na praia consumida e consumidora [...]” Os trajes são de banho das décadas 20, 30 no Brasil. Ter acesso aos trajes de banho (maiô com perninhas acima do joelho) denota uma classe social privilegiada, assim como os acessórios: guarda-sol, toalhas, echarpes coloridos, cachorro. A capa da revista representa a burguesia brasileira das década de 20, 30 e 40. Mulheres sérias e comportadas, em atitude de cuidado e respeito.

As imagens e representações do feminino nos LDs analisados trazem uma mulher de família burguesa, apesar de não serem dessa classe social; os modelos adotados para a concepção das fotografias representam a mulher dócil, comprometida com a vida em família, preocupada com seus filhos e maridos; a maternidade confunde-se com o ser mulher. Assim Perrot mais uma vez esclarece:

O silêncio envolve também a vida íntima do corpo da mulher. Primeiro, as etapas da transformação do corpo feminino são muito menos ritualizadas e solenizadas que as dos rapazes. [...] as das meninas, uma mutação suave que as encaminha ao papel de reprodutoras. Para elas, não há rito de passagem; apenas uma transmissão de mãe para filha [...].

Nos LDs analisados para desenvolver esta pesquisa, observou-se que o maior número de imagens e representações do feminino aparecem acompanhadas por homens e crianças, algumas dessas estão em grupos de mulheres, seja no trabalho, seja no lazer, como é o caso de figuras abaixo descritas. Nessas imagens, as mulheres acompanham o marido ou estão no centro da imagem, em função de algum evento, que é o caso da figura 21, da posse de Getúlio Vargas e da figura 26, que Dalva de Oliveira aparece ladeada de músicos. Mais uma vez, reforça-se que o nome da esposa de Vargas não é mencionado na legenda, e a cantora Dalva, apesar de seu talento, não está sendo representada sozinha, necessita de músicos para acompanhá-la.

Os papéis femininos são muito claros nas imagens analisadas. As mulheres atendem a características de passivas, omissas e tolerantes; por outro lado, seu corpo expressa a ideia de sedução e disponibilidade; a estatura é sempre menor em relação ao homem. Essas mulheres são adornadas com flores, lenços e bolsas, que é uma forma de conter seus passos e o movimento de suas mãos, legitimado através das flores e de expressões no diminutivo, no papel de delicada e fraca.

4.3 PRODUTO(S) FINAL(AIS): CONSTRUÇÃO E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

As vivências que o mestrado profissional em História me proporcionou foram muito ricas e fizeram com que eu questionasse meu papel como professora, como mulher, como filha e como mãe. As diferentes leituras e experiências contribuíram para que eu enxergasse a vida e a educação por outro viés. Sinto-me muito mais integrada nesse movimento que busca uma sociedade melhor, mais justa e mais humana. Pensar em História e educação, com a lente do gênero, tem me tornado mais sensível e mais responsável como ser humano.

O produto final para esta dissertação, *a priori*, tinha sido pensado em outro formato, um curso de extensão, que acredito teria sido também muito gratificante, mas situações e pessoas, com as quais tive o prazer de compartilhar, estruturaram a alguns momentos a oportunidade de desenvolver ações pedagógicas dentro e fora da escola, com colegas professores(as) e também com estudantes das escolas nas quais trabalho. Organizei um quadro com as informações das aplicações do produto final:

4.3.1 Ações de formação e aplicação do Produto Final

Quadro 12 – Experiências aplicadas do Produto Final

Natureza	Local	Atividade	Número de participantes
Formação de Professores da EJA	Escola Municipal 1º de maio – Flores da Cunha	Leitura de imagens e a representação do feminino	8 professoras
Estudantes do 5º, 6º e 8º anos	Escola Municipal Francisco Zilli – Flores da Cunha	Leitura de imagens e a representação do feminino, noção de gênero	70 estudantes
Formação de Professores de História da Rede Municipal de Nova Petrópolis	Escola Otto – Nova Petrópolis	Leitura de imagens e a representação do feminino	5 professores(as)
Estudantes do 3º, 4º e 5º anos	Escola Municipal Leonel de Moura Brizola – Flores da Cunha	Leitura de imagens e a representação do feminino	54 estudantes
Evento promovido pelo DCE sobre os 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher	Universidade de Caxias do Sul	Leitura de imagens e a representação do feminino	6 mulheres
Aula para a Graduação em História	Universidade de Caxias do Sul	Leitura de imagens e a representação do feminino	23 estudantes
Oficina de gênero e educação patrimonial	Escola Municipal de Ensino Fundamental 1º de maio – EJA	Gênero e educação patrimonial	29 estudantes

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Das experiências organizadas no quadro, elegi três, que me foram muito significativas: uma oficina com estudantes do Ensino Regular, uma oficina para estudantes da graduação e um curso de formação de professores na rede municipal em que trabalho. Considerando meu percurso no magistério, que iniciou em 1998, sempre me senti muito bem dentro do espaço que venho ocupando, como professora de História. Então, desenvolver uma sequência didática de leitura de imagens, com os(as) estudantes, tem sido corriqueiro desde que iniciei este trabalho, porque os(as) jovens que convivem comigo têm recebido com muito carinho minhas provocações e talvez, sem perceber, foram o combustível dessa minha busca por aperfeiçoamento. Quero deixar claro que trabalhar com jovens não é fácil, e a realidade da educação nos últimos anos tem desafiado muitos professores(as). Apesar das dificuldades, me sinto confortável e feliz na presença deles e delas e segura para propor diferentes situações, bem como problematizá-las.

Na Escola Municipal Francisco Zilli em Otávio Rocha, fui convidada pela colega Adriana Neli Roos, de Língua Portuguesa, para trabalhar as questões de gênero com 70 estudantes do 5º, 6º e 8º anos. Para isso precisei planejar a ação utilizando imagens e outras representações da realidade daqueles(as) estudantes. O tema central da sequência didática foi “Refletindo sobre diferenças e semelhanças entre meninos e meninas, através do uso de imagens”. A proposta foi adaptada segundo o ano do(a) estudante e intencionou ampliar seu universo de conhecimentos, para que refletissem sobre as imagens e representações das meninas e das mulheres, em diferentes materiais impressos, como, por exemplo: gibis, revistas de cosméticos, jornais e livros didáticos. Buscou-se assim, refletir de modo crítico sobre o papel desempenhado por meninas e mulheres na sociedade, mediante diálogo vivo, intenso e articulado com os desafios, as metas e os preconceitos a serem superados, para que o processo educativo acontecesse respeitando a diversidade, o outro e a importância das meninas e mulheres na nossa sociedade.

O objetivo geral da atividade era analisar imagens e representações do feminino (meninas e mulheres), em diferentes materiais impressos e perceber o preconceito velado e a violência simbólica que meninas e mulheres vêm sofrendo na sociedade, em função do patriarcado. Assim, como objetivos específicos, tinha-se que: analisar imagens de representações do feminino nos diversos materiais disponíveis; discutir sobre os papéis dos dois sexos, no espaço do lar e na escola; analisar as cores, as brincadeiras e os objetos comumente usados por meninos e meninas.

O percurso metodológico consistiu, no primeiro momento, de uma conversação sobre o que os(as) estudantes gostam de fazer e seus talentos. No segundo momento, foram projetadas imagens e, a partir destas, iniciei alguns questionamentos sobre os elementos das imagens, os objetos que apareciam com as pessoas em primeira imagem; as cores predominantes; existem cores definidas para meninos e meninas? No terceiro momento, organizei os(as) estudantes em grupos e lancei o desafio: meninos e meninas são pessoas?

A escola está situada no interior de Flores da Cunha, a localidade é rural e as famílias vivem basicamente da agricultura de hortifrutigranjeiros e vinícolas, sem dúvida o conservadorismo é uma característica marcante da região onde a escola está inserida. Era necessário certo cuidado para articular as palavras; então iniciei a oficina mostrando duas imagens: de um menino e de uma menina e fui instigando-os a perceberem as diferenças entre ambos. As turmas apontaram as diferenças sexuais, as vestimentas, a forma como o cabelo estava penteado, entre outras características visíveis. Então aprofundei mais o assunto questionando a capacidade intelectual das duas pessoas das imagens; os(as) estudantes me

devolveram que ambos eram iguais, tinham as mesmas capacidades, considerando suas preferências. Estávamos falando de igualdade de gênero e de múltiplas capacidades que o ser humano tem, que é independente do sexo.

Falamos sobre profissões e salários; as turmas relataram-me que, no trabalho na agricultura, o potencial de ambos os sexos é igual, mas as mulheres precisavam também, na maior parte das famílias, cuidar da casa e, segundo eles/elas essa divisão não era justa. Sobre a capacidade nos diferentes componentes curriculares, falaram que meninos e meninas tinham maior ou menor facilidade e isso não dependia do sexo biológico.

A mesma reflexão fizemos sobre as brincadeiras; segundo o grupo de estudantes, todas as brincadeiras e jogos devem ser permitidos, desde que ninguém se sinta prejudicado. As cores ditas femininas e masculinas também entraram no debate, e os grupos, em sua maioria, ponderaram que as cores devem ser de todos e todas, e o que deve ser respeitado é o gosto pessoal de cada um(uma).

Para finalizar desafiei os(as) estudantes a construir um paralelo entre meninos e meninas, e os grupos foram claros e objetivos em afirmar que as diferenças sexuais e físicas não interferem nas potencialidades das pessoas.

A segunda experiência significativa no mestrado profissional foi, sem dúvida, a oportunidade de apresentar parte da minha pesquisa e também desenvolver uma oficina de leitura de imagem numa turma da graduação em História. Foi um convite desafiador proposto pela professora Eliana Relá. O local foi o Bloco H da Universidade de Caxias do Sul, sala 309. O público-alvo era de estudantes da graduação em Licenciatura Plena em História e a sequência didática aconteceu no dia 17 de agosto de 2018. A proposta desta sequência didática intencionou ampliar o universo de conhecimentos dos(as) futuros professores(as) e potencializar suas ações como professores(as), considerando as demandas contemporâneas e, assim, instrumentalizá-los(las) sobre como trabalhar imagens do feminino no livro didático, que muitas vezes nos passam despercebidas.

Refletimos de modo crítico sobre o fazer pedagógico e o uso de imagens do feminino, com um movimento contínuo e recursivo ao longo da caminhada da docência, de modo que a história das mulheres possa deixar de ser complemento e possa fazer parte das práticas pedagógicas e das demais reflexões no cotidiano das aulas de História. O objetivo principal da oficina foi apresentar, em linhas gerais, a estrutura da dissertação de mestrado e refletir sobre o uso de imagens da prática pedagógica. Como objetivo específico, procurei também apresentar o problema de pesquisa, o percurso e os resultados obtidos até aquele momento. No percurso metodológico, num primeiro momento, foi a apresentação no *Prezi*

sobre a dissertação, (problema e objetivos da pesquisa). O segundo momento aconteceu a oficina de leitura de imagens (cinco imagens de LD de História); essa atividade consistiu em fazer a leitura de conteúdo das imagens em grupos. Cada grupo recebeu uma folha A3 e respondeu questões como: o que se vê nessa imagem? Como a personagem está vestida? Que idade aproximadamente tem? Qual é o cenário da imagem? A que classe social ela pertence? De que época é a imagem? Por quê? Quais cores aparecem na imagem? A personagem usa acessórios? Quais? Há informações escritas na imagem? Quais? Qual foi o propósito da imagem? Que conceitos podemos associar à imagem?

Para concluir a atividade e considerando que os(as) professores(as) terão que se adequar às suas práticas, segundo Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tece as competências do componente curricular História. Desse modo, consultando a BNCC, os(as) estudantes foram orientados(as) a analisarem, e depois escolherem, uma competência específica e, em seguida, elaborarem habilidades que dessem conta das competências, tendo como base a imagem do seu grupo.

Os grupos fizeram a atividade e depois apresentaram seus trabalhos. Foram compartilhadas várias leituras diferentes, considerando a intenção do fotógrafo, o propósito da fotografia, o contexto histórico, as características da moda, dos costumes e da moral da época. Alguns grupos foram além da minha proposta, incrementaram suas leituras com outras informações sobre as fotografias em *site* de pesquisa.

A terceira experiência significativa, na minha formação enquanto mestrande, foi a oportunidade de fazer formação de professores com as minhas colegas na EJA, na Escola 1º de Maio, que aconteceu no dia 8 de junho de 2018. O tema central foi a leitura de imagens do feminino e as relações de gênero e seus contextos no mundo contemporâneo (livros didáticos, mídias, panfletos de propagandas) e as relações de gênero.

Levando em conta a demanda de necessidades cada vez mais urgentes, que o “bombardeio” de imagens implica, surgiu a ideia, por parte das minhas colegas de escola, que eu trouxesse um pouco da experiência de leitura de imagens que estava construindo com os livros didáticos. Porém, convém considerar que a formação das colegas, na escola em que leciono, é distinta. Por isso, organizei este curso com um viés interdisciplinar, já que as colegas eram de várias áreas do conhecimento. Para isso, foi necessária a apropriação de alguns conceitos julgados indispensáveis, como o conceito de gênero, que, segundo Azevedo (2016, p. 11), “torna-se cada vez mais necessário problematizar a categoria gênero no âmbito social se pensarmos no contexto atual, onde os debates sobre as questões de gênero tomaram uma proporção maior e atingiram principalmente o campo da educação”.

Na pesquisa empírica, pude constatar que, nas coleções selecionadas, as imagens das mulheres aparecem em número reduzido, e as poucas que aparecem não trazem, ou trazem de forma bem limitada na legenda, informações sobre essas mulheres. Isso representa uma perda muito grande para os nossos(as) estudantes. Devemos levar em conta que as escolhas dos autores e editores de LD, muitas vezes, reforçam o poder do patriarcado em nossa sociedade, e o(a) estudante que observa, ou é orientado a observar essas imagens femininas, ou mesmo a ausência delas nos LD de História, constrói seu conhecimento podendo reproduzir a ideia que a história das mulheres não é algo importante, ou mesmo, o fato de o papel feminino, na sociedade em que está inserido, não ter relevância. Dessa forma, são “plantadas sementes” de preconceito desde muito cedo. O conhecimento, segundo Vygotsky, é um processo que acontece de forma interativa; assim, ao se apropriar dessas imagens que reforçam o patriarcado, o(a) estudante tende a construir seu arcabouço de significações, que podem acentuar o preconceito desde muito cedo.

Apesar da vasta produção acadêmica sobre os estudos de gênero, história das mulheres e uso de imagens, pouco se faz para que a temática seja incluída no currículos escolares e nos livros didáticos. É preciso lembrar que a escola educa para as relações de gênero, consciente ou inconscientemente, quando normatiza e disciplina comportamentos.

Os livros didáticos e demais produtos impressos com imagens, como fôlderes, propagandas, apresentam muitos materiais iconográficos cujas representações podem oportunizar a construção de estratégias facilitadoras de aprendizagem nas aulas. Nesses materiais há desenhos, reproduções de obras de arte, fotografias, que corroboram a representação de contextos e que, muitas vezes, é ignorada pelo(a) professor(a) e pelos(as) estudantes. Na prática pedagógica, é importante enfatizar as representações do feminino disponíveis e problematizá-las, proporcionando uma reflexão crítica com os estudantes sobre como acontecem essas representações.

A formação de professores teve como objetivo promover o conhecimento e as possibilidades de explorar as imagens do feminino disponíveis nos livros didáticos, em fôlderes de propagandas e imagens de jornais, por meio de metodologia de leitura de imagem e de conteúdo das legendas que acompanham esses materiais. Os objetivos específicos foram: identificar os materiais impressos, como fôlderes, jornais, como um objeto cultural, produto de seu tempo e ideologicamente projetado; discutir a inserção da temática de gênero no ensino das diferentes disciplinas na EJA; identificar como os papéis e as hierarquias de gênero são construídas e legitimadas nos mais diversos contextos; e ler e interpretar imagens do feminino do livro didático e fora dele. Assim, as questões norteadoras foram: o que é gênero, afinal? É

importante discutirmos sobre esse tema no nosso cotidiano? Quais são as considerações que podemos fazer sobre igualdade de gênero?

O percurso metodológico consistiu, no primeiro momento, de uma apresentação em *Power Point* sobre gênero e imagem; em seguida, dialogamos sobre essas imagens e representações que passam muitas vezes despercebidas no dia a dia da sala de aula e fora dela. Finalmente, o grupo de professores preencheu um roteiro de imagens que tinha as seguintes problematizações: o que se vê nessa imagem? Como a personagem está vestida? Que idade aproximadamente tem? Qual é o cenário da imagem? A que classe social ela pertence? De que época é a imagem? Por quê? Quais cores aparecem na imagem? A personagem usa acessórios? Quais? Há informações escritas na imagem? Quais? Qual foi o propósito da imagem? Que conceitos podemos associar à imagem?

Para finalizar a formação, fizemos um círculo para discutir as respostas. Trazer o conceito de gênero dentro das prerrogativas culturais para minhas colegas também foi desafiador. Utilizando argumentos de Scott refletimos sobre os papéis de gênero historicamente constituídos. Trabalhamos que o gênero são papéis sociais, construídos, historicamente; as contribuições foram muito pertinentes.

As experiências vividas com estudantes e professores permitiram-me elaborar um entrelaçamento entre elas e, assim, perceber que os(as) estudantes participaram mais ativamente, sem receio de falar e, principalmente, sem medo de errar. Se os nossos estudantes pudessem nos aconselhar de alguma forma, certamente nos diriam que a espontaneidade e a coragem seria o caminho mais adequado para problematizar imagens, tendo em vista a questão de gênero, pois lidam muito melhor com a problemática que envolve tais questões; eles/elas aceitam de forma mais tranquila o diferente, em sua maioria, na minha percepção.

O debate de gênero na escola é uma questão política e, nos tempos atuais, tem sido um risco exercer a democracia e fomentar qualquer debate, principalmente político; a escola tem sido alvo de muitas críticas de uma direita conservadora. Nesses momentos de repressão e medo, é importante lembrar que existe uma classe dominante que exerce grande poder sobre a educação brasileira “imobilizadora e ocultadora” (FREIRE, 2010, p. 99) e, assim, cabe aos(as) professores(as) não serem ingênuos e buscarem formação continuada e constante de conhecimento crítico. Entendo que a escola, os currículos escolares, a formação de professores, as aulas devem instrumentalizar os(as) estudantes quanto às decorrentes consequências da desigualdade de gênero, que afetam a vida cotidiana das famílias e onde são perpassadas as relações desiguais de poder e de trabalho ditado pela divisão sexual.

Enquanto houver desigualdade de gênero, não temos dúvida de que esse debate é mais do que necessário, é vital, porque essa desigualdade mata literal e simbolicamente: mata a potência de vida, a potência de criar e inventar outros modos de ser homem e/ou mulher ou mesmo de ser nem homem, nem mulher. (BALESTRIN, 2018, p. 15).

Conforme defende Balestrin (2018), o debate de gênero precisa acontecer na escola, porém é necessário que os(as) professores(as) busquem criticamente conhecimento sobre o tema, pois há muitas informações que desprestigiam o trabalho de teóricos sobre o assunto e também deslegitimam a luta das mulheres na História. Essa variedade de informações, que permito-me designar de desinformação, é a causa da tão naturalizada violência que a desigualdade de gênero causa.

Acredito que nós professoras(es) precisamos assumir a responsabilidade de mediar o conhecimento histórico nas aulas, para que os(as) discentes possam refletir sobre a sociedade na qual estão inseridos e também atentá-los(lãs) sobre as responsabilidades dos mesmos em prol da cidadania, dos direitos e deveres e, principalmente, problematizar a questão da História das Mulheres, uma história silenciada, como provoca Scott (1989, p. 4):⁴⁷ “Aprendemos que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas”.

⁴⁷ A citação acima foi traduzido por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, intitulado originalmente *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989.

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa foi proposta a investigação de como as coleções didáticas de História, ao Ensino Fundamental: *Nova História Crítica*, da Editora Nova Geração de 2004; *História Temática*, da Editora Scipione de 2010 e *Vontade de Saber História* da Editora FTD de 2012, livros de 8º e 9º ano, trazem em seus conteúdos as representações do feminino nos capítulos referentes aos conteúdos das Grandes Guerras e na história do Brasil, no período de 1910 a 1950. A coleção que possui mais imagens sobre o feminino é a coleção *Nova História Crítica* (2004), a coleção *Vontade de Saber História* também traz um número considerável de imagens e boxes com texto de caráter complementar sobre algumas mulheres específicas. A coleção *História Temática* elenca menor número de imagens e representações do feminino.

O LD às vezes é o único produto cultural de difusão de conhecimento histórico ao qual os estudantes têm acesso, e, por ter tamanha importância, precisa ser pensado como um produto ideológico de seu tempo. Porém, apesar dos esforços, ainda há um grande distanciamento entre o que é produzido pela historiografia e o que é produzido para a escola. Existe um atraso entre o que é produzido na academia sobre as questões de gênero e a história das mulheres apresentada no estudo da História escolar.

Tendo em vista o conceito de gênero, como resultado de construção histórica e cultural, independente do sexo biológico, o ensino de História, na perspectiva de gênero, é a proposta que utiliza uma reescrita de uma nova história, em que homens e mulheres juntos, por meio de experiências, se constituem como sujeitos históricos com igualdade de importância.

Os feminismos, como se acredita ser mais apropriado conceituar, são movimentos organizados por mulheres cujas pautas permitem que historiadores(as) e demais cientistas percebam o lugar das mulheres, com todas as suas singularidades na escrita da História e em outros campos do conhecimento. Nas coleções didáticas analisadas para esta pesquisa, os movimentos feministas e suas conquistas não aparecem em nenhum capítulo, nem mesmo em texto complementar.

A partir da análise das 36 imagens, organizadas nas categorias anteriormente explicadas, conclui-se que as imagens do feminino, presentes nos LDs analisados, representam de forma geral uma mulher à margem, à esquerda ou à direita de um homem. É uma mulher bem vestida, branca, com atitudes passivas, risos tímidos, mãos ocupadas, cabelos arrumados, posições pensadas; uma mulher disponível, confiável, obediente, de família, de faces apagadas. As legendas que acompanham as 36 imagens trazem informações

genéricas retratando a cena. Apesar de haver mulheres nelas, não existe uma referência ao feminino. As personalidades históricas, como a esposa de Vargas, a esposa do Arquiduque Francisco Ferdinando, não são nomeadas; elas aparecem como figuras decorativas ao lado de homens importantes. As referências que existem em outras imagens trazem a questão da moralidade e afrontam, como é o caso da foto de Pagu (Figura 15).

Assim, os(as) professores(as) precisam trazer as novas tendências teóricas que privilegiam a história das mulheres e, pois, produzir um diálogo entre a pesquisa acadêmica e todos(as) envolvidos na trama da educação; reorganizar o currículo de História e das outras áreas do conhecimento, que deem conta de perceber a construção da história da humanidade feita por homens e mulheres igualmente capazes.

Diante dos novos desafios que se configuram na educação atualmente, precisamos como sociedade civil repensar currículos escolares; como historiadora e professora de História, percebe-se que, apesar de várias modificações, ainda estamos atrelados a um ensino da História que tem ignorado povos e lutas. É preciso elaborar um currículo que tenha como pauta a História das mulheres, o Feminismo e, conseqüentemente, os desdobramentos disso. É um processo lento que envolve a formação continuada de professores(as) para que percebam que a História não é estática; são narrativas produzidas intencionalmente por determinados grupos que detêm o poder. O que é produzido na academia precisa encontrar meios de chegar até as escolas, porque essa é uma das intenções da academia e de seus(suas) pesquisadores(as).

As questões de gênero que existem na escola e na sociedade precisam ser tratadas dentro da escola e, para isso, os(as) professores(as) precisam buscar criticamente conhecimento sobre o tema, pois há muitas informações que desprestigiam o trabalho de teóricos sobre o assunto e também deslegitimam a luta da história das mulheres. Essa variedade de informações, que permito-me titular de *desinformação* é a causa da então naturalizada violência que a desigualdade de gênero causa.

Acredita-se que tanto professoras quanto professores precisam assumir a responsabilidade de mediar o conhecimento histórico nas aulas, utilizar, sim, o LD, desde que não seja o próprio currículo, mas um instrumento a mais para que os(as) discentes possam refletir sobre a sociedade na qual estão inseridos e também atentá-los/las sobre as responsabilidades dos mesmos em prol da cidadania, dos direitos e deveres e, principalmente, problematizar a questão da História das mulheres, uma história silenciada.

A partir dessa experiência de pesquisa e escrita, vislumbram-se outras possíveis escritas futuras, como história das mulheres em relação a outras categorias, como geração,

classe, raça social, território, entre outras tantas categorias e, assim, através de imagens e representações do feminino, no LD de História, após a implantação das novas políticas públicas (BNCC). Essas representações dariam conta de uma análise sobre as representações do feminino entrelaçado com o masculino? Quem é o masculino que prevalece? O homem, forte, viril? Quem seriam os(as) que não enquadram-se na binárias denominações? Os(As) outros(as)? Quem são os(as) outras(os)? A partir das leituras e dos estudos realizados para a presente pesquisa, emergiram tantos questionamentos e desejos de saber mais, que, ao concluir esta etapa, fica a certeza de que há muito ainda a ser historicizado.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Paula Tatiane. **É para falar de gênero sim:** uma experiência de formação continuada para professoras/es. 2016. 85f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2016.
- BALDISSERA, José Alberto. Imagem e construção do conhecimento histórico. *In:* BARROSO, Véra Lúcia Maciel; PEREIRA, Nilton Mullet; BERGAMASHI, Maria Aparecida; GEDOZ, Sirlei Teresinha; PADRÓS, Enrique Serra (org.). **Ensino de história:** desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST, 2010. p. 247-265.
- BALESTRIN, Patrícia Abel. Introdução aos estudos de gênero e sexualidade em articulação com o campo da Educação. *In:* SILVEIRA, Catharina; FRIEDERICHS, Marta; SOARES, Rosângela; SILVA, Rosimeri Aquino (org.). **Educação em gênero e diversidade.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2018.
- BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A fotografia a serviço de Clio:** uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1990-1940). São Paulo, SP: Unesp, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. **Decreto n. 91.542, de 19 de agosto de 1985.** Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre sua execução, e dá outras providências. Poder Executivo, Brasília, DF, 20 ago. 1985. p.12178. Seção 1.
- BARROS, José D’Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v.9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BARROS, Ricardo. O uso a imagem nas aulas de história. *In:* SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24. 2007. **Anais [...]**, 2007.
- BUENO, João Batista Gonçalves. **Imagens visuais nos livros didáticos:** permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000). 2011. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- BITTENCOUT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CABRINI, Conceição; CATELLI JUNIOR, Roberto; MONTELLATO, Andrea. **História Temática – 9º ano – o mundo dos cidadãos.** São Paulo: Scipione, 2010.

CABRINI, Conceição; CATELLI JUNIOR, Roberto; MONTELLATO, Andrea. **História Temática – 8º ano – terra e propriedade**. São Paulo: Scipione, 2010.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras, Dourados, MS**, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CARVALHO, Rayssa Andrade. **Leituras sobre representações imagéticas femininas negras em livros didáticos de história (1997-2014)**. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado de Mestrado) – Universidade da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional (1985-2007)**. 2007. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade, São Paulo, 2007.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. **Revista História**, São Paulo, n. 121, p. 149-154, ago./dez. 1990.

COLLING, Ana Maria, TEDESCHI, Losandro Antônio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: EGV, 2019.

CUNHA, Jorge Luiz; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. Ensino da história e formação de professores: narrativas de educadores. **Revista Educação**, Curitiba, n. 42, 2011.

DIAS, Maria Berenice. **A mulher no Código Civil**. Investidura Portal Jurídico. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/direito-civil/2247-a-mulher-no-codigo-civil>. Acesso em: 2 nov. 2018.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: século XX**. Roma-Bari: Afrontamentos, 1991. v. 5.

ELISBON, Eudma Poliana. O Feminismo na Literatura colonial brasileira: representações nos livros didáticos do Ensino Médio. **Littera Online**, n. 9, 2015. Disponível em: www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/download/3550/158.

ESTACHESKI, Dulceli Tonet. História das mulheres: entre a historiografia e livros didáticos. *In*: SIMPÓSIO ELETRÔNICO INTERNACIONAL DE ENSINO DA HISTÓRIA, 2., 2016. **Anais [...]**. Disponível em: <http://simpohis2016.blogspot.com.br/p/dulceli-tonet.html>.

FERNANDES, Carolina. **A resistência da imagem: uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais**. 2013. 227f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 013.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino da História e a incorporação de novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. **Revista de História Regional**, v. 4, n. 2, p. 139-157, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MacGINITY; GOULART, Eliane. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, jul./dez. 2015.

GIORDANO, Liliane de Fátima. **Uma proposta de imersão no processo da fotografia e na leitura de imagem**. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2016.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. *In*: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 641-667.

GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza; BORGES, Lenise. Imagens que falam, silêncios que organizam: sexualidade e marcas de homofobia nos livros didáticos brasileiros. **Círculo sem Fronteiras**, v. 13, n. 2, p. 35-61, abr. 2013.

GUIMARÃES NETO, Edson Moreira; LEMES, Dayane Cristina. A noção da história como ciência e a utilização de imagens na sala de aula. **Catarse**, v. 2, n. 1, p. 7-15, 2014.

HUFTON, Olwen. Mulheres/Homens: uma questão subversiva. *In*: BOUTIER, J; JULIA, D. **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998

INSAURRIAGA, Marina Mirapalheta; JARDIM, Rejane Barreto. Entre textos e imagens: ensino de história uma abordagem generificada dos livros didáticos dos anos noventa e dois mil do acervo do LEH/UFPEL. **Aedos**, UFRGS, v. 7, n. 16, p. 112-130, 2015.

JULY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70. Digitalizado por SOUZA, R. 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela. Memórias e acervos familiares no ensino de história da Educação. *In*: ANPED SUL, 11., 2016. **Anais [...]** 24 a 27 de julho de 2016.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, v.11, p. 107-125, 1998.

MARIA, Noemi Antônio. **O currículo e o ensino da história nos anos finais do Ensino Fundamental**. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2013.

MATOS, Maria Izilda S. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na Historiografia Contemporânea. **Cadernos Pagu**, v. 11, p. 67 -75, 1998.

MATOS, Maria Izilda S. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, Porto Alegre, v. 5, p. 51-63, 2005.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Gênero e história das mulheres na escrita escolar. *In*: MAIOR, Paulo Souto; LEITE, Juçara Luzia (org.). **Flexões de gênero**: história, sensibilidades e narrativas. Jundiaí, SP: Paco, 2017. p. 193-211.

MENEGASSI, Ronilson José; FUZA, Ângela Francine. A finalidade da escrita no livro didático: influências da imagem do interlocutor. **Acta Sci. Human Soc. Sci**, Maringá, v. 28, n. 2, p. 155-165, 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. História e imagem: iconografia/iconologia e além. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 43-261.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, p. 7-32, 1999.

MOURA, Neide Cardoso. Análise de ideologia de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: uma atualização das apresentações e representações. *In*: ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis, out. 2014.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

MUNAKATA, Kazumi. **Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil**. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2005.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. *In*: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES (org.). **Ensino da história**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 137-145.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; AMADO, Tina. **A imagem da mulher no livro didático**. Fundação Carlos Chagas, 1989. Disponível em: <https://es.scribd.com/document/.../A-imagem-da-mulher-no-livro-didatico-estado-da-a>. Acesso em: 20 mar. 2018.

NICHOLSON, Linda. Interpretando gênero. **Estudos feministas**, v. 8, n. 2, p. 71-99, 2000.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues. A violência do dispositivo amoroso e assujeitamento das mulheres nos livros didáticos de história. **Labrys** (Edição em Português), v. 30, p. 1-10, 2017.

Disponível em: <http://labris.net.br/labrys30/patriarcado/susane%20texto.htm> . Acesso em: 10 fev. 2018.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com LUC Capdevila. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13n. 1, jan./abr. 2005.

PEDRO, Joana Maria. Corpo, prazer e trabalho. *In*: PRINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres**: contexto: São Paulo, 2012. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4246954/mod_resource/content/1/PEDRO%2C%20Joana.%20O%20feminismo%20de%20segunda%20onda.%20Corpo%2C%20prazer%20e%20trabalho..pdf. Acesso em: 23 ago. 2018.

PEIXE, Rita Inês Petrykowski. **Imagens que (re)constroem história**: alegorias e narrativas visuais da Guerra do Contestado. 2012. 370f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2012.

PELEGRINI, Marcos César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keilla. **Vontade de saber história – 9º ano**. São Paulo: FTD, 2012.

PELEGRINI, Marcos César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keilla. **Vontade de saber história– 9º ano**. São Paulo: FTD, 2012.

PEREIRA, Mateus H. F.; PEREIRA, Andreza C. I. Os sentidos do golpe militar no livro didático de história (1970-2000): entre continuidades e descontinuidades. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 197-220, 2011.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de experiência: dossiê História das Mulheres do Ocidente. **Cadernos Pagu**, n. 4 p. 9-28, 1995.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. *In*: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: Adusc, 2005.

PREGNOLATTO, Felipe Pasquit. **A cultura material na didática da história**. 2006. 99f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2006.

PRINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados: os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. *In*: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 608-638.

PRINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana. *Nova história das mulheres*. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

RAMOS, Alcides Freire;PATRIOTA, Rosângela ;PESAVENTO, Sandra Jatany. **Imagens na história**. São Paulo: Hucitec, 2008.

RIBEIRO, Anderson Oliva. Olhares sobre a África: abordagens da história contemporânea da África nos livros didáticos brasileiros. **História Revista**, v. 14, n. 1, p. 17-35, 2009.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Letras negras, páginas brancas: as imagens do negro entre a historiografia e o ensino de história (Brasil, segunda metade do século XX). **ETD**, v. 15, n. 2, p. 281-299, maio/ago. 2013.

ROCHA, Aristeu Castilhos. **O regime militar nos livros didáticos de história do ensino médio: uma construção de memória**. 2008. 382f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

ROMERO, Maria Helena Nascimento. Lições de gauchismo presentes em livros didáticos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 34, p. 167-182, set./dez. 2009.

ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, maio/ago. 2009. PERROT, Michelle.

SAVIANI, Dermeval (org.). **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira**. Vitória: Edufes, 2010.

SANFELICE, José Luís. O Estado e a política educacional do regime: Revolução? Golpe? *In*: SAVIANI, Dermeval (org.). **Estado e políticas educacionais na educação Brasileira**. Vitória, ES: Ed. da EduFEs. 2011.

SATURNINO, Edison Luiz. **Imagem, memória e educação: um estudo sobre os modos de ver e lembrar**. 2005. 269f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2005.

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no Direito Brasileiro. *In*: CONGRESSO NACIONAL DO CONDEPI – UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA: PODER, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO NO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO, 24., 2015, Florianópolis, SC. **Anais [...]** Florianópolis, 2015. Disponível em www.conpedi.org.br/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf. Acesso em: 12 ago. 2018.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica: ensino fundamental – 8ª série**. São Paulo: Nova Geração, 2004.

SILVA, Samira do Prado. As relações de gênero nos livros didáticos de sociologia: uma investigação sobre um livro didático público e um comercial. *In*: SIMPÓSIO Gênero e Políticas Públicas, 3., 2014, Londrina, PR. **Anais [...]** Londrina, PR, 2014. ISSN 2177-8248.

SOARES, Eliana Maria Sacramento; LUCHESE, Terciane A. A sala de aula no presente-passado: dois olhares, uma reflexão. **Revista Intersaberes**, v. 10, n. 21 p. 493, set./dez. 2015.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Violência na história da história e pela história de formação de professoras/es: sexo, censura e educação pública carioca. **Territórios e Fronteiras**, v. 8, n. 1, 2015.

SOUZA, Suely dos Santos. **O livro didático e as influências ideológicas das imagens:** por uma educação que contemple a diversidade social e cultural. 2014, 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

STRÖHER, Carlos Eduardo. **Intempestivo e infame:** o ensino da história na perspectiva foucauliana. 2014. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2014.

SCOTT, Joan. **Gender:** a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.

SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of history. **Cadernos Pagu**, v.3, p. 11-27, 1994.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 216, jan./abr. 2005.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento:** o censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, v. 3, p. 29-62, 1994.

UMBELINO, Giseli Origuela. A nova história crítica de Mario Schmidt: um diálogo entre imprensa, academia e público consumidor sobre o livro didático e o ensino. **Revista Eletrônica Trilhas da História**, Curso de História, UFSM, v. 7, n. 13, 2017.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: o propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, v. 3, p. 63-84, 1994.

VIANA, Felipe. **A prática docente e o uso da imagem:** estudo de caso de um professor de História. 2013. 297f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

VIEIRA, Cassiane Bechelin. **O livro didático e o ensino da história:** o que ler, como ler e para que ler. 2015. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

VILLALTA, Luiz Carlos. Dilemas da relação teoria e prática na formação de professores de História: alternativas em perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.13, n. 25-26, p. 223-232, set. 92/ago. 93.

WOLFF, Cristina C. Scheibe. Em armas amazonas, soldadas, sertanejas, guerreiras. *In:* PRINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres.** Contexto: São Paulo, 2012.

ZAMBON, Luciana Bagolin; TERRAZZAN, Eduardo A. Estudo sobre o processo de escolha do Livro didático organizado em escolas de educação básica. *In: ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 9., 2012. **Anais [...]** 2012.

ZAMBONI, Ernesta. Representação e linguagens no ensino da história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, 1998.

XERRI, Eliana Gasparini. Diálogos possíveis: “você e o indígena brasileiro” nos Livros didáticos dos anos 1969, 1972, 1978 e no Telecurso. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 28., 2015, Florianópolis. **Anais [...]** 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=2156. Acesso em: 10 jan. 2018.

ZEN, Alessandra Chaves. **Narrativas visuais do Brasil Oitocentista: um estudo sobre apropriação de imagens no cotidiano escolar**. 2013. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

Apêndice A – Revisão de literatura a partir dos descritores: imagem, livro didático e formação de professores

Portal/site	Palavras-chave	Título	Ano	Autor/a	Instituição	Nível
IBICT	Antigui-da de Cultura material Ensino de História Imagem Livro didático	A cultura material na didática da História	2006	Felipe Pascuit Pregnoatto	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP	Dissertação de mestrado
Google acadêmico		O uso da imagem nas aulas de História	2007	Ricardo Barros	Associação Nacional de História ANPUH Revista XXIV Simpósio Nacional de História	Artigo
Google acadêmico		Representações e Linguagens no Ensino da História	1998	Ernesta Zamboni	Revista Brasileira de História v.18 n. 36, São Paulo	Artigo
Google acadêmico		Dilemas da relação teoria e prática na formação de professor(a) de História: alternativas em perspectiva	1992	Luiz Carlos Villalta	Revista Brasileira de História	Artigo
CAPES	Formação docente e Ensino de História: fontes, objetos e categorias	Violência na história da história e na história da formação de professoras(es): sexo, censura e educação pública carioca	2015	• Ana Carolina Eiras Coelho Soares	Territórios e Fronteiras, ISSN e 1984-9036, v. 8, n. 1	Artigo
IBICT	Prática docente/imagem/Ensino de História	A prática docente e o uso de imagem: estudo de caso de um professor de História	2013	Felipe Souza Viana	UFP Pós-graduação em Educação	Mestrado
CIELO	Ensino de História/formação de professores /História oral/narrativas	Ensino de História e formação de professores: narrativas de educadores	2011	Jorge Luiz Cunha e Lisliane dos Santos Cardôzo	Educ. Rev. n. 42 Curitiba	Artigo
BDPIC	Imagens/textbooks/História/Icografia	Imagens visuais nos livros didáticos: permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, década de 1970 a 2000)	2003	João Batista Gonçalves Bueno	Unicamp	Doutorado
BDPIC Fer	Ensino da História	Ensino da História e a incorporação	1999	Carlos Augusto Lima	Revista de História Regional v. 4, n. 2,	Artigo

	Novas tecnologias Informática	das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão		Ferreira	p.139-157 – Inverno	
Google Acadêmico	História Imagem	A noção da História como Ciência e a utilização de Imagens na sala de aula	2014	Edson Moreira Guimarães Neto e Dayane Cristina Lemes	Unicamp Revista Catarse v. 2, n. 1	Artigo
Capes	Educação; História; Ensino Médio; Brasil; História; Regime Militar	O regime militar no livro didático de história do ensino médio: a construção de uma memória	2008	Aristeu Castilhos da Rocha	PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Doutorado
Capes	Golpe Militar de 1964, livro didático de história	Os sentidos do golpe de 1964 nos livros didáticos de história (1970-2000): entre continuidades e descontinuidades	2011	Mateus H. F Pereira e Andreza C.I Pereira	UFF Tempo – revista do Departamento de História, n. 24, p. 197	Artigo
Capes	-	Letras negras, páginas brancas: as imagens do negro entre a historiografia e o ensino da História (Brasil, segunda metade do século XX)	2013	Renilson Rosa Ribeiro	ETD ETD: Educação Temática Digital (1967-1992) v. 15 n. 155, p. 281-299	Artigo
Capes	-	Olhares sobre a África: abordagens de história contemporânea da África nos livros didáticos brasileiros	2009	Anderson Oliva Ribeiro	História Revista v.14, n. 1, p. 17-35, 2009	Artigo
Capes	Educação, Ensino Médio, Brasil, Regime Militar, 1964-1985, livro didático, avaliação	O Regime Militar no livro didático de História do Ensino Médio e a construção de uma memória	2208	Aristeu Castilhos Rocha	PUCRS	Doutorado
PUCRS	-	A finalidade da escrita no livro didático: influências da imagem do interlocutor	2006	Ronilson José Menegasse e Angela Francine Fuza	PUC Acta Scientiarum – Language and culture v. 28, n. 2, p. 155-156	Artigo
UCS	-	O livro didático e o ensino da história: o que ler, como ler e	2015	Cassiane Bechelin Vieira	UCS	Mestrado

		para que ler				
UFRGS	Currículo, Ensino Fundamental, História (São Leopoldo RS)	O currículo e o ensino da História nos anos finais do Ensino Fundamental	2012	Noemi Antonio Maria	UFRGS	Mestrado
UFRGS	Análise de discurso, análise textual, leitura e escrita, livro de imagem	A resistência da imagem: uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais	2013	Carolina Fernandes	UFRGS	Doutorado
UFRGS	Análise de discurso, educação, história, história de vida, identidade, imagem e memória	Imagem, memória e educação: um estudo sobre os modos de ver e lembrar	2005	Edison Luiz Saturnino	UFRGS	Mestrado
UFRGS	Fotografia, imagem, representação	Uma proposta de imersão no processo da fotografia e na leitura de imagem	2016	Liliane de Fátima Giordano	UFRGS	Mestrado
UFRGS	Foucault, História, professor	Intempestivo e infame: o ensino da História na perspectiva foucaultiana	2014	Carlos Eduardo Ströher	UFRGS	Mestrado
UFRGS	Artes visuais, guerra, imagem e narrativas	Imagens que (re)contam história: alegoria e narrativa visual na guerra sertaneja do Contestado	2012	Rita Inês Petykowski Peixe	UFRGS	Doutorado
Google	Ensino de História Livro Didático Era Vargas	Revolução Farroupilha: Representações e Livros Didáticos: algumas considerações	2013	Maria Helena Nascimento Romero	Revista Latino-Americana de História v. 2, n. 6 – agosto de 2013 – Edição Especial © by PPGH-Unisinos, p.93	Artigo – especialização
UFPEL	Pedagogia Cultural, Pedagogia do Gauchismo Livro Didático	Lições de gauchismo presentes em livros didáticos	2009	Letícia Fonseca Richthofen de Freitas Rosa Maria Hessel Silveira	Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPEL Pelotas, n. 34, p. 167-182, set./dez. 2009	Artigo
ANPUH-RS		Do Palácio Piratini à Exposição do Centenário Farroupilha: O percurso das obras	2013	Marlene Ourique do Nascimento	PUCRS Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual	Artigo

		de Augusto Luiz de Freitas e Lucilio de Albuquerque				
UCS	Narrativas visuais; Apropriação; Ensino de História; História Cultural; História da Educação	Narrativas visuais do Brasil oitocentista: um estudo sobre apropriação de imagens no cotidiano escolar	2013	Alessandra Chaves Zen	UCS	Mestrado

Fonte: organização da autora.

Revisão de literatura a partir dos descritores: mulher, representação, livro didático e História

Portal/site	Palavras-chave	Título	Ano	Autor(a)	Instituição	Nível
xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1191-0.pdf	Gênero; livros didáticos; ideologia	Análise da ideologia de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: uma atualização das apresentações e representações	22014	Neide Cardoso de Moura	Universidade Federal da Fronteira Sul	Artigo
Cad. Pesqui. v.39, n. 137 São Paulo maio/ago. 2009 http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000200009	Livros didáticos, Bibliografia, Programa Nacional do Livro didático, Sexismo	Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica	22009	Fúlvia Rosemberg, Neide Cardoso de Moura, Paulo Vinícius Baptista Silva	SciELO	Artigo
Revista do Lhiste, Porto Alegre, n. 3, v. 2, jul./dez. 2015	Livro didático, análise imagética, identidade, representação	Imagens de mulheres nos livros didáticos de História	22015	Eliane Goulart MacGinity	Revista do Lhiste	Artigo
http://www2.uefs.br/ppge/dissertacao/dissertacao-souza-2014.pdf	Educação e desenho; ideologias; Livro didático; análise de imagens.	O Livro didático e as influências ideológicas das imagens: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural	22014	Suely dos Santos	Universidade Estadual de Feira de Santana	Dissertação
https://es.scribd.com/document/.	Não mencionada	A imagem da mulher no livro didático	11989	Esmeralda Vailati Negrão e Tina Amado	Fundação Carlos Chagas	Sem identificação

../A- imagem- da-mulher- no-livro- didatico- estado-da- a						
Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 27 a 29 de maio de 2014 GT 8 – Gênero e Educação: reflexões sobre materiais didáticos, práticas e representa- ções	Gênero, Sociologia, Livro Didático, PNLD, Projeto FOLHAS	As relações de gênero nos livros didáticos de sociologia: uma investigação sobre um livro didático público e um comercial	2201 4	Samira do Prado Silva	Universidade Estadual de Londrina	Artigo
VII Simpósio Nacional de História Cultural História 10 e 14 de novembro de 2014	História cultural, escritas, circulação, recepção	As imagens em livros didáticos de História: Leituras e representação de mulheres negras	2201 4	Rayssa Andrade Carvalho	USP	Artigo
N. 09 – 2015	Feminino, Literatura colonial, Representa- ções, Livro Didático	O feminino na literatura colonial brasileira: representações nos livros didáticos do Ensino Médio	2201 5	Eudma Poliana M. Elisbon	UFM – Departamento de Letras	Artigo
2º Simpósio Eletrônico Internacion al de Ensino da História	Não consta	História das mulheres: entre a historiografia e os livros didáticos	2016	Dulceli Tonet Estacheski		Artigo
Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 2, p. 35-61, jan./abr. 2013	Sexualidade, Homofobia, Livro Didático	Imagens que falam, silêncios que organizam: sexualidade e marcas de homofobia em livros didáticos brasileiros	2013	Eliane Gonçalves e Joana Plaza Pinto Borges	UFG Universidade Católica de Goiás	Artigo

Fonte: Organização da autora.

Apêndice B – Imagens do feminino na coleção didática *Nova História Crítica*

Figura 1 – Mulher e automóvel

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada /localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante		Conteúdo/significado	Autor da imagem/site disponível	Descrição
243	23	Cartaz	Um homem com o corpo cheio de pelos, uma mulher branca, loura e nua, um automóvel vermelho	Parte superior de uma página da direita do LD	Um homem e uma mulher, possível ato sexual	1907 https://br.pinterest.com/pin/41376890296172495/	O cartaz retrata um casal num possível ato sexual dentro de um carro. O homem assemelha-se a um macaco, seu corpo está coberto de pelos pretos, sua face não está visível. Com uma mão ele segura o volante, com a outra, a cintura da mulher nua, que joga o corpo para trás. O automóvel é vermelho e conversível. Do automóvel saem representações amarelas de fogo.
				O casal num encontro sexual dentro do automóvel	O homem é o motorista do automóvel, a mulher está na carona. A mulher está jogando o corpo para trás		
				Legenda da imagem:	“No final do século XIX, o mundo começou a usar as invenções que se consagraram no século XX: luz elétrica, telefone, toca-discos e automóveis. Neste cartaz de 1907, vemos que já naquela época o automóvel veloz (que fazia 100 km/h!) era associado à masculinidade e ao sucesso sexual.”		
			Vestimentas	Homem com o corpo coberto de pelos pretos, mulher nua	O corpo coberto por pelos pode representar masculinidade, a virilidade e animalização da relação sexual. A mulher está em postura de apatia e entrega. Com uma mão, a direita, ela afasta o rosto do homem, ao mesmo tempo que seu corpo se contorce aceitando as carícias dele.		
			Acessórios	Ambos estão num automóvel vermelho	A cor vermelha pode representar o poder, a autoridade.		
			Conceitos relacionados	Consumo, relacionamento heterossexual, invenções (máquina, automóvel)			

Figura 2 – Baile na corte de Viena

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada /localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante		Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
243	26	Provavelmente e parte de uma pintura	Três homens e três mulheres num baile	Parte inferior da página de esquerda do LD	As mulheres conversam com os homens.	1900 Imagem digitalizada pela	As mulheres com trajes de gala conversam com homens, dois deles estão sentados e

	na Corte de Viena.	Três casais conversando próximo a uma mesa com taças, bebidas e alimentos.	Os homens estão despreocupados fumando, enquanto as mulheres estão próximas a eles numa atitude de respeito e admiração.	pesquisadora.	fumando. Uma mulher debruçada na mesa olha odo um homem. Ao fundo, mais um casal, a mulher muito próxima dele e ele de pé. Ao fundo outro casal de costas.
		Legenda da imagem:	“Baile na corte de Viena em 1900. Valsas, vestidos longos, burgueses com ternos elegantes. Tal como os outros países europeus, a Áustria começou a Primeira Guerra muito parecida com o que era no século XIX. Mas, quatro anos depois, tudo estaria diferente: iniciava-se de verdade o século XX.”		
	Vestimentas	Homens e mulheres em trajes de gala	A mulher debruçada na mesa usa um vestido longo, cinturado e de alças; na cabeça, há uma chapéu. A mulher de pé, sua vestido longo com mangas compridas e a do fundo também usa vestido, mas como está atrás dos demais, não é possível ver. Um homem usa chapéu e os demais mostram a cabeça quase sem cabelos. Todos os homens usam barba e bigode”		
	Acessório	Chapéus, brincos, taças, comidas e bebidas	Numa mesa redonda os casais conversam.		
	Conceitos relacionados	Consumo, relacionamento heterossexual, capitalismo, burguesia, festas do século XIX			

Figura 3 –Assassinato de Francisco Ferdinando e esposa

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/ localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	27	Ilustração	Cena de um crime, uma mulher, oito homens, um cavalo e um carro oficial	Parte inferior da página da direita do LD.	Assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e de sua esposa. O casal, arquiduque e arquiduquesa estão passeando em carro oficial quando são baleados.	2014 http://www.ricardoorlandini.net/hoje_historia/imprime/1893	O atentado que resultou no assassinato de Francisco Ferdinando e de sua esposa. A cena acontece em via pública dentro de um carro conversível oficial. A Guarda do arquiduque tenta evitar o assassinato.
				Legenda da imagem	“Ilustração feita em 1914 mostra o atentado em Sarajevo contra o herdeiro austríaco Francisco Ferdinando. Veja que sua esposa também será baleada pelo terrorista.”		

		No momento que o arquiduque e a esposa são baleados, a Guarda procura defender o casal.	O chapéu do arquiduque o diferencia dos outros, bem como a cor da roupa (branca), ele usa uma faixa. A arquiduquesa usa um grande chapéu enfeitado com laços e flores. O vestido dela é longo e cinturado, em cima do vestido há um casaco longo também, aberto na frente.		
	Vestimentas	Arquiduques a usa vestido e chapéu ornamentado com flores, o arquiduque usa trajes oficiais, bem como a Guarda. Há também um membro da Cavalaria.	A arquiduquesa (não é nomeada nenhuma vez) está de pé, olhando o marido que já tinha sido baleado, seus braços estão abertos, é o momento que ela leva o tiro.		
	Acessório	Chapéus, armas, faixas e distintivos	Poder, autoridade		
	Conceitos relacionados	Assassinato, Primeira Guerra Mundial, feminicídio			

Figura 4 – Soldado inglês e mulher francesa

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	27	Ilustração	Um homem e uma mulher	Parte inferior da página da esquerda do LD	Um homem e uma mulher em atitude amistosa.	1904 Digitalizado pela pesquisadora.	Um casal formado por uma “jovenzinha francesa” e um soldado britânico namoram. A imagem não tem fundo.
				Um casal conversa amigavelmente.	O casal troca olhares e expressões que podem indicar amizade, amor.		
				Legenda da imagem:	“A Entente Cordiale (1904) foi a aliança militar entre a Inglaterra e a França. Aqui o artista da época representou a jovenzinha francesa namorando o soldado britânico.”		
			Vestimentas	Homem com fardamento de soldado inglês. Mulher com vestido longo vermelho e branco.			
			Acessório	Soldado fuma um cachimbo,	A mulher é branca e mais baixa que o homem, ele aponta com		

		segura uma bengala e chapéu. A mulher usa um vestido rodado, de gola alta, mangas compridas e cinto. Na cabeça um chapéu pequeno ornamentado com flores, calça botas escuras e segura nas mãos um chalé de inverno e uma pequena bolsa.	a mão esquerda o rosto dela, sua expressão é de contentamento. Ele parece que ri animadamente. Ela está à esquerda dele.		
	Conceitos relacionados	Romance heterossexual, Tríplice Entente.			

Figura 5 – Cartaz inglês chamando as mulheres para a guerra (1)

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/ localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	27	Cartaz	Uma mulher branca em primeiro plano, ao fundo um homem mexendo em munição.	Parte inferior da página da esquerda do LD.	O olhar da mulher é de desafio.	Durante a Primeira Guerra Mundial/ Inglaterra https://www.irm.org.uk/collections/item/object/27761	A imagem representa uma mulher desafiando as outras mulheres a colaborarem com a Guerra na produção de munição; os dizeres em inglês traduzidos na legenda lembram que a vida dos homens depende da vida das mulheres operárias.
			Uma mulher posa para uma foto colocando o chapéu de operária.	O homem ao fundo é possivelmente um soldado que está preparando a munição para pôr no canhão.			
			Legenda da imagem	“Cartaz inglês feito durante a Primeira Guerra exalta a mulher operária da fábrica de armas ‘a vida deles depende delas’. Milhões de mulheres passaram a trabalhar fora de casa, o que foi muito importante para a sua emancipação”.			
			Vestimentas	Trajes de operária: vestido de tecido resistente, levemente cinturado, mangas compridas e chapéu	A mulher representa uma operária numa fábrica de munição. Seu cabelo está preso e penteado.		
			Acessório	Canhão, munição, chapéus.	O gesto da mulher, segurando o chapéu com ambas as mãos, pode trazer a ideia de delicadeza e ao mesmo tempo o olhar desafiador.		

	Conceitos relacionados	Trabalho feminino na Primeira Guerra Mundial, os espaços públicos e privados ocupados por homens e mulheres. Divisão de trabalho entre homens e mulheres.		
--	------------------------	---	--	--

Figura 6 – Mulheres: história e moda

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	27	Ilustração	Duas representações de mulheres brancas.	Parte superior de página da esquerda do LD	As mulheres representam diferentes tendências da moda levando em conta os contextos históricos.	Não há dados na imagem do LD. Digitalizada pela pesquisadora.	As representações de vestimentas de antes e durante a Primeira Guerra aparecem com um texto reforçando que com a moda também pode-se perceber as mudanças históricas. As mulheres são da burguesia, pois suas roupas são típicas da burguesia industrial européia.
				As mulheres são de épocas diferentes.	Mulheres brancas vestindo trajes da burguesia.		
				Legenda da imagem	“A História e a moda: o estudo da moda pode ser um ótimo recurso para percebermos as mudanças históricas. O vestido da esquerda foi criado um pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Veja o peso, o chapéu enorme e o penteado: tudo a ver ainda com o século XIX, não? O vestido da direita tornou-se moda durante a Primeira Guerra. Repara a leveza, o cabelo simples, sem chapéu, o pescoço e os braços nus. O mundo moderno do século XX exigia coisas práticas como esse tipo de roupa.”		
			Vestimentas	Direita: vestido comprido, escuro com detalhes e camadas. Esquerda: longo, leve, cor clara, decotes	As duas mulheres representam mulheres burguesas.		
			Acessório	Direita: chapéu, sombrinha. Direita: lenço no cabelo e um broche			
			Conceitos relacionados	Moda e História, moda feminina, mulheres da burguesia, Primeira Guerra Mundial			

Figura 7 – Família do Coronel Donnel

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	43	Foto	Sete homens: dois adultos e cinco crianças; quatro mulheres: uma adulta e duas crianças. Todos(as) brancos.	Parte superior da página da direita do LD. Uma das mulheres está sentada (mãe) e as outras estão de pé, entre a mãe e o pai. Legenda da imagem	Representam uma família tradicional. As mulheres tinham seu papel bem definido, manter a família unida e cuidar do espaço privado a elas destinado. A mulher sentada segura um bebê. “Família do coronel Donnel, em Paranaguá, cidadezinha do Piauí, em 1912. Repare que a casa atrás é grande, mas deteriorada. As roupas são boas. Muitos coronéis, especialmente no Nordeste, não eram ricos. Seu poder vinha da propriedade da terra e das ligações políticas com os governadores, com quem trocavam favores.”	1912 http://basearch.coc.fiocruz.br/uploads/t/fundacao-oswaldocruz-casa-de-oswaldocruz/4/5/45404/BP.06.TP.03.V2.027.jpg	Na frente de uma moradia com grandes portas e janelas a família posa para o fotógrafo; o pai está sentado à direita, à sua esquerda está a mulher/mãe, segurando uma criança de colo. No segundo plano estão os filhos: à direita do pai, dois meninos menores, atrás do pai, um filho adulto, entre a mãe e o pai, uma filha grande. No colo do pai e entre o irmão mais velhos, há duas crianças, uma menina jovem e um menino também jovem. O pai, tem uma criança de pé, entre suas pernas.
			Vestimentas	Roupas sociais: homens adultos, crianças calça e casacos. As mulheres usam vestidos com detalhes em renda.	A indumentária revela um certo poder da família e, como diz a legenda, a moradia está deteriorada. O lugar dos homens e dos meninos recebe destaque na fotografia, pois estão ladeado os pais e irmão mais jovens. O zelo e o cuidado para as filhas também está explícito.		
			Acessórios	Os dois homens adultos usam gravata e camisa branca. As Crianças usam camisa branca e as mulheres vestidos longos e cabelos presos.	As gravatas, as camisas brancas em baixo dos casacos mostram o poder da família retratada. As mulheres em seus trajes longos associadas à maternidade e ao cuidado.		
			Conceitos relacionados	Família tradicional, maternidade, coronelismo, criação de meninos e meninas.			

Figura 8 – Lampião, Maria Bonita e bando de cangaceiros

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	76	Foto	Nove homens e uma mulher	Parte superior de página da esquerda do LD.	Grupo de pessoas armadas	Não existe informações sobre a foto no LD.	Maria Bonita posando ao lado de Lampião, líder cangaceiro; todos posam para uma foto ao ar livre, próximo de pequenas árvores. Estão com as armas em posição de descanso. O olhar é de altivez e poder.
				A mulher 'Maria Bonita' aparece no meio de outros homens; no centro da foto, ao lado do chefe do grupo	A mulher apoia-se numa espingarda, usa vestido simples, até os joelhos; calça sandálias, usa chapéu. A mulher é branca e seu olhar é de desafio, está séria.	https://novahistoriacritica.blogspot.com/2013/06/cangaceiros-e-coroneis-no-sertao.html	
			Legenda da imagem	"Lampião e Maria Bonita à frente de seu bando de cangaceiros. Bandido ou herói? Na época aterrorizava fazendeiros e cidadezinhas do interior do Nordeste. Mas para muitos ficou como 'justiceiro da caatinga'. Teria sido mesmo? Até que ponto ele não esteve plenamente integrado à violenta disputa entre as famílias rivais dos coronéis? Seu jeito de agir não era o modo possível de não se sujeitar completamente?"			
			Vestimentas	Todas as pessoas usam chapéus e estão apoiadas em armas no chão. Os homens usam calça e casaco abotoados na frente.	O grupo de pessoas remete um certo poder.		
			Acessórios	Muitos acessórios, pingentes, coletes, armas, facas, lenços e botas	A mulher apesar de estar vestindo roupas femininas (saia) faz parte do grupo e tem seu devido reconhecimento, pois está ao lado do líder, seu esposo.		
			Conceitos relacionados	Cangaço, empoderamento feminino, participação feminina na luta armada			

Figura 9 – Elvira Boni, “uma militante libertária”

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
243	80	Foto	Mulher jovem branca séria	Parte superior de página da esquerda do LD	Mulher jovem	http://www.anarquista.net/elvira-boni/ Uma mulher sentada à mesa em atitude séria. Logo acima na parede há duas inscrições: “Spartacus e liberdade”. É uma mulher letrada.
				Mulher branca intelectual	A firmeza da expressão remete um poder intelectual.	
				Legenda da imagem	“Elvira Boni, uma militante libertária. Os anarquistas defendiam a igualdade entre homens e mulheres. Note os jornais operários pregados na parede.”	
			Vestimentas	Camisa de cor clara e mangas até o cotovelo	Vestimenta simples	
			Acessórios	Não há		
			Conceitos relacionados	Mulheres mediadoras intelectuais, mulheres na política, anarquismo		

Figura 10 – Famílias em festa natalina

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
243	91	Ilustração	Vinte e nove pessoas brancas ouvindo rádio nos EUA	Parte inferior da página de direita do LD	Homens, mulheres e crianças atentos ao programa de rádio.	1922 http://economy-definition.com/Technology/Radio_Radio__e_to.html Algumas famílias reunidas para ouvir rádio; os homens vestem ternos pretos com gravatas-borboleta e estão de pé, ou apoiados em alguma cadeira ou móvel. As crianças, meninos e meninas ocupam em sua maioria o chão. As mulheres adultas estão próximas às crianças. Todos e todas estão numa sala de estar.
				Nove mulheres e seis meninas da classe média ouvem rádio.	São mulheres de meia idade possivelmente acompanhadas pelo esposo. Há também algumas com mais idade, próximas às crianças no chão.	
				Legenda da imagem	“Em 1922, nos EUA, o rádio ainda era uma grande novidade. No Natal, a família de classe média se reunia para ouvir um programa.”	
			Vestimentas	Mulheres e meninas: vestidos meia-canela, cintos e chapéus; os cabelos estão organizados em coques.	Os vestidos das mulheres adultas têm rendas e transparências discretas, duas delas usam vestidos com alças, todos no comprimento da panturrilha. São vestidos coloridos e	

		Os homens usam fraque. Alguns meninos usam vestimentas parecidas com a dos homens adultos, os demais usam roupas infantis.	cinturados. As meninas usam vestidos mais curtos, o cabelo é curto ou preso. As mulheres adultas e as mais senhoras usam penteados que dão volume ao cabelo preso; duas delas usam chapéu.		
	Acessórios	Chapéu, cintos, balões, sapatos de salto e meias-calça.	Acontece uma festa, como diz na legenda (Natal), são famílias de classe média; possuem um número considerável de filhos e filhas.		
	Conceitos relacionados	Maternidade, família dos anos 20, família da classe média estadunidense; consumo, capitalismo.			

Figura 11 – Antropofagia de Tarsila do Amaral

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	95	Obra de arte	Dois corpos nus, feminino e masculino com tamanhos desproporcionais, sem face	Parte superior de página da direita do LD O corpo feminino apresenta uma mama somente.	As cabeças são pequenas e os corpos, desproporcionais. A mama ligeiramente desproporcional pode dar alusão à amamentação. Os pés grandes, ao trabalho de homens e mulheres. A paisagem é tipicamente brasileira.	https://3minuto.sdearte.com/movimientos-y-estilos/el-movimiento-antropofagico/	Dois corpos, feminino e masculino nus, sentados, cujas pernas de entrelaçam; o tamanho dos membros é desproporcional. As cabeças são pequenas e os pés e pernas grandes. Ao fundo, três cactos e uma folha de bananeira, o sol está sendo representado por uma fatia de laranja. As cores dos corpos são laranja com contorno vermelho; os cactos e a folha de bananeira fazem um jogo de sombras que revela um tom verde ora escuro, ora mais claro.
			Legenda da imagem	“Antropofagia, de Tarsila do Amaral, é um exemplo da pintura que tanto chocou os críticos conservadores brasileiros.”			
			Vestimentas	Não estão vestidos.			
			Acessório	Não há.			
			Conceitos relacionados	Arte, cultura antropofágica, Tarsila do Amaral, pintura brasileira, Semana da Arte Moderna, conservadorismo brasileiro, Trabalho, maternidade.			

Figura 12 – Diana de Victor Brecheret

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada /localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	95	Escultura	Escultura da deusa romana Diana	Parte inferior da página de direita do LD	Mulher jovem.	https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g187791-d245584-i289148135-Quattro_Fonte-Rome_Lazio.html	A deusa romana está sentada ao lado de um cervo, cabelos presos num lenço e o corpo nu. Olha delicadamente o animal
				Mulher sentada confortavelmente	Mulher branca em atitude de descanso, acompanhada de um animal, um cervo.		
				Legenda da imagem	“Diana caçadora mostra formas delicadas e arredondadas, quase geométricas, típicas de Victor Brecheret.”		
			Vestimentas	Nenhuma	Entre as pernas pode-se perceber um véu.		
			Acessórios	Cabelo preso num lenço	Segura uma das amas com a mão, olha com delicadeza o animal que está a sua direita.		
			Conceitos relacionados	Beleza, poder feminino, sensualidade, força			

Figura 13 – Olga Benário Prestes

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada /localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
243	145	Foto	Fotografia em preto e branco e uma mulher em plano médio	Parte inferior da página de direita, dentro de um quadro de destaque no texto em cor azul.	Olga Benário Prestes, jovem	https://medium.com/@l.mvital/a-quest%C3%A3o-de-olga-ben%C3%A1rio-3a58ab0d4ff0	Uma pequena foto de Olga Benário Prestes, mas nessa descrição o sobrenome do marido não aparece. O texto menciona que Olga e Prestes se apaixonaram e. Durante o governo de Vargas, o casal foi capturado e ela extraditada é entregue à Gestapo por seu judia.
				A foto retrata uma mulher muito séria.	Olhar inquisidor, provocativo		
				Legenda da imagem	Há um longo texto sobre Olga Benário Prestes, aqui destaco somente o título “Olga Benário: idealismo, amor e tragédia”.		
			Vestimentas	Roupa escura com um leve decote	Foto oficial de algum documento		
			Acessórios	Nenhum			
			Conceitos relacionados	História de Olga Benário Prestes, perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, papel feminino na guerra			

Figura 14 – Capa da revista Cruzeiro

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
243	155	Ilustração	Capa da revista Cruzeiro, três mulheres na praia	Página da direita na Seção “Reflexões Críticas”	Três mulheres da classe média/alta que frequentavam o espaço de lazer (praia)	http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3843 A imagem capa da revista traz a representação de três mulheres brancas numa praia. São mulheres da classe média/alta que têm alguns privilégios, como poder ir à praia. A do centro da imagem está séria e segurando um guarda-sol florido. As demais estão de costas, olhando para o mar.
				Três mulheres com trajes de banho da época e acessórios de praia	Mulheres brancas, cabelos claros	
				Legenda da imagem:	“A duplicidade da condição feminina dos anos 20 e 30. A mulher dona de casa desnuda na praia consumida e consumidora, e a intelectual engajada (Pagu foi presa e torturada pela polícia Getulista). Seria possível ser as duas ao mesmo tempo? E hoje? Essa separação ainda existe? Qual dos dois “modelos” predomina?”	
			Vestimentas	Trajes de banho décadas 20, 30 no Brasil	Ter acesso aos trajes de banho (maiô com perninhas acima do joelho) denota classe social privilegiada.	
			Acessório	Guarda-sol, toalhas, echarpes coloridos, cachorro	Burguesia brasileira das décadas de 20, 30 e 40. Mulheres sérias e comportadas, em atitude de cuidado e respeito.	
			Conceitos relacionados	Consumo, lazer, mulher: mercadoria		

Figura 15 – Pagu: a “intelectual engajada”

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
243	155	Fotografia em preto e branco	Uma mulher sorrindo em médio plano	Página da direita na Seção “Reflexões Críticas”	Mulher jovem, branca, a Pagu	https://www.skoob.com.br/autor/264-pagu Uma jovem mulher branca pousa para uma foto com vestimentas propícias em comemoração a aniversário, formatura ou a algo do gênero. É uma mulher burguesa que, como a legenda informa, teve acesso à instrução, sendo chamada de intelectual.
				A mulher executa uma pose para a foto, ela sorri e mostra o ombro esquerdo.	Mulher de classe social privilegiada	
				Legenda da imagem	“A duplicidade da condição feminina dos anos 20 e 30. A mulher dona de casa	

			desnuda na praia consumida e consumidora, e a intelectual engajada (Pagu foi presa e torturada pela polícia Getulista). Seria possível ser as duas aos mesmo tempo? E hoje? Essa separação ainda existe? Qual dos dois “modelos” predomina?		
	Vestimentas	Vestido, cabelos no comprimento dos ombros, encaracolados	Vestido com plumas e brilhos		
	Acessório	Anel, maquiagem	As mulheres das classes mais privilegiadas tinham acesso a este tipo de ambiente (estúdio fotográfico).		
	Conceitos relacionados	Feminismo no Brasil, mulher burguesa, instrução feminina no Brasil, moda e comportamento			

Imagens da coleção *Vontade de Saber História*

Figura 16 – Mulheres trabalhando numa fábrica de munição

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
239	70	Originalmente litografia	Grande número de mulheres trabalhando numa indústria bélica.	Página da esquerda, texto e imagens numa seção a parte do texto, intitulada “As mulheres na Primeira Guerra Mundial.”	Mulheres jovens e de meia-idade.	Autor: desconhecido. 1915. Litografia. Coleção particular Foto: Classic Image/Alamy /Other Images. Digitalização feita pela autora.	No primeiro plano é possível contar onze mulheres; uma delas é uma senhora; à direita da imagem, há um homem de costas, possivelmente um supervisor das mulheres. A cena se passa numa fábrica; como é a reprodução de uma litografia, o efeito é preto e branco. As máquinas estão alinhadas numa grande estrutura alta que chega até o teto. As mulheres são operárias.
				Legenda da imagem	Esta imagem aparece numa seção especial do livro, juntamente com a seguinte, separadas do texto didático, como um complemento, o título “As mulheres na Primeira Guerra Mundial”.		
			Vestimentas	Vestidos longos e escuros, guarda-pó	Traje feminino da época		
			Acessórios	Botas, luvas	Nenhuma segurança de trabalho		

	Conceitos relacionados	Mulheres na Primeira Guerra Mundial, mão de obra feminina		
--	------------------------	---	--	--

Figura 17 – Mulheres com roupas de banho “ousadas”

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/ localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/ significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
239	70	Foto	Sete mulheres	Página da esquerda, texto e imagens numa seção à parte do texto, intitulada “As mulheres na Primeira Guerra Mundial.	Mulheres jovens	Associated Press/Glow Images. https://br.pinterest.com/pin/73253931418912221/	Sete mulheres jovens e brancas da elite burguesa; a foto não traz a informação a qual país essas mulheres pertencem. O cenário é uma elevação com grandes pedras, uma praia.
				Sete mulheres brancas e jovens	Mulheres jovens e bem vestidas posam para uma foto na praia.		
				Legenda da imagem:	“Após a guerra, a moda feminina se transformou. Nessa fotografia, tirada por volta de 1925, vemos um grupo de mulheres vestindo roupas de banho consideradas muito ousadas para a época.”		
			Vestimentas	Trajes de banho da época (1925)	Os penteados e trajés revelam que as mulheres pertencem a elite burguesa.		
			Acessórios	Penteados, chapéus, maiôs, bolsas, meias e cintos	Fisionomias alegres e rebeldia, cabelos curtos, roupas curtas para a época.		
			Conceitos relacionados	Consumo, lazer da elite da década, machismo			

Figura 18 – Madame Metisse

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/ localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
239	76	Pintura	Mulher jovem em médio plano.	Página da esquerda do LD na Seção “Explorando o tema”	Mulher jovem branca	Henri Matisse, 1905. https://mymodernmet.com/what-is-fauvism-definition/	Mulher séria em médio plano, ao fundo há combinações de cores quentes (rosa e vermelho) à direita e à esquerda frias (azul claro e azul escuro). A mulher usa um vestido vermelho com detalhes no decote em V. A expressão séria
				Esposa do pintor Henri Matisse,	Pertence a uma classe de intelectuais das artes, mulher branca, cabelos presos num coque, expressão séria.		

		Legenda da imagem	Texto explicando o que foi o fauvismo e informando que a tela chama-se Madame Matisse, sua esposa.		dá ideia de poder e respeito.
	Vestimentas	Vestido com decote em V vermelho.	O vestido e o cabelo revelam ser de uma elite		
	Acessórios	O detalhe do decote representa adornos coloridos	Ausência de acessórios de caráter feminino		
	Conceitos relacionados	Artes e mulheres (ausência delas) mulher idealizada			

Figura 19 – Mulheres no Cubismo

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
239	76	Pintura cubista	Cinco mulheres	Página de esquerda do LD na Seção “Explorando o tema”	Corpos nus e seminus femininos e brancos	Pablo Picasso, 1906-1907 https://www.moma.org/col-lection/works/79766	Cinco mulheres nuas que observam quem as observa seriamente. Os corpos estão distorcidos (Cubismo), as mamas não possuem mamilos, os olhos são grandes, escuros, assim como o nariz e as orelhas; a boca é pequena. Duas delas estão com o rosto pintado/omitido.
				Legenda da imagem	Assim como a anterior, a seção traz um pequeno texto explicando o que é o cubismo, há informações sobre o pintor e sobre a obra.		
			Vestimentas	Nudez	Os corpos nus são parcialmente cobertos por um lençol branco.		
			Acessórios	Unhas pintadas (uma mulher), duas delas estão com o rosto deformado e pintado com outras cores. Frutas	Cabelos escuros soltos e presos em coque.		
			Conceitos relacionados	Artes e mulheres (ausência delas) mulher idealizada			

Figura 20 – Cartaz publicitário inglês chamando as mulheres para a guerra

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
----------------------------------	---	----------------	---------------------	----------------------	----------------------------------	-----------

239	80	Cartaz	Mulher jovem vestindo um guarda-pó com as informações: Essas mulheres estão fazendo a parte delas... aprendendo a fazer munições.	Página da esquerda na seção “Atividades”	Uma mulher jovem e branca	Coleção particular. Foto: Topham Picturepoint/ TopFoto/Key stone. https://www.flickr.com/photos/antoon/1428921491	A cena acontece numa fábrica, ao fundo a esquerda, há um homem acenando, vestindo roupa de militar e carregando uma arma; atrás, outra mulher de vestido longo e munições. A mulher em primeiro plano veste um guarda-pó. A chamada do cartaz contradiz a cena harmoniosa com cores leves (amarelo e rosa claro).
				A mulher está em atitude provocativa, o braço direito está erguido para poder vestir o guarda-pó, a perna direita também está levemente à frente.	O chamamento é para as mulheres participarem da indústria bélica.		
				Legenda da imagem:	“Esse cartaz publicitário inglês de cerca de 1915 afirma: Essas mulheres estão fazendo a parte delas... aprendendo a fazer munições.”		
			Vestimentas	Guarda-pó em cores claras, saia e sapatos pretos	Mulher operária da classe média baixa		
			Acessórios	Cabelos presos no chapéu	Roupas que possibilitam maior mobilidade do corpo para desempenhar o trabalho.		
			Conceitos relacionados	Mão de obra feminina na guerra, salário <i>versus</i> gênero			

Figura 21 – Posse de Getúlio Vargas

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/ localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
239	100	Foto	Homens e mulheres na posse de Vargas	Página da esquerda do LD, abertura do capítulo “O fim da República Velha e a Era Vargas”	A esposa de Vargas não está sendo nomeada na legenda. É uma mulher branca e grande.	http://memorialdemocracia.com.br/card/getulio-vargas-e-o-presidente-provisorio-do-brasil Foto oficial, no centro o presidente Getúlio Vargas com sua esposa, à sua direita homens seguram uma bandeira com os dizeres “24-10- 1930 Eis a paz! Entre nós

		Esposa de Vargas está a esquerda dele, acompanhada por outras três mulheres.	A esposa de Vargas parece ser a mais velha do pequeno grupo de mulheres		salve 31-10-1930". Atrás da bandeira e do presidente há vários homens vestidos com trajes sociais; Vargas usa roupa oficial do Exército. As mulheres estão perfiladas à direita dos homens.
	Legenda da imagem:	“Cerimônia realizada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o governo do Brasil”.			
Vestimentas	Vestido até a altura da meia-perna, modelo solto no corpo, mangas longas e adornadas com detalhes em renda ou bordados	O vestido é discreto para esconder o corpo grande, as flores denotam pureza e as expressões são sérias			
Acessórios	Chapéu, buquê de flores, uma echarpe em cima dos ombros. As demais mulheres também têm os cabelos curtos ou alinhados no chapéu. Uma delas segura uma couraça de raposa e ambas usam colar no pescoço	Indumentária de elite brasileira			
Conceitos relacionados	Machismo, dominação simbólica, família tradicional brasileira				

Figura 22 – Carmem Miranda

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
239	101	Foto em médio plano	Mulher branca e jovem	Parte superior da esquerda do LD também no início do capítulo	Mulher branca, jovem arrumada e sorridente	http://www.kitchensisters.org/fugitivewaves/carmem-miranda/ A cantora Carmem Miranda sorri para a foto, ao seu lado um microfone, a foto é em preto e branco.
				Está sorrindo para a foto, pessoa famosa.	Carmem Miranda	
				Legenda da imagem:	“Carmem Miranda (1910-1955) nasceu em Portugal, mas veio para o Brasil ainda criança. Ela tornou-se cantora e fez muito sucesso nas rádios brasileiras durante a década de 1930.	

			Depois, mudou-se para os Estados Unidos, onde participou de vários filmes produzidos em Hollywood e ficou conhecida internacionalmente”.		
	Vestimentas	Roupa ornamentada com pedras	Trajes de uma elite.		
	Acessórios	Muitos colares e pulseiras, chapéu com arranjo de flores ou frutas, brincos grandes, uso de maquiagem	Cabelo preso no chapéu grande, ela ergue o dedo indicador da mão direita para cima, e este, parece encostar no microfone.		
	Conceitos relacionados	Música popular brasileira, cantoras brasileiras, ativismo feminino			

Figura 23 – Mulheres e homens visitando uma linha de montagem

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
239	102	Foto	Mulheres e homens visitam uma linha de montagem	Página de esquerda do LD	Mulheres brancas e bem vestidas	Sem informações no LD sobre a autoria da foto, ano 1921. https://www.carroantigo.com/portugues/conteudo/curio_primordios_industria.htm
				Três mulheres, em primeiro plano, observam os carros; os homens estão à frente	Mulheres brancas, possivelmente casadas, acompanham os homens.	
				Legenda da imagem:	“Na década de 1920, as classes médias urbanas eram formadas principalmente por comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais. Ao alcançar maior poder aquisitivo, elas passaram a reivindicar maior participação política, enfraquecendo o governo oligárquico. Acima, pessoas da classe média visitando uma linha de montagem de veículos na capital paulista, em 1921.”	
			Vestimentas	Vestidos longos, casacos	Classe média operária	
			Acessório	Chapéus, pulseiras, lenços.	As mulheres estão em atitude séria, de pé, acompanham com o rosto o automóvel	
			Conceitos relacionados	Indústria automobilística brasileira, família da classe operária, espaços femininos		A cena se passa numa fábrica; há homens e mulheres; os homens estão à frente e no lugar do motorista do carro.

Figura 24 – Sertanejos e sertanejas

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada / localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
239	103	Foto	Homens, mulheres e crianças, aproximadamente vinte e cinco pessoas.	Página da direita do LD	As mulheres são a maioria, rostos tristes, corpos magros e muitas crianças	Reprodução e digitalização pela própria pesquisadora Ano da foto 1912	A cena se passa na frente de uma moradia, várias pessoas, entre elas, homens, mulheres e crianças pousam para o registro. Um homem está no centro da imagem de branco, os demais atrás das mulheres de chapéu. Todas as mulheres carregam uma criança, à esquerda há uma mulher usando trajes de luto (cor preta). A foto é em preto e branco
				Mulheres sérias com expressão de sofrimento	Sertanejos e sertanejas em uma fazenda na Bahia	José Teixeira, 1912 Acervo da Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Rio de Janeiro	
				Legenda da imagem:	“Camponeses, seringueiros, mineiros e vaqueiros, chamados também de sertanejos, formavam a maior parte da mão-de-obra das regiões interioranas do país. Trabalhavam muitas horas por dia para os grandes proprietários e, em troca, recebiam baixos salários. No Sertão nordestino, por exemplo, uma região semiárida onde pouco chove durante o ano, as famílias pobres enfrentavam a seca e a fome sem receber qualquer tipo de auxílio do governo. Sem muitas oportunidades de melhoria de vida, muitos deles migravam para outras regiões do país, em busca de trabalho.”		
			Vestimentas	Vestidos longos com mangas compridas	Roupas de camponesas.		
			Acessórios	Traje de viúva, as demais, não é possível observar.	Mulheres pobres do Sertão nordestino, que trabalham na agricultura.		
			Conceitos relacionados	Maternidade, viuvez, trabalho feminino na agricultura, mulheres do Sertão			

Figura 25 – Maria Bonita e Lampião

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada / localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
239	103	Foto	Uma mulher sentada e um homem de pé e dois cachorros	Página da direita no LD, num texto à parte do capítulo em cor	Mulher jovem.	Direitos AbaFilm e Sociedade do Cangaço, Foto: Benjamim Abrahão.	O homem, Lampião, carrega um jornal com a imagem de uma mulher, ao lado está sua companheira Maria Bonita. A cena se passa ao ar livre. Há dois

				diferente, intitulado “No Sertão, o cangaço”.		https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdeamor/3938473	cachorros, um em cada lado da mulher.
				Mulher sentada com as pernas cruzadas numa cadeira, sua expressão é de seriedade.	Maria Bonita está com o rosto levemente inclinado para Lampião (esquerda), o braço esquerdo está em cima do cachorro da esquerda.		
				Legenda da imagem:	“Lampião, o ‘rei do cangaço’, e sua companheira, Maria Bonita.”		
			Vestimentas	Vestido de mangas compridas, saia com comprimento um pouco a baixo do joelho.	Pertence ao grupo que tem acesso a vestimentas da época, isso pode ser explicado porque ela era a esposa do cangaceiro.		
			Acessórios	Cabelo arrumado e preso com dois enfeites ou flores.			
			Conceitos relacionados	Mulheres no cangaço, liderança, casamento (união), carinho aos animais			

Figura 26 – Dalva de Oliveira e orquestra

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
239	110	Foto	Uma mulher e sete homens	Página da esquerda do LD na Seção “Explorando o tema”	Digitalização feita pela própria pesquisadora. Autor desconhecido, 1932, coleção particular.	A imagem acompanha um texto intitulado “As estrelas do rádio”. Dalva de Oliveira está no centro da foto atrás do microfone, que tem as letras “PRB6”; ao seu lado há sete homens vestidos com trajes de festa, um deles é negro, três deles carregam instrumentos musicais, o cenário do fundo é possivelmente um papel de parede com desenhos florais.	
				A mulher tem atitude de liderança, expressão séria			Alcançou sucesso como cantora de rádio.
				Legenda da imagem:			“Dalva de Oliveira canta em um programa de rádio, em 1932.”
			Vestimentas	Vestido longo claro e cinturado			Classe social privilegiada
			Acessórios	Colar, cinto, possivelmente maquiagem. Cabelo preso			Poucas mulheres conseguiam alcançar destaque no espaço público. Dalva de Oliveira foi uma delas.

		arrumado, face toda voltada para a foto.			
	Conceitos relacionados	MPB, cantoras de rádio			

História Temática: terra e propriedade

Figura 27 – Moradores expulsos do centro do Rio de Janeiro

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
	226	Foto em preto e branco	Seis meninas, onze meninos e seis homens adultos	Página da esquerda do LD na seção "Painel"	Crianças meninas e meninas e homens adultos	1905, Acervo Iconografia, digitalizado pela pesquisadora	A foto acompanha um texto intitulado "A Revolta da vacina 1904". A cena retrata uma rua com construções de alvenaria, grande portas e janelas, na calçada, segundo a legenda, são moradores e moradoras dos prédios desapropriados na Rua dos Inválidos. Entre os moradores e moradoras há um grande número de crianças meninas principalmente. Percebe-se aqui a ausência de mulheres.
			Ocupam desorganizadamente a direita da imagem, à frente da construção.	As meninas estão de vestidos e os meninos e homens de calças ou bermudas compridas.			
			Legenda da imagem:	"Além da campanha sanitária empreendida por Oswaldo Cruz, a cidade do Rio de Janeiro passou por uma reconstrução a partir do centro, entre os anos 1905 e 1910. A administração da cidade derrubou cortiços e grande número de moradias populares, expulsando seus moradores para áreas mais afastadas. Nessa foto de 1905, moradores de prédios desapropriados na Rua dos Inválidos."			
			Vestimentas	Meninas: vestidos com comprimento a baixo do joelho ou mais longos. Meninos e homens, calças compridas, ternos,	Classe operária, roupas simples		

		bermudas e suspensórios			
	Acessórios	Chapéu, gravatas, suspensórios	A fachada da edificação pode lembrar uma venda (mercado), armazém pois tem roupas penduradas na porta. A maior parte das crianças está com pés descalços.		
	Conceitos relacionados	Exclusão social, revolta da vacina, família, crianças			

Figura 28 – Mulheres telefonistas

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/ localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição
256	233	Foto em preto e branco	Oito mulheres. Essa imagem compõe a página com a página seguinte.	Página da direita do LD, seção “Para conhecer mais”	Oito mulheres jovens e brancas telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro.	Acervo Iconografia 1920, digitalizada pela pesquisadora . A cena se passa dentro de um estabelecimento não nomeado, em que sete mulheres fazem o trabalho de telefonistas e uma parece supervisionar o trabalho das demais. Todas estão com os cabelos presos em coques e usam uma espécie de fone de ouvido supraauricular. As mulheres estão sentadas perfiladas em cadeiras altas e com encosto. Possivelmente as cadeiras são de madeira. As mulheres usam longas saias escuras, meias brancas, camisas brancas e avental.
				Sete das oito mulheres estão sentadas lado a lado operando os instrumentos, uma está de pé, atrás delas.	Sete mulheres telefonistas trabalham num estabelecimento sob liderança de outra mulher.	
			Legenda da imagem:	“Nas primeiras décadas do século XX, já havia sinais evidentes da modernidade no país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Acima, operários da fábrica da General Motors, no bairro Ipiranga, em São Paulo, posam para retrato promocional da indústria, no final da década de 1920. No alto, telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro, em foto da mesma década”.		
			Vestimentas	Saia longa escura (uniforme), camisa branca, meia manga,	Mulheres jovens operárias	

		meias brancas e sapato		
	Acessórios	Coques, fones de ouvido, avental	Classe operária formada por mulheres	
	Conceitos relacionados	Trabalho feminino, Rio de Janeiro no final dos anos 20, instrução feminina		

Figura 29 – Operários e operárias na fábrica da General Motors

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
256	233	Foto em preto e branco	Homens e mulheres, operários e operárias em foto promocional na frente da Companhia General Motors do Brasil S.A	Página da direita do LD, seção “Para conhecer mais”	A maioria é de homens, que ocupam o centro da imagem. Sete mulheres estão à frente e nas laterais, segurando cartazes promocionais com os modelos dos automóveis. No centro da imagem, homens sentados.	Produção, 1920. http://blogs.diariodonordeste.com.br/automovel/chevrolet/gm-e-brasil-90-anos-de-historia/	Mais de cinquenta pessoas, sendo que somente foi possível identificar sete mulheres, a cena retrata uma ocasião especial porque os operários estão vestidos a rigor, bem como os dirigentes da empresa, que ocupam o primeiro plano da foto, sentados e com chapéus. A foto foi tirada na frente da edificação de alvenaria de dois pisos, uma porta ao centro e cinco janelas, no piso de cima, quatro janelas. Os cartazes promocionais, conforme indica a legenda, estão sendo segurados pelas mulheres, o tamanho dos cartazes cobre o chão até a cintura das mulheres.
			General Motors of Brazil S.A. Essa imagem compõe a página com a anterior.	A maioria dos homens tem uma postura séria; os sentados da frente esboçam sorrisos. As mulheres estão em atitude séria, duas delas, a da direita esboçam sorriso.	Os homens sentados à frente são, possivelmente, os responsáveis pela filial, os demais são funcionários. As mulheres possivelmente também são funcionárias.		
				Legenda da imagem:	“Nas primeiras décadas do século XX, já havia sinais evidentes da modernidade no país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Acima, operários da fábrica da General Motors, no bairro Ipiranga, em São Paulo, posam para retrato promocional da indústria, no final da década de 1920. No alto, telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro, em foto da mesma década”.		
			Vestimentas	Trajes sociais masculinos, mulheres usam roupas com decote em V.	Pequena elite industrial acompanhada dos trabalhadores da montadora de automóveis.		

	Acessórios	Não é possível identificar os acessórios femininos.	Os cartazes que as mulheres seguram é possível identificar alguns modelos de automóveis.		
	Conceitos relacionados	Consumo, capitalismo, General Motors no Brasil, trabalho feminino.			

História Temática: o mundo dos cidadãos

Figura 30 – Crianças da Juventude Hitlerista

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/site disponível	Descrição	
270	185	Foto em preto e branco	Crianças, meninos e meninas perfilados, erguendo a mão direita.	Página da direita do LD, na abertura do Capítulo 8 “As duas guerras mundiais: nacionalismos e preconceitos”	É possível identificar dez meninas brancas de cabelos claros ou castanhos. Meninos também atendem a essa característica.	1938, Tropical Press Agency/Getty Images. https://www.gettyimages.com/detail/fotografia-de-not%C3%A0Dcias/german-village-children-in-eger-giving-the-nazi-fotografia-de-not%C3%A0Dcias/2664140	A cena se passa numa rua; ao fundo é possível identificar edificações com a suástica nazista. As crianças estão bem vestidas e perfiladas com o braço direito para cima; conforme a legenda da imagem, são crianças da Juventude Hitlerista.
			As crianças estão em atitude de disciplina, curiosidade e respeito.	Crianças, meninos e meninas aguardam na rua para saudar Adolf Hitler.			
			Legenda da imagem:	“Acima, crianças da Juventude Hitlerista, em Eger, Alemanha, em 1938, erguem o braço direito para o alto aos gritos de ‘Heil Hitler’. A educação das crianças era um meio de construir a sociedade desejada: as escolas tinham suas atividades determinadas pelo governo nazistas.”			
			Vestimentas	Meninas usam vestidos abaixo do joelhos e meias brancas; os sapatos são pretos estilo boneca, e os meninos também usam meias e bermudas meia-canela. Duas meninas usam camisa e colete.			
			Acessórios	Algumas crianças seguram flores, os cabelos das meninas estão presos em tranças ou amarrados. Os cabelos dos meninos são curtos	As crianças pertencem à elite alemã, apoiadora do nazismo.		
			Conceitos relacionados	Juventude Hitlerista, características do nazismo			

Figura 31 – Pintura: O ruído da rua penetra dentro de casa

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
270	189	Pintura	Três mulheres observam a rua movimentada	A imagem integra com mais duas, a seção “Painel” empágina da direita do LD	As três mulheres parecem estar curiosas devido a movimentação da rua	1911, Umberto Boccioni “O Ruído da rua penetra dentro de casa”	Pintura do movimento futurista que retrata uma mulher de costas numa sacada observando a rua. Percebe-se em outras edificações duas mulheres debruçadas nas sacadas observando a rua. A rua está cheia de pessoas fazendo várias ações, parece uma procissão ou um desfile. A passividade feminina está sendo retratada na imagem.
				Atitude de curiosidade e observação	Mulheres ocupam o lugar de observadoras e em pontos mais elevados (nas sacadas das edificações).	http://pintara.oleo.blogspot.com/2013/02/desafios-resposta-futurismo.html	
				Legenda da imagem:	“[...] Já os artistas italianos da época reproduziram em suas obras o dinamismo desses novos tempos: era o movimento futurista. É o caso do quadro de Uberto Boccioni, Ruídos da rua invadem a casa, ao lado pintado em 1911.”		
			Vestimentas	Longos vestidos cinturados. A mulher do primeiro plano, de costas, veste uma sobrecasaca azul. Há também o que parecem ser cavalos alados, os dragões pendurados nas estruturas de metal da sacada.			
			Acessórios	Riqueza de detalhes, variedade de cores e formas	Existe uma diferença entre as mulheres que observam e as que estão na rua. As observadoras pertencem à classe rica.		
			Conceitos relacionados	Pintura italiana futurista, mulheres observadoras			

Figura 32 – Mulheres segurando munição

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição

270	191	Foto em preto e branco.	Sete mulheres	Na página da direita do LD na seção “Painel”	As mulheres constituem a grande parte da mão de obra da época	http://messageroveneto.gelocal.it/tem-po-libero/2016/03/25/news/donne-protagoniste-nella-grande-guerra-portatrici-e-vittime-1.13185168?refresh_ce	A cena é externa, algumas mulheres, oito aproximadamente, sendo que três delas têm o seu rosto “cortado” por outra cabeça. Ao fundo é possível ver um homem, possivelmente seu líder ou chefe. A legenda nos orienta que elas foram incentivadas a segurar as balas como se fossem crianças.
				Mulheres brancas e jovens	A expressão é de felicidades e contentamento		
				Legenda da imagem:	“Jovens operárias romanas de uma fábrica britânica estabelecida na Itália, durante a Primeira Guerra Mundial. Observe que o fotógrafo as fez posar segurando balas de canhão como se fossem crianças.”		
			Vestimentas	Vestidos longos	Classe operária feminina italiana. Mulheres jovens ladeadas, talvez por algumas mais velhas.		
			Acessórios	Véus e aventais	Mulheres de classes baixas.		
			Conceitos relacionados	Papel/trabalho feminino na guerra, maternidade, capitalismo			

Figura 33 – Mulheres e homem na fila para trocar entrada ao circo por gênero alimentício

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
	193	Foto em preto e branco	Jovem mulher, um homem idoso, uma mulher adulta e uma criança (menina) perfilados	Página da direita do LD na seção “Painel”	Três mulheres trocam alimentos por entrada em circo	Década de 1920, Alemanha. Digitalizada pela pesquisadora ..	A cena se passa na frente de uma bilheteria de circo, são quatro pessoas: uma jovem mulher (adolescente), um homem idoso, uma mulher adulta e uma criança (menina). A adolescente usa vestido meia-manga, florido e com tons claros. A mulher adulta usa saia longa e um casaco que tapa seus braços; a menina também veste-se conforme a senhora adulta. O homem idoso usa um boina e trajas masculinos da época.
				Todas as mulheres são brancas.	A jovem tem cabelos longos e presos, a mulher adulta usa um chapéu. A menina também tem cabelo preso.		
				Legenda da imagem:	“Bilheteria de um circo na Alemanha da década de 1920 aceita gêneros alimentícios como forma de pagamento. Em janeiro de 1923, 1 dólar valia 1800 marcos e, em novembro do mesmo ano, 4 milhões de marcos.”		
			Vestimentas	Vestidos e saias longos (abaixo do joelho), braços cobertos por blusas	A crise econômica era grande na época, as pessoas que tinham gêneros alimentícios para trocar por entrada no circo pertenciam a uma classe social privilegiada. É o caso das pessoas da foto.		
			Acessórios	Chapéu, boina, relógio	Elite que frequentava circos.		
			Conceitos relacionados	Elite urbana alemã da época, mulheres alemãs, acesso à cultura.			

Figura 34 – Mulheres e crianças judias no campo de concentração de Auschwitz

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / signficante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
	196	Foto em preto e branco	Quatorze pessoas: mulheres e crianças	Página da esquerda do LD na seção “Painel”	Oito mulheres adultas e cinco crianças.	Digitalizada pela pesquisadora	A cena se passa ao ar livre, é um grupo de mulheres e crianças, que, segundo a legenda, acabavam de chegar no campo de concentração de Auschwitz. As mulheres usam vestidos e véu na cabeça. Duas pessoas, uma mulher e um menina usam a estrela de Davi no peito (símbolo que representava os judeus). Uma mulher segura sua filha no colo. As demais estão próximas às crianças.
				As mulheres são mães, brancas, jovens e judias	A legenda não menciona o trabalho feminino forçado, mas ele existia; as mulheres além do trabalho, cuidavam dos filhos e filhas. As expressões das pessoas são de calma, uma delas expressa um tímido sorriso para o fotógrafo (centro). A mulher da esquerda, segura seus filhos e baixa o olhar na hora no clic.		
				Legenda da imagem:	“Mulheres e crianças judias chegam ao campo de Auschwitz, na Polônia. Estima-se que de 4 a 6 milhões de judeus morreram nos campos de concentração onde recorriam a procedimentos de eliminação em massa, como as câmaras de gás. Além de local de extermínio, os campos de concentração incluíam trabalho forçado. Parte dos prisioneiros trabalhavam em regime de escravidão para empresas alemãs, entre elas: Siemens, Bayer, Daimler Chrysler, Krupp, IG-Farben, Volkswagen. Em Auschwitz, por exemplo, foi construído, nas proximidades do campo de concentração, um parque industrial da IG-Farben (indústria química), onde trabalhavam cerca de 20 mil prisioneiros. Também se tornavam prisioneiros desses locais os considerados inimigos políticos, principalmente os militantes da esquerda”.		
			Vestimentas	Vestidos longos e lenços na cabeça. Crianças, meninos, vestidos como adultos pequenos	As mulheres e crianças eram consideradas incapazes pelo governo nazista.		

	Acessórios	Lenços, óculos, boina.	Trabalhadoras do lar, mães de família de classe média/alta		
	Conceitos relacionados	Mão de obra feminina nos campos de concentração, maternidade da mulheres judias nos campos de concentração			

Figura 35 – Mulheres russas resgatam pertences

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
	198	Foto em preto e branco	Quatro mulheres perfiladas em caminhada, dois homens à esquerda acompanhando e observando, algumas pessoas atrás (homens e mulheres)	Página da esquerda do LD na seção “Painel” Expressões de seriedade e pressa Legenda da imagem:	Mulheres brancas que habitavam a área urbana da cidade. A legenda não menciona nenhuma vez a palavra mulheres, mas elas tinham a incumbência de zelar pelos pertences da família. “População resgata seus pertences das ruínas da antiga cidade de Leningrado (atual São Petersburgo), no norte da Rússia.”	Behmann/Cobins/LatinStock, 1942. http://www.latinstock.com.br/Site/dotnet/brImageAmpliada.aspx?id=6190813&ehPrimeira=false&ehUltima=false&MenuId=126&pkt	O cenário é de ruínas, Leningrado foi invadida pelos nazistas. Há uma edificação de alvenaria com consideráveis avarias, fumaça e destroços de outras construções na rua. As mulheres saem dessa edificação com seus pertences (cobertores e cesta). Possivelmente é frio e elas caminham apressadamente em direção à pessoa que faz a fotografia.
			Vestimentas	Pesados casacos e cachecóis	Mulheres da cidade		
			Acessórios	Cesta e cobertas	Pouquíssimo objetos, remetem a uma grupo de pessoas diretamente prejudicado com a guerra.		
			Conceitos relacionados	Mulheres russas e a Segunda Guerra Mundial			

Figura 36 – Família camponesa de A. Wissel

Número total de páginas do livro	Número da página da imagem analisada/localização no livro	Tipo de imagem	Forma / significante	Conteúdo/significado	Autor da imagem/ site disponível	Descrição	
	205	Pintura colorida	Quatro mulheres brancas e dois homens	Página da direita do LD na seção “Trabalhando com documentos visuais” Rosto apáticos e sérios	Uma mulher mais velha, que parece ser a mãe do homem mais velho e avó das crianças, uma mulher jovem, que possivelmente é a mãe, duas meninas pequenas e um menino pequeno. O poder do pai está em evidência, alimentado pelo olhar da mãe (sogra), ele é o responsável pela família. A mulher, esposa, representa o cuidado com as crianças. Os cabelos femininos estão hermeticamente presos	Pintura de A. Wissel, 1939. http://www.tuhle-italia.net/ado/lphwissel.html	A cena retrata uma família alemã camponesa, próxima à casa; o local é uma região rural. A mãe está à frente da sogra, abraçando uma menina com as mãos cruzadas. O pai troca um olhar com sua mãe, que bebe algo numa pequena xícara com pires. A menina da desenha sobre uma mesa, enquanto o jovem menino brinca com um cavalinho branco de brinquedo. À frente da mãe com a criança no colo há uma pequena

			em coques e tranças. Os homens têm cabelos aparados. O olhar da mãe é triste e passivo.		cesta de costura e uma boneca de pano.
		Legenda da imagem:	“Pintura de A. Wissel (1939), um dos representantes da obra oficial nazista, retratando família camponesa de Kalemberg.”		
	Vestimentas	Roupas escuras, somente a criança, menina, do colo da mãe está vestida com jardineira vermelha.	Família camponesa, possivelmente possuidora de terra.		
	Acessórios	Mesas, folhas, lápis de cor, xícara, pires, brinquedos.	Família da burguesa latifundiária		
	Conceitos relacionados	Maternidade, gênero e geração (sogra). Submissão feminina ao marido/homem/sogra			

Apêndice C – Planos/propostas de sequência didática aplicados como Produto Final

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – 26 DE NOVEMBRO DE 2018

UNIDADE DIDÁTICA

1 Identificação

Aula para estudantes do Ensino Fundamental sobre leitura de imagens e representação do feminino

Local: EMEF Francisco Zilli – Flores da Cunha/RS

Ministrantes: Professora especialista em Educação de Jovens e Adultos e Mestranda em História Daiane Dala Zen – <http://lattes.cnpq.br/8609033151827838>

Público-Alvo: Estudantes do Ensino Fundamental (5º, 6º e 8º anos)

Data: 26 de novembro de 2018

Carga horária: 4 horas

Horário: 7h20min as 11h50min

2 Tema central

Refletindo sobre diferenças e igualdades entre meninos e meninas através do uso de imagens

3 Introdução

A proposta desta sequência didática, adaptada conforme o ano do(a) estudante, intenciona ampliar o universo de conhecimentos dos estudantes, para que reflitam sobre as imagens e representações das meninas e das mulheres, em diferentes materiais impressos, como, por exemplo: gibis, revistas de cosméticos, jornais e livros didáticos; buscar, assim, refletir de modo crítico sobre o papel desempenhado pelas meninas e mulheres na sociedade; buscar diálogo vivo, intenso e articulado com os desafios, as metas e os preconceitos a serem superados, para que o processo educativo aconteça realçando a diversidade, o respeito com o outro e a importância das meninas e mulheres na nossa sociedade.

4 Objetivo geral

- Analisar imagens e representações do feminino (meninas e mulheres) em diferentes materiais impressos e perceber o preconceito velado e a violência simbólica que as meninas e mulheres vêm sofrendo na sociedade, em função do patriarcado.

4.1 Objetivo específico

- analisar imagens de representações do feminino nos diversos materiais disponíveis;
- discutir sobre os papéis dos dois sexos no espaço do lar e na escola;
- analisar as cores, as brincadeiras e os objetos comumente usados por meninos e meninas.

5 Percurso metodológico

<https://www.youtube.com/watch?v=kydSWwrVOQw&t=119s>

1º Momento: Conversação sobre o que os(as) estudantes gostam de fazer e seus talentos.

2º Momento: Através das imagens, questionar:

- O que aparece na primeira imagem?
- Quais são os elementos que existem na cena?
- Quais as cores predominantes?

Existem coisas de meninos e meninas? Por quê?

3º Momento: Num cartaz, em grupos, os(as) estudantes responderão às seguintes questões:

1. Diferenças entre meninos e meninas?
2. Como as imagens/fotos/filmes/propagandas representam os homens/meninos, mulheres/meninas?
3. Quais são as habilidades que meninos/meninas possuem?

Bibliografia básica

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum (BNCC). *In*: MEC: Ministério da Educação. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>. Acesso em: 13 mar. 2018.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – 17 DE AGOSTO DE 2018

UNIDADE DIDÁTICA

1 Identificação

Apresentação parcial da dissertação de mestrado sobre imagens do feminino e sua aplicação no ensino de História na Educação de Jovens e Adultos

Local: Universidade de Caxias do Sul – Sala: 309

Ministrantes: Professora Daiane Dala Zen – <http://lattes.cnpq.br/8609033151827838>

Público-alvo: Estudantes da graduação em Licenciatura Plena em História

Data: 17 de agosto de 2018

Carga horária: 1h30min

Horário: 19h 40min às 21h10min

2. Tema central

Estrutura geral da dissertação de mestrado **MULHERES SEM ROSTO: IMAGENS DO FEMININO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

3 Introdução

A proposta desta pequena fala intenciona ampliar o universo de conhecimentos dos futuros professores e professoras e potencializar suas ações, considerando as demandas contemporâneas, sobre como trabalhar imagens do feminino no Livro Didático, que muitas vezes nos passam despercebidas; buscar, assim, refletir de modo crítico sobre o fazer pedagógico e o uso de imagens do feminino, com um movimento contínuo e recursivo ao longo da caminhada da docência, de modo que a história das mulheres possa deixar de ser complemento e possa fazer parte das práticas pedagógicas e de demais reflexões, no cotidiano das aulas de História.

4 Objetivos gerais

- Apresentar, em linhas gerais, a estrutura da dissertação de mestrado;
- refletir sobre o uso de imagens dn prática pedagógica.

5 Objetivos específicos

- Apresentar o problema de pesquisa;
- apresentar o percurso e os resultados obtidos até o momento.

6. Percurso metodológico

A proposta para esse momento é a apresentação do *Prezi* com o material do projeto desenvolvido pela escola, no segundo semestre de 2017. <https://prezi.com/p/66s894rrjudk/>

Por meio de uma pequena oficina de leitura de imagens (cinco imagens de LD de História), oportunizar momentos de debate e discussão acerca do uso de imagens do feminino em aulas de História.

A proposta para esse momento é uma oficina composta por cinco grupos. Cada grupo ficará com uma das imagens e deverá, segundo orientações da folha (abaixo), fazer o que é solicitado. No final, cada grupo apresenta suas conclusões.

Atividades em grupo – Leitura de imagem

A – Observar a imagem;

B – elaborar uma apresentação em folha A3, procurando responder às questões abaixo sobre a imagem:

1. O que se vê nesta imagem?
2. Como a personagem está vestida?
3. Que idade aproximadamente tem?
4. Qual é o cenário da imagem?
5. A que classe social ela pertence?
6. De que época é a imagem? Por quê?
7. Quais cores aparecem na imagem?
8. A personagem usa acessórios? Quais?
9. Há informações escritas na imagem? Quais?
10. Qual foi o propósito da imagem?
11. Que conceitos podemos associar a esta imagem?

C – Analisar as competências específicas de História, segundo a BNCC e elaborar habilidades que deem conta das competências, tendo como base a imagem do seu grupo.



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.



História Temática: O mundo do cidadão 9º ano. Editora Scipione, 2010. Imagem da p. 191.

Legenda da imagem: “Jovens operárias romanas de uma fábrica britânica estabelecida na Itália durante a Primeira Guerra Mundial. Observe que o fotógrafo as fez posar segurando balas de canhão como se fossem crianças”.



Vontade de saber História, 9º ano. Editora FTD, 2012. Imagem da p. 100, início do capítulo.

Legenda da imagem: “Cerimônia realizada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o governo do Brasil.



Vontade de saber História, 9º ano. Editora FTD, 2012. Imagem da p. 70. Texto-complemento do capítulo intitulado “As mulheres na Primeira Guerra Mundial”.

As mulheres deixaram de trabalhar nos campos para manter e ampliar muitas de suas atividades. Elas conseguiram se afirmar como profissionais e conseguiram garantir melhores salários ao trabalhar em universidades. Além disso, atuaram em vários países.

Após a guerra, a moda feminina se transformou. Nessa fotografia, tirada por volta de 1925, vemos um grupo de mulheres vestindo roupas de banho consideradas muito ousadas para a época.



Vontade de saber História, 9ºano. Editora FTD, 2012. Imagem da p. 70. Texto-complemento do capítulo intitulado “As mulheres na Primeira Guerra Mundial”.



Nova História Crítica, 8ª série. Editora Nova Geração, 2004. Imagem da p. 155.
Imagens retiradas da seção “Reflexões críticas” (final do capítulo).

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO PROFISIONAL DE HISTÓRIA

***APLICAÇÃO DO PRODUTO FINAL – GÊNERO E LEITURA DE IMAGEM:
UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)***

1 Identificação

Formação continuada de professores da rede municipal de Flores da Cunha/RS

Local: Sala de reunião da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha

Ministrante: Professora Daiane Dala Zen

Público-alvo: professoras de História da rede pública municipal de Flores da Cunha/RS

Data: 8 de junho de 2018

Carga horária: 2 horas-aula.

2 Tema central

Imagens do feminino e seus contextos no mundo contemporâneo (livros didáticos, mídias, panfletos de propagandas) e as relações de gênero.

3 Introdução

A ideia de realizar um curso de formação, com a temática *imagens do feminino e seus contextos no mundo contemporâneo*, possibilitaria, assim, uma formação integrada envolvendo as várias áreas e também faz parte do produto final do Mestrado Profissional que estou realizando, tendo em vista que leciono numa escola onde se procura trabalhar de forma interdisciplinar. Para se apropriar dessas representações disponíveis nos livros didáticos e em outros repositórios, como propagandas, é necessário compreender alguns conceitos que estão “costurados” nessa ideia. Assim, para Azevedo (2016, p. 11), “torna-se cada vez mais necessário problematizar a categoria gênero, no âmbito social, se pensarmos no contexto atual, onde os debates sobre as questões de gênero tomaram uma proporção maior e atingiram principalmente o campo da educação”.

A dissertação apoiou-se na História Cultural, defendida por Chartier, conforme nos orienta Barros (2005, p.126): modalidade da História que se desenvolveu no século XX e que oferece uma riqueza de possibilidades aos historiadores. Em função disso, há um leque de possibilidades interdisciplinares, que conectam-se aos estudos sobre imagem, fotografia, discurso, representação e história das mulheres.

Na pesquisa empírica, constatei que nas coleções selecionadas, as imagens das mulheres aparecem em número reduzido, e as poucas que aparecem não trazem ou trazem de forma bem limitada, na legenda, informações sobre essas mulheres. Isso representa uma perda muito grande para nossos(as) estudantes. Devemos levar em conta que as escolhas dos autores e editores de LD, muitas vezes, reforçam o poder do patriarcado em nossa sociedade, e o(a) estudante que observa, ou é orientado a observar essas imagens femininas, ou mesmo a ausência delas nos LD de História, constrói seu conhecimento podendo reproduzir a ideia de que a história das mulheres não é algo importante, ou mesmo, o fato de o papel feminino na sociedade em que está inserido não ter relevância. Dessa forma, são “plantadas sementes” de preconceito desde muito cedo. O conhecimento, segundo Vygotsky, é um processo que acontece de forma interativa; logo ao se apropriar dessas imagens, que reforçam o patriarcado, o(a) estudante tende a construir seu arcabouço de significações, que podem reforçar o preconceito desde muito cedo.

Levando em conta a demanda de necessidades cada vez mais urgentes, que o bombardeio de imagens implica, surgiu a ideia, por parte das minhas colegas de escola, que eu trouxesse um pouco da experiência de leitura de imagens que venho construindo com os livros didáticos; porém, tenho que considerar que a formação das colegas na escola em que leciono são distintas. Por isso, organizei este curso com um viés interdisciplinar.

4 Justificativa

Apesar da vasta produção acadêmica sobre os estudos de gênero, história das mulheres e uso de imagens, pouco se fez para que a temática seja incluída nos currículos escolares e nos livros didáticos. É preciso lembrar que a escola educa para as relações de gênero, consciente ou inconscientemente, quando normatiza e disciplina comportamentos.

Os livros didáticos e demais produtos impressos com imagens, como pôsteres, propagandas, apresentam muitos materiais iconográficos, e suas representações podem oportunizar a construção de estratégias facilitadoras de aprendizagem nas aulas. Nesses materiais, podemos encontrar desenhos, reproduções de obras de arte, fotografias, que corroboram a representação de contextos e que, muitas vezes, é ignorada pelo(a) professor(a) e por estudantes. Na prática pedagógica, é importante enfatizar as representações do feminino disponíveis e problematizá-las, proporcionando uma reflexão crítica com os estudantes sobre como acontecem essas representações.

5 Objetivo geral

Esta formação continuada de professores tem como objetivo promover o conhecimento e as possibilidades de explorar as imagens do feminino disponíveis nos livros didáticos, em pôsteres de propagandas e imagens de jornais, por meio de metodologia de leitura de imagem e de conteúdo das legendas que acompanham esses materiais.

5.1 Objetivos específicos

- Identificar os materiais impressos, como pôsteres, jornais como um objeto cultural, produto de seu tempo e ideologicamente projetado;
- Discutir a inserção da temática de gênero no ensino das disciplinas, na escola 1º de Maio de Flores da Cunha;
- Identificar como os papéis e as hierarquias de gênero são construídos e legitimados nos diversos contextos;
- Ler e interpretar imagens do feminino no Livro Didático e fora dele.

6 Percorso metodológico

A formação iniciará com a apresentação do *Power Pont* sobre gênero e imagens do feminino. Em seguida, discutiremos como essas imagens e representações passam muitas vezes despercebidas no dia a dia da sala de aula e fora dela. Em seguida, será proposto um exercício de leitura conforme o quadro abaixo.

1º Momento

Power Pont.

2º Momento

Sobre o material apresentado, iremos discutir os seguintes pontos:

1. O que é gênero, afinal?
2. É importante discutimos sobre esse tema no nosso cotidiano?
3. Quais são as considerações que podemos fazer sobre igualdade de gênero?

3º Momento

Serão oferecidas três imagens para as colegas neste momento. Cada uma receberá um quadro como este abaixo e, assim, exploraremos as imagens, e suas observações serão relatadas nos espaços correspondentes.

Questões	Imagem 1	Imagem 2	Imagem 3
1. O que se vê nessa imagem?			
2. Como a personagem está vestida?			
3. Que idade aproximadamente tem?			
4. Qual é o cenário da imagem?			
5. A que classe social ela pertence?			
6. De que época é a imagem? Por quê?			
7. Quais cores aparecem na imagem?			
8. A personagem usa acessórios? Quais?			
9. Há informações escritas na imagem? Quais?			
10. Qual foi o propósito da imagem?			
11. Que conceitos podemos associar a esta imagem?			